FACULDADE PARAENSE DE ENSINO - FAPEN
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM PUBLICIDADE E PROPAGANDA

DARLANN MIRANDA DOS SANTOS

FAKE NEWS EM BELÉM:

A EXPERIÊNCIA DE FATOS EM CONTEXTO DE PROLIFERAÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS COM OS MORADORES DOS BAIRROS DE CANUDOS E DO MONTESE (TERRA FIRME)

BELÉM
2019

DARLANN MIRANDA DOS SANTOS

FAKE NEWS EM BELÉM:

A EXPERIÊNCIA DE FATOS EM CONTEXTO DE PROLIFERAÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS COM OS MORADORES DOS BAIRROS DE CANUDOS E DO MONTESE (TERRA FIRME)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paraense de Ensino – FAPEN como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.
Orientador: Will Montenegro Teixeira

BELÉM
2019

Santos, Darlann Miranda dos

Fake news em Belém: a experiência de fatos em contexto de proliferação de informações falsas com os moradores dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme) / Darlann Miranda dos Santos; Orientador Prof. Msc. Will Montenegro Teixeira – Belém, 2019.

110 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Faculdade Paraense de Ensino. Belém, 2019.

1. Fake news – Belém (PA) I. Titulo

CDU: 657

DARLANN MIRANDA DOS SANTOS

FAKE NEWS EM BELÉM:

A EXPERIÊNCIA DE FATOS EM CONTEXTO DE PROLIFERAÇÃO DE INFORMAÇÕES FALSAS COM OS MORADORES DOS BAIRROS DE CANUDOS E DO MONTESE (TERRA FIRME)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Paraense de Ensino – FAPEN como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda.

Aprovador em: __/__/__

Banca Examinadora

_____ - (Orientador)
Prof.

_____
Prof.

_____
Prof.

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Mauricio Ferreira dos Santos e Christiane Rakel Pereira Miranda pelo incentivo.

Ao meu orientador Will Montenegro Teixeira por todo o apoio dado para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A Jaqueline Vasconcelos Fernandes que foi meu anjo da guarda acadêmico.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ser minha base.

Agradeço a todos os meus amigos que me apoiaram ao longo desta caminhada. Mesmo nos momentos mais difíceis estiveram ao meu lado me incentivando.

Aos entrevistados que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos professores do curso de comunicação social com habilitação publicidade e propaganda por todo o conhecimento passado ao longo desta caminhada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a compreensão do fenômeno das *fake News*. Para melhor compreensão acerca deste fenômeno, optou-se por um percurso metodológico inicial com uma pesquisa de caráter exploratória. Após reflexão acerca dos textos e definição dos autores que seriam apresentados neste projeto, optou-se por uma pesquisa qualitativa com os moradores dos bairros do Canudos e do Montese (Terra Firme). Assim, foram realizadas vinte e cinco entrevistas com aplicação de um formulário estruturado com dezoito questões. O referencial teórico baseia-se em estudos sobre *fake news* de autores como Santaella (2018), Magrani (2014), Rocha (2019), Moroni (2018), além de estudos de outros autores que discutem acerca deste fenômeno. O estudo pode mostrar que em geral os entrevistados são os que possuem o papel principal no compartilhamento de *fake news*.

Palavras-chaves: *fake news*, *whatsapp*, redes sociais, pós-verdade, Belém.

ABSTRACT

This work aims to understand the phenomenon of fake news. For a better understanding of this phenomenon, we opted for an initial methodological path with a research of exploratory character. After reflection on the texts and definition of the authors that would be presented in this project, it was opted for a qualitative research with the residents of the neighborhoods of Canudos and Montese (Terra Firme). Thus, twenty-five interviews were conducted with the application of a structured form with eighteen questions. The theoretical framework is based on studies on fake news from authors such as Santaella (2018), Magrani (2014), Rocha (2019), Moroni (2018), and studies from other authors who discuss this phenomenon. The study may show that in general the interviewees are the ones who have the main role in the sharing of fake news.

Keywords: fake news, whatsapp, social networks, post-truth, Belém.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 Publicação feita no t*witter* sobre o caso de 2014 14

Imagem 2 Publicação feita no t*witter* sobre o não funcionamento de escolas e universidades 14

Imagem 3 Publicação feita no t*witter* de um morador sem entender o que estava acontecendo 15

Imagem 4 Notícia sarcástica sobre a teoria da terra plana 31

Imagem 5 Capa da revista The economista 56

Imagem 6 Capa do Livro de Ralph Keyes 57

Imagem 7 Quantidade de homens e mulheres que moram no bairro do Canudos 61

Imagem 8 Faixa etária da população do Canudos 61

Imagem 9 Faixa etária por grupos da população do bairro do Canudos 62

Imagem 10 Dados tabulados sobre a população do Canudos 62

Imagem 11 Quantidade de homens e mulheres que moram no bairro do Montese 63

Imagem 12 Faixa etária da população do Montese (Terra firme) 64

Imagem 13 Faixa etária por grupos da população do bairro do Montese (Terra firme) 64

Imagem 14 Dados tabulados sobre a população do Montese (Terre firme) 65

Imagem 15 Publicação feita no *facebook* sobre o "Kit Gay" 67

Imagem 16 Vídeo sobre a reportagem da TV Record de 2011 67

Imagem 17 Mensagem que era disseminada via *whatsapp* sobre o Kit Gay 68

Imagem 18 Entrevista de Jair Messias Bolsonaro ao Jornal Nacional em 2018 69

Imagem 19 Publicação feita no *twitter* sobre a ideologia de gênero nas escolas 70

Imagem 20 Recorte de uma notícia sobre a ideologia de gênero 71

Imagem 21 Mensagem que circulava no *whatsapp* sobre propostas de discussão da ideologia de gênero 71

Imagem 22 Texto compartilhados nas redes sociais sobre o projeto 74

Imagem 23 Mensagem falsa divulgada em grupos do *whattsapp* 75

Imagem 24 Mensagem via *whatsapp* sobre a vacina contra febre amarela 77

Imagem 25 Notícia sobre campanha de vacinação contra o sarampo 79

Imagem 26 Mensagem sobre 10 razões pelas quais não deveria vacina seu filho (a) 80

Imagem 27 Vídeo falso sobre o processo de vacinação que estava circulando via *whatsapp* 80

Imagem 28 Print da notícia do Jornal A Folha de S Paulo 81

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Faixa etária dos entrevistados 82

Tabela 2 Ocupação profissional dos entrevistados 83

Tabela 3 Renda mensal dos entrevistados 84

Tabela 4 Escolaridade dos entrevistados 84

Tabela 5 Estado civil dos entrevistados 85

Tabela 6 Número de descendentes dos entrevistados 85

Tabela 7 Entrevistados que utilizam o *facebook* 86

Tabela 8 Entrevistados que utilizam o *instagram* 86

Tabela 9 Entrevistados que utilizam o *whatsapp* 86

Tabela 10 Entrevistados que utilizam o *twitter* 87

Tabela 11 Entrevistados que utilizam outras redes sociais 87

SUMÁRIO

1. SEÇÃO 1: ONDE TUDO COMEÇOU 13

2. SEÇÃO 2: SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO 20

2.1. Mídia Social 24

2.1.1. Apropriação Criativa 25

2.1.2. Conversação 25

2.1.3. Diversidade de Fluxos de Informação 26

2.1.4. Emergência das Redes Sociais 26

2.1.5. Emergência de Capital Social Mediado 26

2.2. Rede Social 26

3. SEÇÃO 3: *FAKE NEWS* E SUAS FACETAS 28

3.1. Tipos de Fake news 30

3.2. As *fake news* e as Filter Bubble (ou Filtros-Bolha) 33

3.3. As *fake news* e o whatsapp 38

3.4. As *fake news* e seus Possíveis Impactos na Percepção-ação Coletiva 40

3.5. As Origens das *fake news* no Fundamentalismo Cristão 50

3.6. Pós-verdade 56

4. SEÇÃO 4: COMO OS MORADORES DO CANUDOS E DO MONTESE (TERRA FIRME) PERCEBEM AS *FAKE NEWS* 59

4.1. Bairro do Canudos 60

4.2. Bairro do Montese (Terra Firme) 63

4.3. *Fake news* utilizadas na pesquisa 65

4.4. *Fake news* – Sexualidade e gênero 65

4.5. *Fake news* – Segurança 74

4.6. *Fake news* – Saúde 76

4.7. *Fake news* – Artistas 81

4.8. Entrevistas 82

Idade 82

Ocupação 82

Renda mensal 83
Escolaridade 84
Estado civil 85
Descendentes 85
Uso de redes sociais 85
Como costumam se comportar ao receberam notícias por meio do whatsapp 89
4.9. *Fake news* – Sexualidade e gênero 90
4.10. *Fake news* – Segurança 93
4.11. *Fake news* – Saúde 99
4.12. *Fake news* – Artistas 100
CONSIDERAÇÕES FINAIS 103
REFERÊNCIAS 106
APÊNDICE 108

1. SEÇÃO 1: ONDE TUDO COMEÇOU

Constantemente passamos por mudanças nos processos de comunicação, com acesso às redes sociais que nos permitem trocas de informações em questão de minutos. Atrelado a toda essa facilidade e agilidade estão as *fakes news.* Desde o período eleitoral de 2016 que como protagonista esteve o candidato republicano Donald Trump [1] e a democrata Hillary Clinton que promoveram ao longo de quase dois anos uma das disputas eleitorais mais intensas e agressivas dos Estados Unidos, o fenômeno das *fake news* tem sido um dos assuntos mais debatidos no mundo. Assim como nos Estados Unidos, as eleições no Brasil em 2018 [2] também foram marcadas por notícias com falsas informações. A disputa presidencial entre os então candidatos Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT) teve a plataforma digital w*hatsapp* como um dos principais meios de propagação de *fake news* nas eleições brasileiras.

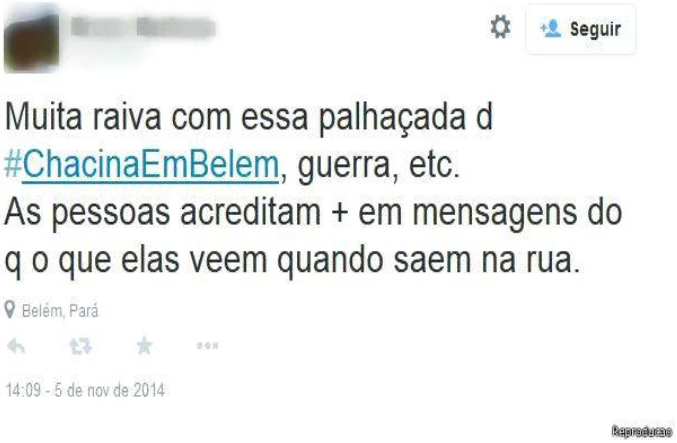
Dentre os diversos tipos de *fake news* que surgem diariamente, as de cunho político ainda são mais virais. Segundo o psiquiatra e diretor da Associação Brasileira de Psiquiatria, Claudio Martins[3], assim como o futebol e a religião, tratamos o assunto, política como uma crença, assim ao recebermos informações sobre este tema absorvemos como uma verdade absoluta. No entanto, a proliferação de *fake news* vem causando danos em vários setores como da saúde, segurança, etc.

Como morador do bairro de Canudos há mais de 15 anos, presenciei em várias circunstâncias a propagação de notícias falsas principalmente quando se tratam de casos de segurança pública, como no dia 4 de novembro de 2014 [4] após a morte do cabo da Polícia Militar Antonio Marcos da Silva Figueiredo (Cabo Pet), de 43 anos, que foi morto na rua em que morava, chamada Augusto Corrêa no bairro do Guamá. Logo após a morte do cabo da Polícia Militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo, algumas informações sobre uma possível chacina[5] em alguns bairros periféricos de Belém começaram a ser

[1] Ver: http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/donald-trump-vence-hillary-clinton-e-e-eleito-presidente-dos-eua.html>. Acesso em 20/03/2019.
[2] Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45978191> . Acesso em 09/04/2019.
[3] Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45767478>. Acesso em 21/03/2019.
[4] Ver: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2015/04/promotoria-militar-indicia-14-pms-por-chacina-que-matou-10-em-belem.html>. Acesso em 25/03/2019.
[5] Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141106_salasocial_belem_whatsapp_cc>. Acesso em 25/03/2019.

divulgadas por redes sociais. Naquele período *hashtags*, como #ChachinaEmBelém, #Belém e #Guama chegaram a ser os assuntos mais populares no *twitter* Brasileiro.

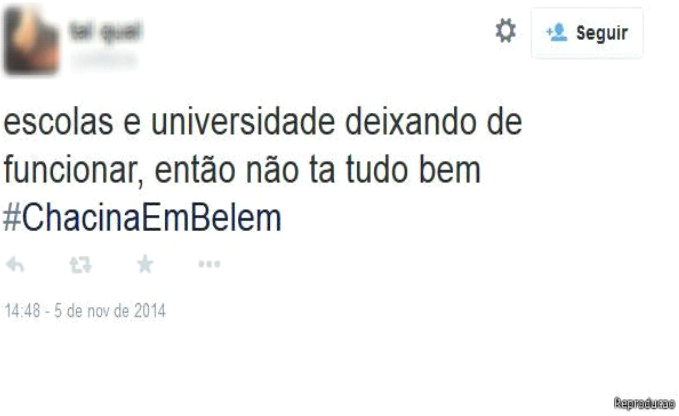
Imagem 1: Publicação feita no *twitter* sobre o caso de 2014



Fonte: Site BBC Brasil, 2014

Publicação feita pelo t*witter* sobre o caso de 2014.

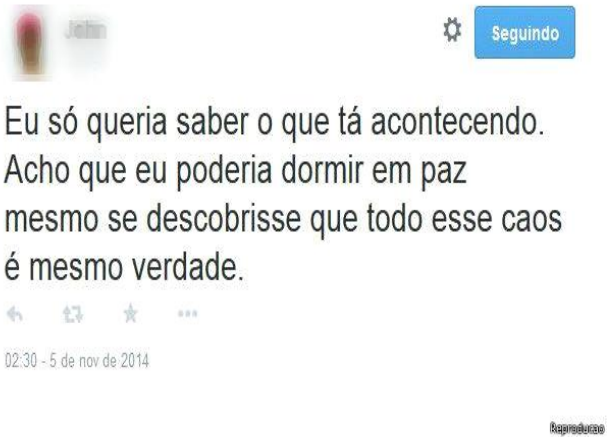
Imagem 2: Publicação feita no *twitter* sobre o não funcionamento de escolas e universidades



Fonte: Site BBC Brasil, 2014

Em outra publicação feita no *twitter* um morador relata não entender o que estava de fato acontecendo

Imagem 3: Publicação feita no *twitter* de um morador sem entender o que estava acontecendo



Fonte: Site BBC Brasil, 2014

Pelo *whatsapp* surgiram áudios nos quais supostos policiais alertavam para que ninguém naquela noite fosse para os bairros nos quais possivelmente ocorreria a chacina.

Em um áudio um suposto policial dizia:

> "Senhores, sério, façam o que for preciso, mas não vão para o Guamá, não vão para o Canudos, nem para a Terra Firme hoje à noite. É uma questão de segurança dos senhores, tá? Mataram um policial nosso e vai ter uma limpeza na área. Ninguém segura ninguém, nem coronel das galáxias. Os meninos estão soltos. E, por favor, fiquem em casa, não vão para a rua, não fiquem em esquinas".

Como se não bastassem os áudios, várias imagens falsas e estimativas de mortos que variavam de 35 a cerca de 100 pessoas estavam sendo divulgadas. Consequentemente essa amplificação de informações causou desespero na população de Belém e principalmente nos moradores desses bairros onde supostamente ocorreria a chacina. Como morador de canudos vivenciei o reflexo da propagação de notícias contendo informações falsas e vi minha rotina mudar durante vários dias. Após ter vivido esta experiência e o caos que as *fake news* causaram em nosso país durante o período eleitoral de 2018, pude refletir sobre como esse novo modo de produzir e propagar notícias falsas (*fake news*) por redes sociais como *facebook, whastapp, twitter,* etc, vem afetando diretamente o nosso convívio social. Esta reflexão também estabeleceu as seguintes dúvidas: como notícias falsas conseguem ter tanta influência sobre as pessoas? O que nos

leva a compartilhar notícias de forma tão inconsequente, notícias essas que são capazes até de causar mortes? Assim, essas duas questões são o que motivam e justificam este estudo. A partir, dos efeitos que as *fake news* estão causando não só no Brasil, mais no mundo, entende-se o quão é necessário discutir acerca deste fenômeno, discussão essa que iniciou-se em congresso[6] e agora de forma mais profunda neste trabalho. Em razão disto, este trabalho tem como intuito a compreensão deste fenômeno que se mostrou evidente em nosso país na última eleição presidencial durante o segundo turno entre os então candidatos Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). Para isso, foi realizada uma pesquisa envolvendo *fake news* com os moradores das regiões periféricas[7] de Belém, mais especificamente dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme). O *whatsapp* foi escolhido como a rede social por onde os entrevistados supostamente receberiam a *fake news* para realização desta pesquisa por hoje ser usada como uma comunicação de massa, além, disso muitos dos usuários desse aplicativo só tem acesso à *internet* por ele. Além disso, o *whatsapp* não tem algoritmos[8] que possam influenciar o que os usuários veem primeiro, ou seja, é o próprio usuário quem determina o que irá discutir ou que chama mais sua atenção, assim, acaba tendo o papel principal na propagação das *fake news.*

Para melhor compreensão do fenômeno das *fake news* e definição dos autores e conceitos que seriam abordados neste trabalho, optou-se por um percurso metodológico inicial com uma pesquisa de caráter exploratória. Segundo Gil (2008) "a pesquisa é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico" (GIL, 2008, p. 26). Com objetivo de destrinçar respostas através de procedimentos científicos. Além disso, de acordo com o autor as pesquisas exploratórias são desenvolvidas com "objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato" (GIL, 2008, p. 27). Assim, foi realizada uma extensa pesquisa bibliográfica através de livros teóricos, artigos elaborados em universidades, busca de informações através de conceituados sites envolvendo estudos de pensadores de grande relevância que explicam

[6] Ver: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1602-1.pdf>. Acesso em 27/11/2019

[7] Aquela área da cidade que em termos de localização situa-se nos arredores do espaço urbano. Trata-se de uma faixa periférica que, a cada momento que se considera inclui: a) áreas que se acham urbanizadas e nos limites do espaço urbano continuo; b) áreas onde a urbanização ainda e incipiente, coexistindo com áreas de agricultura, ora intensiva, ora extensiva, ou então marcada por uma forte esterilização

[8] Algoritmos são conjuntos de regras que são utilizadas pelas redes sociais (ou por buscadores, como o Google) para determinar quais resultados são visíveis para os seus usuários. Eles funcionam mais ou menos como um editor de jornal e trabalham para curar os melhores materiais e torná-los disponíveis.

desde a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais, os conceitos de mídias sociais e redes sociais, assim como a definição de *fake news*, sua evidência nos períodos eleitorais tanto nos EUA como no Brasil, suas variações, as relações com *filter bubble* (ou filtros-bolha), a forma que é divulgada pelo w*hatsapp*, suas consequências em campos como social, religioso, psicológico, além de esclarecer o surgimento do neologismo chamado pós-verdade.

Após reflexão acerca dos textos pesquisados e definição dos autores e conceitos que seriam apresentados neste projeto, optou-se por uma pesquisa qualitativa, com os moradores dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme), diante das diversas ideias e teorias que surgiram acerca do objeto de estudo presente neste trabalho. De acordo com Teixeira (1999) na pesquisa qualitativa "o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados, entre o contexto e a ação, usando a lógica da análise fenomenológica" (TEIXEIRA, 1999, p.137). Ou seja, de compreender os fenômenos por meio da sua descrição e interpretação. Ainda segundo autora na pesquisa qualitativa, o social é visto "como um mundo de significados passível de investigação e a linguagem dos atores sociais e suas práticas as matérias-primas dessa abordagem" (TEIXEIRA, 1999, p. 140).

A pesquisa com os moradores teve início no dia 06 de outubro de 2019 e foi finalizada no dia 03 de novembro 2019, durante este período foram realizadas entrevistas com vinte e cinco moradores dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme). Sendo seis entrevistas ocorrendo de forma presencial e dezenove semipresencial por meio de vídeo chamada. A escolha do método de entrevista para obtenção dos dados ocorreu com o intuito de se obter a maior quantidade de informações possíveis dos entrevistados. De acordo com Gil (2009) a entrevista "por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação "face a face" e em que uma delas formula questões e a outra responde". (GIL, 2009, p.115). De acordo com Gil (2008) "a entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social" (GIL, 2008, p. 110). Ainda segundo o autor a entrevista "é uma técnica muito eficiente para obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano". (GIL, 2008, p. 110), embora também sujeita a desvantagens, como explica o autor "a influência dos aspectos pessoais do entrevistador sobre as respostas do entrevistado" (GIL, 2008, p. 110), assim como, "a falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas" (GIL, 2008, p. 110). A entrevista seguiu a perspectiva focalizada. De acordo com Gil (2008) a entrevista focalizada "enfoca um tema bem específico. O

entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada. ” (GIL, 2008, p. 112). O autor ainda esclarece que “este tipo de pesquisa é bastante empregado em situações experimentais, com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas”. (GIL, 2008, p. 112). As entrevistas ocorreram todas de forma individual. No caso das entrevistas presenciais, elas foram realizadas no shopping Pátio Belém, na casa dos próprios entrevistados e também na casa do entrevistador, ocorrendo principalmente no período noturno, período em que os entrevistados estavam mais disponíveis. No caso, das semipresenciais foram realizadas estando entrevistados e entrevistador em suas próprias casas. Em ambos os casos a maior parte das entrevistas foram realizadas aos finais de semana, quando ocorria disponibilidade dos moradores em participar da pesquisa.

Para participação na pesquisa era necessário que o entrevistado morasse há pelo menos 15 anos no bairro e usasse pelo menos duas redes sociais. Os vinte e cinco moradores selecionados, foram escolhidos partindo do critério do senso comum, de acordo com Appolinário (2012) “quanto maior o tamanho da amostra, melhor” (APPOLINÁRIO, 2012, p. 130). Foi utilizada uma amostra não probabilística por conveniência, segundo Appolinário (2012) amostragem por conveniência “envolve a escolha de participantes em função de sua disponibilidade para participar do estudo” (APPOLINÁRIO, 2012, p. 135). Como alguns participantes demonstraram certa “preocupação” ao participarem da pesquisa, foi decidido que durante o processo de análise eles seriam identificados por nome de cores, como forma preservar suas identidades.

Para obter as respostas diante das problemáticas apresentadas na pesquisa, foi aplicado um formulário estruturado com dezoito perguntas, sendo uma pergunta fechada dicotômica e as demais perguntas abertas. De acordo com GIL (2009) o formulário por ser definido como “ a técnica de coleta de dados em que o pesquisador formula questões previamente elaboradas e anota as respostas” (Gil, 2009, p.115). Para Appolinário perguntas abertas “são aquelas nas quais o respondente pode escrever livremente (dentro, é claro, de um espaço pautado) ”. (APPOLINÁRIO, 2012, p. 141). E as perguntas fechadas segundo o autor “oferecem algumas opções restritas de respostas possíveis. (APPOLINÁRIO, 2012, p. 141). Sendo que as perguntas fechadas possibilitam segundo Appolinário (2012) “uma codificação posterior muito mais simples. As perguntas abertas

demandam uma etapa de categorização das respostas antes de proceder a uma codificação". (APPOLINÁRIO, 2012, p. 141). Tornando a análise um pouco mais complexa. Appolinário (2012) esclarece que as perguntas dicotômicas são "perguntas fechadas, que oferecem apenas duas possibilidades de respostas, do tipo "sim/não", "concordo/não concordo", "masculino/feminino" etc. (APPOLINÁRIO, 2012, p. 144).

Das dezoito perguntas presente no formulário as seis primeiras são sobre aspectos socioeconômicos. A sétima pergunta trata sobre o uso das redes sociais por partes dos entrevistados. Após, a oitava pergunta está relacionado ao comportamento dos entrevistados ao receberem uma notícia por meio do w*hatsapp*. O *whatsapp* foi escolhido como a rede social por onde os entrevistados supostamente receberiam a *fake news* para realização dessa pesquisa por hoje ser usada como uma comunicação de massa, além, disso muitos dos usuários desse aplicativo só tem acesso à *internet* por ele. O uso do *whatsapp* como recurso comunicacional ainda é recente para grande parte da sociedade, como consequência o uso inapropriado dessa ferramenta tem gerado impactos negativos nos fluxos de comunicação. Além disso, o *whatsapp* não tem algoritmos que possam influenciar o que os usuários veem primeiro, ou seja, é o próprio usuário quem determina o que irá discutir ou que chama mais sua atenção, assim, acaba tendo o papel principal na propagação das *fake news.*

As perguntas seguintes tratam sobre *fake news* e foram agrupadas de acordo com os seus temas. A nova, décima e décima primeira tratam sobre *fake news* envolvendo temas sobre sexualidade e gênero. Da décima segunda até a décima sexta tratam sobre o tema segurança, a décima sétima aborda o tema saúde e a décima oitava sobre *fake* news envolvendo artistas. Assim, a pesquisa e o processo de análise foram divididos em sete etapas. Após a coleta de dados, tabulação e análise, os resultados obtidos e interpretações realizadas são apresentadas na seção intitulada "Seção 4: como os moradores do canudos e do montese (terra firme) percebem as fake". O presente trabalho foi estruturado por seções onde neles são apresentados as *fake news* que foram utilizadas na pesquisa, os fundamentos teóricos que possibilitaram as observações e que conduziram as interpretações realizadas neste projeto, com o intuito de contribuir para o debate acerca do fenômeno das *fake news*, neste caso, envolvendo moradores de Belém, mais especificamente dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme).

2. SEÇÃO 2: SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Em olhares sobre a cibercultura, Lemos (2003) propõem algumas discussões sobre as relações entre as novas tecnologias de informação, comunicação e a cultura contemporânea dentro do campo de estudos conhecido atualmente como cibercultura. As discussões são propostas por meio de alguns pontos da cibercultura, que são apresentados como um composto de problemas que podem ajudar na compreensão da nossa época.

O problema inicial apresentado por Lemos (2003) trata-se a respeito da própria definição de cibercultura. Segundo o autor o termo é cheio de sentidos, no entanto, podemos compreender a cibercultura como "a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70". (LEMOS, 2003, n.p). Para Lemos (2003), antes de ser uma cultura guiada (de *kubernetes*, cibernética) pela tecnologia, trata-se de uma relação que se constituiu pelo surgimento de novas formas sociais a partir da década de sessenta (a sociabilidade pós-moderna) e das novas tecnologias digitais. Segundo Lemos (2003) esta sinergia vai criar a cibercultura (LEMOS 2002 apud LEMOS, 2003). Porém, o prefixo "ciber" nos remete a um novo determinismo tecnológico, pois, já nos acostumamos a nomear as épocas históricas de acordo com seus respectivos conjuntos de artefatos.

> A cibercultura é a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais. Vivemos já a cibercultura. Ela não é o futuro que vai chegar, mas o nosso presente (*home banking*, cartões inteligentes, celulares, palms, pages, voto eletrônico, imposto de renda via rede, entre outros). Trata-se assim de escapar, seja de um determinismo técnico, seja de um determinismo social. A cibercultura representa a cultura contemporânea sendo consequência direta da evolução da cultura técnica moderna. (LEMOS, 2003, n.p).

Para que possamos compreender a cibercultura, é necessário considerar sua perspectiva histórica, levando em consideração seus vários desdobramentos sejam sociais, históricos, econômicos, cognitivos e ecológicos da relação do homem com a técnica. Segundo Lemos (2003) a cibercultura surge do desdobramento da tecnologia com a modernidade que têm como característica a dominação, por meio do projeto racionalista-iluminista, da natureza e do outro. E ressalta que para Heidegger

> A essência da técnica moderna estava na requisição energético-material da natureza para a livre utilização científica do mundo, a cibercultura seria uma atualização dessa requisição, centrada agora na transformação do mundo em dados binários para futura manipulação humana (simulação, interatividade, genoma humano, engenharia genética, etc.). (HEIDEGGER apud LEMOS, 2003, n.p)

No entanto, o desenvolvimento tecnológico não dita de forma irreversível a forma que seguimos nossa vida social. Em meados da década de sessenta, o surgimento de novas formas de sociabilidade vai dar outros rumos ao desenvolvimento tecnológico, transformando a relação do homem com as tecnologias de comunicação e informação. Após alcançar a esfera da comunicação, as tecnologias agem, como toda mídia. Segundo Lemos (2003) por meio dessa corrente, a convergência da informática com as telecomunicações vai dar origem ao que se vem chamando de sociedade da informação ou informacional (CASTELLS, 1996 apud LEMOS, 2003, n.p). Desse modo, partindo dessa perspectiva onde modernidade pode ser caracterizada como uma forma de apropriação técnica do social, a cibercultura será marcada, não de modo irreversível, por várias formas de apropriação social-midíatica (micro-informática, internet e as atuais práticas sociais) da técnica. Para Lemos "a conjunção da falência dos metarelatos, da ideia de fim do futuro e o surgimento das novas possibilidades planetárias da comunicação digital estão na origem da cibercultura". (LEMOS, 2003, n.p)

De acordo com o autor, toda mídia é capaz de alterar a nossa relação espaço-temporal, podendo até ser definida como formatos e artefatos que nos possibilitam escapar de constrangimentos espaços-temporais. Desde a escrita, que separa enunciador e enunciado (espaço) e agi como instrumento de memória (tempo), passando pelo telégrafo, telefone, rádio, televisão e atualmente, a internet, assim, observa-se uma mesma ação de emitir informação para além do espaço e do tempo. As transformações midiáticas alteram nossa percepção espaço temporal, até chegar à contemporaneidade nos possibilitando a sensação de tempo real, imediato, *live* e de abolição do espaço-físico geográfico.

Segundo Lemos (2003), a sociedade da informação é marcada pela onipresença e pela instantaneidade, saídas da conectividade generalizada, assim, entramos em uma sociedade que o autor chama de *WYSIWIG* (o que eu vejo é o que tenho) onda essa economia dos cliques passar a ser fundamental para os destinos da cibercultura. Afinal até onde devemos clicar, participar, opinar, e até quando podemos contemplar, ouvir e

simplesmente absorver? Para o autor, o tempo real pode inibir a reflexão, o discurso bem construído e a argumentação. De outro modo, o clique generalizado permite a potência da ação imediata, o conhecimento simultâneo e complexo, além da participação ativa nos diversos fóruns sociais.

> Vivemos uma nova conjuntura espaço-temporal marcada pelas tecnologias digitais telemáticas onde o tempo real parece aniquilar, no sentido inverso à modernidade, o espaço de lugar, criando espaços de fluxos, redes planetárias pulsando no tempo real, em caminho para a desmaterialização dos espaço de lugar. Assim, na cibercultura podemos estar aqui e agir à distância. A forma técnica da cibercultura permite a ampliação das formas de ação e comunicação sobre o mundo. (LEMOS, 2003, n.p).

A nova dinâmica técnico-social da cibercultura instaurou uma estrutura na história da humanidade onde, pela primeira vez, qualquer indivíduo pode emitir e receber informações em tempo real, por meio de vários formados e modulações (escrita, imagética e sonora) para qualquer lugar do planeta. De acordo com Lemos (2003) este fenômeno inédito se junta a uma transformação fundamental para a compreensão da cibercultura, "a transformação do computador pessoal em um instrumento coletivo e deste ao coletivo móvel (com a atual revolução do "*Wi-fi",* que será com certeza a nova etapa da cibercultura)." (LEMOS, 2003, n.p). A mudança do PC ao CC (computador conectado) será cheia de consequências para as novas formas de relação social, como para as novas formas de comércio, entretenimento, trabalho, educação, etc. Toda essa mudança na figura emblemática maior da cibercultura, o computador, nos colocar para o autor, na era da conexão generalizada, do tudo em rede, que inicialmente era fixa e agora, cada vez mais, móvel. Para o autor, o tudo em rede consiste na rede em todos os lugares e em todos os equipamentos que a cada dia tornam-se máquinas de comunicar (Lemos, 2002b). Esse novo formato de estrutura técnica contemporânea nos levam em direção a uma interface zero, onde a ubiquidade se generaliza para adentrar no coração dos objetos e assim proporcionar nomadismos radicais. "Não é à-toa que as tecnologias digitais aumentam a mobilidade, sendo a curva de deslocamento de pessoas pelo mundo correlata a essa revolução tecnológica. Assim, a rede é tudo e tudo está em rede". (LEMOS, 2003, n.p).

Para Lemos (2003), a conexão generalizada trouxe uma nova configuração comunicacional onde o fator principal é a inédita liberação do pólo da emissão – chats, fóruns, e-mail, listas, blogs, páginas pessoais. Assim, os CC tornam-se máquinas de comunicação.

As práticas comunicacionais da cibercultura são diversas e algumas realmente inéditas. Dentre elas, Lemos (2003) cita o e-mail que revolucionou a prática de correspondências pessoais, seja, para lazer ou trabalho, os chats com suas várias salas onde a conversação ocorre sem oralidade ou presença física, os *muds*, jogos tipo *role playing games*, as *lans house*, etc. Sem falar nas formas tradicionais de comunicação que são ampliadas, transformadas e reconfiguradas com o surgimento da cibercultura, como no caso do jornalismo online, das rádios online, das Tvs online, das revistas e diversos sites de informação espalhadas pelo mundo. A internet não é uma mídia na forma que entendemos as mídias de massa. De acordo com Lemos (2003), não existe fluxo um, pois, todas as práticas dos que estão utilizando não estão vinculadas unicamente a uma ação específica.

> Quando falo que estou lendo um livro, assistindo TV ou ouvindo rádio, todos sabem o que estou fazendo. Mas quando digo que estou na internet, posso estar fazendo todas essas coisas ao mesmo tempo, além de enviar email, escrever em blogs ou conversar em um chat. (LEMOS, 2003, n.p).

Não há vínculo entre o instrumento e a prática. Para o autor, a internet é um ambiente, uma incubadora de instrumentos de comunicação e não uma mídia de massa, no sentido corrente do termo.

> Trata-se aqui da migração dos formatos, da lógica da reconfiguração e não do aniquilamento de formas anteriores. Não é transposição e não é aniquilação. Estamos mais uma vez diante da liberação do pólo da emissão, do surgimento de uma comunicação bidirecional sem controle de conteúdo. E novos instrumentos surgem a cada dia… (LEMOS, 2003, n.p).

As novas ferramentas de comunicação criam consequentemente novas formas de relacionamento social. A cibercultura é cheia de novas maneiras de se relacionar com o outro e com o mundo. Segundo Lemos (2003) "não se trata, mais uma vez, de substituição de formas estabelecidas de relação social (face a face, telefone, correio, espaço público físico), mas do surgimento de novas relações mediadas". (LEMOS, 2003, n.p). O anonimato e a ausência da referência física nessas novas práticas sociais têm gerado muito debates, assim como, do perigo e da dificuldade de se estabelecer relações de confiança em formas midiáticas online. E é desse anonimato que muitas pessoas usufruem para a criação e compartilhamento de *fake news*, como no caso dos áudios onde supostos policiais alertavam os moradores sobre a suposta da chacina depois da morte do

cabo da Polícia Militar Antonio Marcos da Silva Figueiredo (Cabo Pet). Para o autor as relações online são diferentes das relações de proximidade tipo face a face, no entanto essas guardam aproximações quanto ao espaço das teatralizações quotidianas. Pois, desempenhamos todos os papéis diferentes em diversas situações sociais e, nesse sentido, a relação com o outro é sempre complexa e problemática, sendo dentro ou fora da rede.

> No fundo, todo o conflito está na contradição entre sermos em função do outro (*"Je est un autre"* – Rimbaud) e delegar ao outro as nossa mazelas e problemas (*"L'enfer c'est l'autre"* – Sartre). Devemos assim estarmos atentos para a potência do instrumento dionisíaco característico da cibercultura e constatarmos que hoje, o maior uso da internet é para busca efetiva de conexão social (e-mail, listas, blogs, fóruns, webcams…). (LEMOS, 2003, n.p).

Partindo dessa perspectiva para Lemos (2003) devemos compreender o fenômeno da cibercultura para além do problema do excesso ou de mero narcisismo. "Trata-se de uma nova forma de religiosidade social trazida à tona pelas tecnologias digitais". (LEMOS, 2003, n.p). Desse modo, ver o outro e ser visto, trocar mensagens e entrar em fóruns de discussão é, de alguma forma, buscar o sentimento de re-ligação. A cibercultura estabelece novas formas de exercício dessa religiosidade ambiente. Assim, busca-se, fazer da vida uma obra de arte, a arte da vida, como forma de apropriação e de liberalização do pólo de emissão. Dessa maneira, as práticas comunicacionais pessoais atuais da cibercultura mostram a pregnância social para além da assepsia ou simples robotização.

2.1 Mídia Social

De acordo com Recuero (2008), mídia social é uma ferramenta de comunicação que possibilita a emergência das redes sociais. Para permitir que as redes sociais emerjam, esses meios de comunicação necessitam subverter a lógica da mídia de massa (um -> todos) para a lógica da participação (todos < - > todos). E talvez, por meio dessa subversão, que seja possível compreender também como as *fake news* conseguem ser disseminar de forma tão rápida, pois, com essa lógica de participação (todos < - > todos) temos diversos usuários compartilhando *fake news* ao mesmo tempo, como ocorreu no após a morte do cabo da Polícia Militar Antonio Marcos da Silva Figueiredo (Cabo Pet), que rapidamente as notícias sobre a suposta chacina estavam em várias redes sociais e de

várias formas, por meio de áudios, textos, imagens. Desse modo, mídia social, é social porque possibilita a apropriação para a sociabilidade, a partir da construção do espaço social e da interação com outros atores. Para autora a mídia social é diferente porque permite essas ações de forma individual e numa grande escala. Quanto à internet, ela está diretamente ligada, devido à expressiva mudança que a rede proporcionou, no entanto para autora, não da mesma forma que muitos explicam como uma característica da chamada Web 2.0. Para Recuero (2008) apesar de ter sido reforçada nos últimos anos, sempre esteve presente enquanto potencial da internet.

De acordo com a autora, Danah Boyd em um artigo esclarece que existem públicos mediados em espaços mediados e explica que existem quatro características desses espaços que são diferentes e muito importantes. São: persistência, *searchability* ("procurabilidade"), replicabilidade e audiências invisíveis. Para Recuero (2008) essas quatros características são as que possibilitam o surgimento da chamada mídia social junto aos públicos. O fato de que é possível dizer e as "falas" persistem no espaço da mídia social, por exemplo, que existe a possibilidade de construção de conversação assíncrona. Além disso, é por conta da característica da invisibilidade das audiências que formas de capital social diferenciadas são criadas. Porém, Recuero (2008) não considera que essas sejam características da mídia social, mas unicamente do ambiente onde essa mídia surge. Assim, a autora pontua as características da mídia social que para ela são especiais e as diferenciam das demais ferramentas de comunicação.

2.1.1 Apropriação criativa: Os usos da mídia social são sempre criativos, se diferem do propósito original, e segundo autora seguem a lógica dos usos que André Lemos apresenta no seu livro, "Cibercultura". Inclusive, a apropriação da mídia social é um forte indicio de sua pertinência e vida junto a um grupo social. Na mídia social, esses usos seriam uma constante do surgimento de novos grupos e sua construção como artefato cultural desses. Uma mídia que não apresenta usos criativos está fadada.

2.1.2 Conversação: Mais que uma mera participação, a mídia social é conversação, pois permite que os atores possam engajar-se de forma coletiva, por meio da cooperação e mesmo, da competição. Desse modo, a possibilidade de conversação

síncrona ou assíncrona é uma característica desse tipo de ferramenta. Esse é o motivo pelo qual mídia social é tão relacionada ao *buzz* das redes.

2.1.3 Diversidade de fluxos de informações: A mídia social possibilita que diversos fluxos de informações circulem por meio das estruturas sociais estabelecidas nela. Esses fluxos podem ser inclusive, opostos e são capazes de causar mobilização social, bem como capital social e discussão. A variedade desses fluxos é uma característica desse tipo de mídia, consequência direta da Sociedade da Informação e das trocas sociais dos atores.

2.1.4 Emergência das redes sociais: A mídia social possibilita a emergência das redes sociais por meio de sua apropriação e conversação. Isso ocorre devido ela permitir que os rastros da interação fiquem visíveis, permitindo que a interação seja estendida no tempo no tempo e que as redes sociais sejam mais observáveis. A mídia social, desse modo, complexifica o espaço social, possibilitando novas emergências de grupos. E tais grupos podem constituir-se também como comunidades virtuais.

2.1.5 Emergência de Capital Social Mediado: A mídia social possibilita que novas formas de capital social surjam e sejam apropriadas. Além disso, permite a criação de valores coletivos e individuais mais facilmente perceptíveis pelos atores da rede. É por isso, que a apropriação pode ser modificada e reconstruída nesses espaços diante dos valores concebidos pelos grupos. Esse capital tem como diferencial ser independente da interação direta: é possível ter acesso aos valores construídos por um determinado grupo sem fazer parte dele, assim como, é possível apropria-se desse capital e transformá-lo em outro tipo de valor.

Assim, de acordo com Recuero (2008), mídia social é um tipo diferente de meio da mesma forma que também é um artefato cultural, que não possui nem as funções e nem as características do discurso da mídia tradicional. Ela é um meio fundamentalmente social, atuando na informação como consequência disso.

2.2 Rede Social

Segundo Recuero (2009), o advento da internet trouxe inúmeras mudanças para a sociedade. Dentre essas mudanças, algumas são fundamentais. Uma das mais significativas é a possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador (CMC). Tais ferramentas proporcionaram, assim, que atores pudessem construir-se, interagir e comunicar com outros, deixando, na rede de computadores, rastros que permitem o reconhecimento dos padrões de suas conexões e a visualização de suas redes sociais por meio desses rastros. E é com o surgimento dessa possibilidade de estudo das interações e conversações através dos rastros deixados na *internet* que dá novo fôlego à perspectiva de estudos de redes sociais, a partir do início da década de 90. E é, neste contexto, que a rede como metáfora estrutural para compreensão dos grupos expressos na *internet* é utilizada através da perspectiva de rede social. Segundo Recuero (2009) é definida como "como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais) (Wasserman e Faust, 1994; Degenne e Forse, 1999)" (RECUERO, 2009, p. 24). Assim, uma rede, é uma metáfora para observar os padrões de conexão existentes de um grupo social, por meio das conexões estabelecidas entre os diversos atores. Dessa forma, para autora a rede tem seu foco na estrutura social, onde não é possível separar os atores sociais e nem suas conexões.

3. SEÇÃO 3: *FAKE NEWS* E SUAS FACETAS

Não é de hoje que informações falsas são propagadas, como por exemplo, em 1564[9], uma falsa notícia divulgava que o então rei da Espanha Felipe II havia sido morto a tiros com o intuito de prejudicar o rei que vivia o ápice do reinado espanhol.

Segundo Santaella (2018) "notícias falsas, costumam ser definidas como notícias, estórias, boatos, fofocas ou rumores que são deliberadamente criados para ludibriar ou fornecer informações enganadoras" (SANTAELLA, 2018, p.29). Assim, essas notícias são capazes de influenciar desde ações, crenças ou visões políticas, com o objetivo de atender as estimas de terceiros. Caso a criação de informações falsas tenha sido sempre a de enganar, essa concepção de fato estaria bem distante de ser algo atual, é só relembrar de como historicamente a vida dos artistas são relatadas, sempre repletas de fofocas. Mas afinal, o que existe de novo se tratando de informações falsas?

O advento das redes sociais possibilitou um novo modo de se produzir e disseminar notícias contendo informações falsas. Para Santaella, (2018) antes da emergência da internet, da cultura digital e das redes sociais, as notícias eram produzidas por fontes consideradas confiáveis.

> Tradicionalmente, na era hegemônica da comunicação de massas, as notícias eram fabricadas em fontes restritas, relativamente confiáveis na medida em que deveriam seguir práticas baseadas em códigos estritos de deontologia, ou seja, o conjunto de deveres, princípios e normas adotadas por um determinado grupo profissional, nesse caso a profissão de jornalista. (SANTAELLA, 2018, p.30).

As redes sociais, que em questão de minutos permitem realizar publicações e compartilhamentos estabeleceu uma nova forma de absorver informações que em geral, não passam por uma apuração. Esse novo modo de se consumir informações cresceu ainda mais combinado às mídias móveis que de acordo com Santaella (2018) "permitem a publicação e interação de qualquer ponto do espaço, no momento em que se desejar" (SANTAELLA, 2018, p. 31). Desse modo, hoje qualquer indivíduo pode criar uma conta em alguma plataforma que existe na internet.

Na internet, as notícias são divulgadas de diversas fontes e combinado com o mau uso das redes sociais fica bem difícil saber se as informações contidas nessas notícias

[9] Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45863680>. Acesso em 20/03/2019.

são confiáveis ou não. Além de que, a abundância de notícias também é outro fator para dificultar a confiabilidade.

Como um dos preceitos básico das redes sociais é o compartilhamento, isso ocasiona uma circunstância totalmente favorável para propagação de notícias contendo falsas informações. Desta maneira compreende-se que a grande novidade é a propagação que as redes sociais permitem que essas notícias tenham.

> As redes operam de acordo com a lógica dos caça-cliques (*clickbaits)* em que o conteúdo *online* é valorizado pelo volume de tráfico de um *post* ou de um site. Assim, pouco importa se a mensagem é falsa ou mentirosa, sua onipresença acaba por causar impacto, pois basta uma olhadela para ser capturado por sua insistência (SANTAELLA, 2018, P.33).

Desse modo, os usuários não têm a preocupação de ler o conteúdo das notícias, fixam apenas nas imagens que sempre são colocadas de forma para chamar atenção incluindo chamadas com mensagens que possam envolver o receptor emocionalmente. Esse tipo de chamada é um dos principais artifícios usados para o compartilhamento de notícias repletas de informações falsas, ou seja, o uso do apelo emocional de forma sensacionalista para que o usuário possa ir além do "curtir", esquecendo-se do bom senso e disseminando informações falsas.

Desde 2016[10], a imprensa internacional tem usado o termo f*ake news* para se referi as falsas informações que são divulgadas principalmente nas redes sociais, apesar disso, segundo o dicionário Merriam-Webster essa expressão é usada nos Estados Unidos desde o final do século XIX. Para Santaella (2018) o mundo atualmente é um espaço perfeito para proliferação das *fake news*, "vivemos em um mundo no qual a desconfiança e a desinformação estão criando um ambiente perfeito para proliferação de *fake news* (Notícias Falsas - NFs), motivada por interesses que visam manipular atitudes, opiniões e ações" (SANTAELLA, 2018, p. 33). Então, seja para finalidade comercial[11] ou a disseminação de discursos de ódio, inúmeros são os motivos para que as *fake news* sejam criadas, além de que atualmente existem empresas na *deep web* (área da rede que é oculta a grande parte dos usuários) que trabalham especificamente divulgando *fake news*.

Santaella (2018) também explica que quando existe desconfiança nas fontes a desinformação acaba assumindo o controle, "Quando a confusão e a falta de confiança

[10] Ver: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>. Acesso em 20/03/2019.
[11] Ver: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>. Acesso em 20/03/2019.

nas fontes se instalam, as portas ficam abertas para que a desinformação tome o comando." (SANTAELLA, 2018, p. 33). Além disso, segundo a autora, todas as espécies de conteúdos duvidosos ou perigosos são propagadas sem um exame minucioso das formas tradicionais.

3.1 Tipos de fake news

Atualmente as *fake news* são propagadas pela internet apresentam três traços que permitem suas caracterizações: a desinformação, desconfiança, e a manipulação.

Desse modo, são criadas para influenciar a visão real dos fatos, com intuito de causar confusão desinteressada ou interessada ou para alimentar um programa político. Quando analisada as *fake news* que foram propagadas depois da morte cabo Antônio Marcos da Silva Figueiredo (Cabo Pet), os três traços citados como caracterizações das *fake news* que são propagadas na internet, podem ser vistas. Quanto à desinformação, a suposta chacina após a morte do cabo "Pet", sendo divulgada por meio de redes sociais, sem nenhuma confirmação por meio de uma fonte de notícias confiável (Telejornal), assim sem saber se realmente estava ocorrendo o que estava sendo informado. Sobre a desconfiança, como informado nas *fake news*, a chacina ocorreria em alguns bairros periféricos de Belém, como bairro de Canudos e do Montese (Terra Firme), onde a taxa de criminalidade e violência são altas, então mesmo sem ter a confirmação por meio de uma fonte de notícias confiável, muitos moradores não deixaram de acreditar no que estava sendo informado, mesmo que aquelas notícias (*fake news*) gerassem dúvidas, por se tratar de algo (violência) muito presente na vida dos moradores desses bairros, eles acabaram por disseminar o que estava sendo divulgado, como uma forma até mesmo de prevenção. E já sobre a manipulação, nas notícias que estavam sendo divulgadas, seja pelo f*acebook, whatsapp*, etc.

No entanto, as notícias com falsas informações vão além do que se costuma postular, sendo diversificado e difuso e possuindo uma série de problemas.

> Existe um conjunto de problemas: (a) conteúdo político que é deliberadamente falso; (b) mensagens que são muito enganadoras, mas não necessariamente falsas; (c) memes que não são nem verdadeiros nem falsos, porém capazes de produzir uma impressão negativa ou incorreta. (SANTAELLA, 2018, P. 33).

Também existe um grande conteúdo que não possui relação factual, assim não é possível ser verificada, ou seja, existem níveis de malvadez.

Dentre as notícias contendo falsas informações, as paródicas que são criadas para provocar o entretenimento, talvez sejam as menos prejudiciais. No Brasil pode ser citado o caso dos memes, que é uma criação visual recheada de imaginação popular. O único perigo presente no caso dos memes é quando acabam se direcionando para o preconceito ou a mentira, então o que era pra gerar um riso sadio acaba por se converter em um riso cúmplice. Existem também alguns casos que as paródias acabam por falta de compreensão ocasionando um efeito indesejado. Como no caso do site O Sensacionalista que possui o slogan "um jornal isento de verdade".

Publicação feita no site Sensacionalista falando sobre a teoria da terra plana.

Imagem 4: Notícia sarcástica sobre a teoria da Terra Plana

Fonte: Site Sensacionalista, 2019

O site que produz notícias com falsas informações de forma deliberada com o principal objetivo de fazer críticas através do humor satírico, quando acessado por usuários desatentos acabam por acreditar no que estão lendo, assim o que era para ser uma crítica torna-se uma crença mentirosa. Existem as chamadas caça-cliques ou iscas de cliques, possuem histórias com chamadas e imagens sensacionalistas fabricadas com finalidades consumistas, seu conteúdo em geral não é preciso e pode conter inverdades.

Há o caso das também notícias híbridas que segundo Santaella (2018) são conhecidas pelos seus títulos sensacionalistas. "Outro caso é aquele das notícias híbridas, quer dizer matérias muitas vezes corretas, mas atrapalhadas pela falsidade sensacionalista das chamadas. É bastante conhecida a força que os títulos e as imagens têm para fisgar a atenção dos usuários das redes". (SANTAELLA, 2018, P. 34). Assim, ela também justifica o sucesso do *instagram* em consequência do poder das imagens. E já no caso do quanto mais sensacional ele for, mais ele conseguirá chamar atenção.

Outro exemplo de notícias contendo informações falsas são aquelas construídas com algum engenho para objetivo de confirmar parcialidades e preconceitos. Em geral, são voltadas para o público que se satisfaz no seu modo de pensar e agir imutáveis, desse modo conseguem se manter cristalizados.

Dentre todos os tipos de *fake news* a mais prejudicial são as que estão nas propagandas que possuem intenção de enganar e promover pontos de vistas tendenciosos e quase sempre estão relacionadas a causas e programas políticos. Para Santaella (2018) o campo mais atingido por *fake news* é o da política. "De fato, a área mais afetada pelas NFs é inegavelmente a da política, justamente esse campo de atuação e decisão de que dependem os destinos da democracia nesta era pós-digital". (SANTAELLA, 2018, P. 35). Segundo a autora, a democracia implica que as pessoas estejam devidamente informadas, para que possam ter autonomia para debater e tomar decisões.

A partir do uso e abusos que a expressão *fake news* vem sendo submetida, é essencial termos cautela no uso da expressão, pois tal termo também tem sido usado como forma de desacreditar tudo o que não nos agrada. Para Filho (2018), o termo precisa ser compreendido como:

> O termo *fake news* deveria ser compreendido como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. (FRIAS FILHO, 2018, p. 43).

Para concluir sua solicitação de prudência sobre o uso do termo, Filho (2018) por meio de apelo explica que é importante discernir entre a divulgação ocasional de notícias com falsas informações e quando essa notícia é emitida de forma reiterada, sistemática, com objetivo de configurar a má-fé.

3.2 As fake news e as *filter bubble* (ou filtros-bolha)

Quando se fala sobre *fake news* outro ponto que gera muitas reflexões é sua relação com as bolhas ou também conhecidas como câmaras de eco, que funcionam segundo Santaella (2018) como um "ecossistema individual e coletivo de informação viciada na repetição de crenças inamovíveis" (SANTAELLA, 2018, P. 10). Assim, essa circunstância acabar por resultar no que vem sendo chamado de "era da pós-verdade". Mas o que são as bolhas?

Segundo Eduardo Magrani (2014), em seu livro "Democracia Conectada", a *filter bubble* (ou filtros-bolha) pode ser definida "como um conjunto de dados gerados por todos os mecanismos algorítmicos utilizados para se fazer uma edição invisível voltada à customização da navegação on-line" (MAGRANI, 2014, P. 118). Ou seja, as bolhas funcionam como uma espécie de personificação dos conteúdos gerados na rede, que são feitas por empresas como o *Google*, por meio de seus mecanismos de buscas e de redes sociais como o *Facebook*, entre outras diversas outras plataformas e provedores de conteúdo.

A ideia inicial acerca da teoria conhecida como *filter Bubble* foi elaborada pelo norte-americano Eli Pariser, ex-diretor-executivo da organização “MoveOn.Org”, possivelmente a primeira plataforma virtual a transformar a web em uma ferramenta de ação política massiva. Magrani (2014) explica que o filtro-bolha se forma a partir das características de navegação de cada pessoa, como se fosse um universo particular on-line, tanto acessível, quanto imposto, assim acaba por condicionar sua navegação. Então, segundo o autor por meio da teoria do *filter Bubbles* um indivíduo brasileiro por conta de suas caraterísticas, ao realizar uma busca em um determinado site encontraria um conteúdo diferente de um argentino que não possui características semelhantes ao do brasileiro, mesmo que eles tivessem usado o mesmo termo no momento da busca.

> Assim, de acordo com esta teoria, um indivíduo X, brasileiro, caucasiano e aficcionado por esportes, ao procurar pelas palavras “atentados” e “Afeganistão” em algum site de busca na internet, acabaria encontrando resultados diversos daqueles referentes à pesquisa feita, a partir de termos idênticos e no mesmo site, por um indivíduo Y, argentino, negro e ligado a manifestações artísticas. (MAGRANI, 2014, p. 118).

Para Magrani (2014) essa sobrecarga de informação (*information overflow)* ocasiona duas consequências, a primeira, a filtragem de conteúdo não intencional feita

pelos provedores, que são enquadrados e denominados como *filter bubble* e a segunda, a busca dos próprios indivíduos por filtrarem de forma voluntária as informações que consomem consequentemente isso agrava o problema desencadeado pelo *filter bubble*.

Partindo da linha de como os mecanismos de navegação estão se configurando, segundo o autor, a internet estaria se transformando em um espaço no qual é mostrado o que se acha que é do nosso interesse, no entanto o que desejamos ou na verdade precisaríamos ver acaba por ser ocultado. Assim, para Magrani (2014) o caráter das *filter bubble* é danoso para os direitos e garantias fundamentais dos indivíduos.

> Desse modo, pode-se dizer que a *filter bubble* e seu caráter prejudicialmente paternalista podem implicar em restrições a direitos e a garantias fundamentais, a autonomia dos indivíduos e a liberdade de expressão, sendo prejudicial de forma geral para o debate na esfera pública conectada (MAGRANI, 2014, p. 2019).

Apesar disso, o autor ressalta que a filtragem surgiu como uma necessidade e que por muitas vezes é considerada bem-vinda, pois gera um comodismo para o usuário que acaba localizando suas buscas de forma rápida e eficaz, na maioria das vezes. Como exemplo, Magrani (2014) usa o modelo de negócio do *Netflix*[12], que permite aos seus usuários um acervo de filmes à sua disposição, sendo esse acervo baseado exclusivamente no seu perfil através da sugestão de títulos e filtros personalizados. Por outro lado, além da vantagem, o problema existe no excesso de filtragem, tanto por parte das empresas quanto dos próprios indivíduos, que sem perceberem se limitam e acabam por se afastar de pontos de vistas diferentes dos seus assim empobrecendo o valor do debate na esfera pública virtual.

O autor ressalta que, além disso, partindo de outra perspectiva, hoje o usuário de internet quando navega pelos *sites* mais conhecidos é alvo de uma enxurrada de publicidade direcionada que denota por si só o interesse por trás deste mecanismo de filtragem e personalização. Magrani (2014) prossegue e diz que Lawrence Lessig, professor de Harvard, já havia chamado atenção para o fato de que a própria estrutura da internet, no caso dos *hardwares* e *softwares* que a compõe, com toda sua estruturação técnica e códigos que comandam seu funcionamento, não deixam também de ser formas de regulamentação do comportamento humano, sendo essas formas por diversas vezes

[12] Netflix é uma provedora global de filmes e séries de televisão via streaming, atualmente com mais de 100 milhões de assinantes. Fundada em 1997 nos Estados Unidos.

tão eficientes quanto outras formas mais conhecidas como o Direito, a economia e outras normas sociais.

O fato de a internet ser plástica e mutável e involuntariamente seus usuários serem reféns dos algoritmos que os inserem dentro das bolhas, tem sido segundo o autor como uma das mudanças mais drásticas, e sutis, pois muitas vezes serem justamente imperceptíveis. Desse modo, a premissa do *filter bubble* é de que não seja possível decidir o que aparece para você dentro da bolha, e nem tenha acesso ao que fica de fora.

A seleção de informação que é realizada pela mídia tradicional, nos meios *off-line,* já efetua um processo de filtragem de conteúdo, pois seleciona e segrega uma série de informações. Segundo Magrani (2014), teóricos como Habermas, assim como Adorno e Horkheimer da Escola de Frankfurt, já chamavam atenção para força que a mídia tradicional possui e seu impacto para a democracia moderna. Mas a principal diferença entre o processo de filtragem entre os meios *off-line* para os ambientes *on-line,* é que esses ambientes alcançam uma escala muito maior de personalização e direcionamento.

A internet possui um grande potencial de ser um espaço de democratização, apresentação de novas ideias, propor debates e até de transformações de perspectiva, porém, em consequência das alterações na própria estrutura e do modo que funcionam as plataformas digitais são necessárias mudanças para que esse estágio de democratização seja alcançado, para Magrani (2014) partindo da mesma linha de pensamento de Eli Pariser seria o estouro da *filter bubble.*

Segundo Santaella (2018), um dos grandes problemas relacionados às bolhas é que a maior parte dos usuários das redes não tem a menor noção sobre como as mídias, principalmente as mídias digitais funcionam. Os usuários em geral apenas adquirem os dispositivos, instalam os aplicativos de seu interesse, utilizam dos benefícios que lhes são oferecidos e não se preocupam com os riscos existentes. Assim, os recursos são usados em horizontes aparentemente abertos, quando na realidade esses horizontes estão se configurando em bolhas cada vez mais impermeáveis. Então, como furar essas bolhas? Quais meios são oferecidos para isso?

Atualmente muitos estão com atenção voltada para a necessidade política de formas regulatórias para as mídias digitais. Para autora é importante regulamentos independentes e imparciais, no entanto as mídias digitais se constituem em um campo muito amplo e intricado. E esclarece que nele nem tudo pode ser submetido a fronteiras regulatórias, além de ser difícil manter o passo devido as mudanças que ininterruptamente

se processam na paisagem midiática (CHAMPMAN, 2017). Então, como solucionar esse problema?

Segundo Santaella (2018), o livro *Net Smart: How to Thrive Online*, de Howard Rheingold (2012) tem sido muito citado por especialistas. O livro é recheado de caminhos na direção de um uso inteligente, humano e razoável desse meio complexo. E o primeiro passo é a mudança de posição de receptores passivos. Para autora é fundamental entender a diferença entre a interatividade meramente reativa e a interatividade participativa (PRIMO, 2000). E isto, implica em pensarmos sobre o que estamos realizando, o que estamos querendo, quais os benefícios essa atividade pode trazer. No entanto, a autora explica que não é necessário transformar o uso das redes em uma atividade sisuda. Diversas são possibilidade que a internet oferece, como a do entretenimento que não precisa ser deixado. O principal é um determinado controle acerca da distração alienada e sobre o desenvolvimento de hábitos saudáveis. Nas redes é possível encontrar um grande número de publicações com aconselhamentos de modos profícuos para furar as bolhas. Segundo Santaella (2018), Schreder (2018) apresenta três: a) conheça seus vizinhos nas redes; (b) mantenha uma dieta midiática equilibrada; (c) navegue pelo *feed* de outras pessoas. Seiter (2017) vai além, e apresenta modos que já estão mais voltados para o combate aos preconceitos e contra a diversidade racial. Aconselhamentos sempre serão promissores diante das preocupações quanto ao mau uso das redes. Não há dúvidas que é no campo da educação que pode ser depositado esperanças. Para autora o nome disso é educação para as mídias e nas mídias. um conceito dinâmico que está relacionada a busca de meios adequados para os desafios tecnológicos, sociais, culturais e políticos que se apresentam e não podem ser combatidos com promessas mágicas e ingênuas.

Essa defesa só ocorre através da pesquisa confiável, recursos e experiências a serem compartilhados e reusados "Os projetos devem ser escalonados e readaptados de acordo com diversidade de cada situação" (SANTAELLA, 2018, p. 26).

A autora ainda esclarece que de acordo com Boyd (2017) saber em quais fontes confiar é considerado um princípio básico da educação midiática. É importante encorajar os estudantes a verificar as fontes de informação de qualidade, pois incentiva a pesquisar criticamente quem está publicando o conteúdo, se é respeitado e quais poderiam porventura ser suas parcialidades. Por muito tempo se acreditou que a educação para e nas mídias deveria estar sob a responsabilidade de áreas especificamente educativas, no entanto, Santaella (2018) pontua que isso mudou, pois

> O maior papel cabe agora à sociedade civil, por meio do engajamento de um número cada vez maior de setores, projetos e participantes. É por isso também que não basta considerar os intermediários da informação, seja nas mídias tradicionais ou nas novas mídias, como os únicos responsáveis pelos problemas. Ao contrário, é uma tarefa coletiva, nada fácil, que reclama por ações criativas como antídotos à propaganda engandora, ás falas de ódio, aos conteúdos preconceituosos e às notícias falsas (SANTAELLA, 2018, p. 27).

Para autora, o que deve ser evitado são as variações que vão do pessimismo catastrofista, passam pelos medos infundados até chegar ao outro extremo de um de um otimismo cego. É necessário compreender o funcionamento das mídias, de como são alicerçadas em modelos de negócios diferentes dos tradicionais. É importante compreender a maneira pela qual os dados são coletados e utilizados. Pois, sem isso, "não pode haver escolha bem informada sobre conteúdos consumidos e compartilhados, em quaisquer dos ambientes em que o usuário se encontrar, seja ele um site de vendas, seja de notícias, de mídia social ou de busca" (SANTAELLA, 2018, p. 28). A formação educacional para e nas redes é, assim, a chave para o desenvolvimento de habilidades que tornam o usuário confiante na tarefa de indagar sobre a precisão de uma informação e até de desafiar representações injustas, visões extremistas, violências simbólicas e brincadeiras ofensivas. Antes de tudo, a educação para e nas mídias deve estar inserida em ambientes de formação educacional no seu sentido mais amplo, onde é capaz de desenvolver "a sutileza da sensibilidade, a arte do cuidado com a alteridade e a ética da curiosidade em relação às complexidades psíquicas e sociais que nos constituem com humanos" (SANTAELLA, 2018, p. 28).

De acordo com Magrani (2014), a teoria sobre *filter bubble* é consideravelmente nova, por isso, ainda precisa ser testada, no entanto, trata-se de uma prática já presente e em processo de crescimento, e vem provocando intensos questionamentos sobre a gestão de dados na rede, e da relação com os direitos de seus usuários, diante disso, requer especial atenção.

O autor conclui pontuando sobre os riscos da filtragem para democracia a partir de Eli Pariser esclarecendo que essa filtragem invisível que coloca o usuário em uma bolha onde tudo agrada, tudo faz sentido, tudo está de acordo com os nossos pontos de vista e realidades, e que está cada vez mais sofisticado, oferecem ao sujeito apenas informações com as quais concordam, assim, privando-o de perspectivas discordantes. Desta maneira, a ideia de que a estrutura da internet possibilita que as discussões possuam força suficiente para chegar a diferentes grupos e segmentos e replicar-se pelas várias

redes de pessoas presentes na sociedade, talvez não seja uma realidade, já que as expressões acabam ficando muitas vezes restritas a uma mesma rede de pessoas com interesses comuns, consequentemente isso gera a fragmentação e a polarização do debate.

3.3 As fake news e o whatsapp

Entre as redes socais, o w*hatsapp*[13] , hoje, é onde mais se propaga informações falsas. O *whatsapp* é um software[14] para smartphones, que permite aos seus usuários a troca de mensagens de textos instantaneamente e também possibilita o compartilhamento de vídeos, fotos e áudios por meio de uma conexão à *internet.* Segundo dados fornecidos pelo próprio *whatsapp*, cerca de 120[15] milhões de brasileiros usam a plataforma de mensagens instantâneas, grande parte dos seus usuários, principalmente os da classe C, D e E utilizam o aplicativo gratuitamente por meio de pacotes restritos de dados fornecidos pelas operadoras de telefonias móveis, consequentemente eles acabam acessando a internet apenas pelo próprio *whatsapp,* não podendo verificar na *web* a origem das informações que estão recebendo.

Com grupos públicos que permitem a participação de até 256 pessoas que em muitos casos não se conhecem sendo de qualquer região do país, o *whatsapp* deixou de ser apenas um aplicativo de mensagens e se tornou uma rede social também, desse modo virando um espaço perfeito para disseminar falsas informações.

Uma das características[16] do *whatsapp* é a forma que as mensagens são enviadas na plataforma, de forma privada de uma pessoa para outra ou a grupos, desse modo se torna bem difícil identificar a origem das informações falsas. Segundo Ricardo Penteado membro do IDPE (Instituto de Direito Político e Eleitoral), quando notícias falsas de cunho político são divulgadas no *facebook* através de um falso perfil, é possível ir até a Justiça Eleitoral solicitar que isso seja eliminado, diferente quando ocorre com o *whatsapp,* pois não existe uma marca digital de onde está sendo depositada a notícia, por ser uma plataforma onde as mensagens circulam diretamente entre as pessoas, fica difícil classificar o que é verdadeiro ou não nas mensagens.

---

[13] Ver: <https://dialogando.com.br/seguranca/protecao-na-internet/voce-sabe-o-que-e-fake-news/?current_page=3>. Acesso em 20/03/2019.
[14] Ver: <https://www.significados.com.br/whatsapp/>. Acesso em 11/04/2019.
[15] Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>. Acesso em 11/04/2019.
[16] Ver: <https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2018/10/19/investigar-fake-news-no-whatsapp-e-dificil-mas-nao-impossivel.htm>. Acesso em 11/04/2019.

No combate a propagação de notícias falsas, o *whatsapp* limitou a quantidade de encaminhamentos de uma mensagem para até cinco pessoas. A medida reforça política adotada anteriormente pela empresa, de limitar os encaminhamentos a 20 destinatários A regra segue a linha anterior acerca do encaminhamento de mensagens. Em julho de 2018, o *whatsApp* começou a identificar ao receptor quais mensagens eram encaminhadas, e no mesmo período, determinou o limite de encaminhamentos para 20 contatos. Em seu blog, o w*hatsApp* informou que o limite aplicado ao encaminhamento de mensagens reduziu consideravelmente a quantidade de mensagens encaminhadas em todo o mundo. A ideia é manter a privacidade da comunicação com contatos próximos. Com a possibilidade de formar grupos de até 256 membros, uma mensagem poderia ser encaminhada para até 1.280 membros usuários de uma vez, contra 5.120 seguindo a regra anterior, desse modo, o objetivo é que a imposição dessa dificuldade restrinja a disseminação de boatos e notícias falsas pela plataforma.

Após analisar durante um ano 120 grupos de *whatsapp*, pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)[17] descobriram que as correntes de mensagens que envolvem *fake news* sobre política alcançavam mais usuários do que as conversas com desinformação envolvendo outros assuntos. Além disso, os autores da pesquisa observaram um crescimento considerável nas conversas políticas com dados falsos perto das eleições, o que favoreceu a discussão com *fake news* no *whatsapp*. Estudos sobre desinformação no *whatsapp* são raros devido sua característica privada. As mensagens enviadas são criptografadas de ponta a ponta, impedindo assim, a leitura por parte de terceiros.

A pesquisa brasileira segue a mesma linha de descoberta de outros estudos sobre desinformação, como uma pesquisa publicada em 2018 na revista americana Science, que mostrava, que no *twitter*, a desinformação, principalmente sobre política, viaja mais rápido e atinge mais usuários que qualquer outra categoria de informação. No entanto, a grande novidade envolta da pesquisa brasileira é a ambientação no *whatsapp*. Pois, diferentemente de outras redes sociais, o *whatsapp* não tem algoritmos que possam influenciar o que os usuários veem primeiro. A ordem da leitura das mensagens é cronológica. O próprio usuário é quem determina o que irá discutir ou que chama mais sua atenção, assim, acaba tendo o papel principal na propagação das *fake news.*

[17] Ver: < https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,politica-e-principal-assunto-das-fake-news-no-whatsapp,70002825358>. Acesso em 25/11/2019

Na noite do dia 25 de setembro de 2019[18] os deputados e senadores que formam a CPMI (Comissão Parlamentar Mista de Inquérito) que investiga a divulgação de *fake news*, aprovaram requerimentos que convidam 85 pessoas e empresas a prestar esclarecimentos. Entre os convidados estão agência que trabalharam para a campanha do atual presidente Jair Messias Bolsonaro, assim como, um representante da EnviaWhatsApp, uma empresa da Espanha que foi contratada por brasileiros para o envio de post pró-Bolsonaro através do *whatsapp*. A CPI da *fake news* também convocou os representantes do *facebook, twitter, google, youtube* e também do próprio *whatsapp*, para uma audiência pública. Algumas personalidades que foram vítimas de *fake news* como a atriz Taís Araújo, o músico Caetano Veloso e a jornalista Maju Coutinho foram convidados a falar aos parlamentares.

3.4 As *fake news* e seus possíveis impactos na percepção-ação coletiva

Moroni (2018) em seu artigo intitulado "Possíveis Impactos de *fake news* na percepção-ação coletiva" faz uma investigação acerca da relação entre *fake news*, padrões informacionais e a percepção-ação coletiva, a partir do paradigma da complexidade. Assim, busca analisar qual a influência da disseminação de *fake news*, que estão disponíveis nos meios digitais, na percepção-ação coletiva, partindo do pressuposto de que as *fake news*, podem mudar hábitos sociais que já estão bem estabelecidos, sendo que essas alterações ocorreriam por conta da influência negativas da manipulação de informações por meio das *fake news* nas propriedades de prospectividade (propriedade antecipatória da ação), flexibilidade (propriedade que permite a habilidade para encerrar uma ação em contextos que se mostram adversos) e coordenação emergente (propriedade que possibilita a ação sincronizada entre indivíduos, os quais podem agir de modo simulado ou involuntário), relacionadas à percepção-ação humana.

Moroni (2018) explica que a era da conectividade por meio das tecnologias digitais tornou propicio o registro e análise de uma grande quantidade de dados, ou como atualmente é denominado o *Big data*, então seja por cliques, postagens em redes sociais como o *whatsapp, instagram, facebook, twitter* e o *youtube*, envio e recebimento de *e-mails*, uso de cartão magnético em roletas de metrôs, entre outros disponibilizam de forma

[18] Ver: <https://www.conversaafiada.com.br/politica/cpi-das-fake-news-vai-ouvir-whatsapp-facebook-e-agencias-de-marketing>. Acesso em 25/11/2019.

gratuita dados de milhares de pessoas no mundo, e por meio do que ela chama de "pegadas digitais" que são deixadas pelos usuários das tecnologias conectadas, governos, instituições pública e privadas, acabam tendo acesso a informações pessoais, podendo ser usadas para a manipulação da opinião pública e da percepção-ação coletiva. Desse modo, ela ainda reitera que entre o uso dessas informações estão os anúncios comerciais e propagandas, bem como a propagação de *fake news* direcionadas para grupos específicos de usuários.

Segunda a autora, a disseminação e manipulação de *fake news* têm como apoio principal a coleta de dados dos usuários de tecnologias digitais. Assim, a disseminação e manipulação de dados são feitas por meio do manuseamento e controle de frações de informações que constituem o *Big data*. Ainda esclarece que a utilização do *Big data* pode ser notada nos campos como da saúde pública, política, nos ambientes econômicos dos negócios, nas interações sociais de lazer e em centenas de outros contextos em que há trocas de informações no ambiente digital.

De acordo com Moroni (2018), os *Big datas* apesar de serem usados com objetivo de manipular ações individuais e coletivas para fins econômicos e políticos, esse manejo e armazenamento de informações também possui um viés positivo, pois os *Big data*, podem segundo a autora contribuir para o desenvolvimento de pesquisas científicas em diversas áreas do conhecimento, ou até na representatividade e nos empoderamento de minorias políticas, por meio da utilização de plataformas digitais.

O uso do *Big data* nos possibilita uma análise mais próxima acerca da realidade por meio da imprecisão e da desordem de dados em relação com a quantidade pequena de dados e o foco na exatidão. Para autora, a imprecisão abre espaços para diversos tipos de interações, ampliando a perspectiva que temos do mundo. A partir desse contexto, as correlações são utilizadas principalmente pela área comercial do setor alimentício, da educação e da saúde. E explica que a correlação pode ser útil para a causalidade, pois ela indica o que potencialmente pode estar relacionado ao problema que está sendo analisado.

A autora ainda pontua que de acordo com Mayer-Schönberger; Cukier (2013), o estudo das correlações aumenta as perspectivas da investigação causal, por conta das variáveis que serão analisadas mediante algoritmos que vão buscar relações causais, só que com custos menores, mecanismos que sejam mais baratos e rápidos do que os métodos que são empregados por seres humanos. E ressalta que as tentativas de previsão de eventos futuros são colocadas principalmente na correlação e não na causalidade.

Entretanto, nem sempre a correlação está atrelada à causação, o que aumenta a abertura para disseminação de *fake news*, que através da expansão da tecnologia da informação e comunicação, são difundidas de modo mais rápido e abrangente. Para autora, isso ocorre porque na análise das variáveis correlacionais, nem sempre existe dependência entre as variáveis, ou seja, nem toda vez elas indicam que há uma relação de causalidade entre eventos. E cita como exemplo de como a correlação pode dar maior abertura para a divulgação de *fake news*, através do uso de algoritmos, o caso ocorrido no carnaval de Notting Hill, em Londres, em 2017.

> De acordo com Migliacci (2018), a polícia utilizou um sistema de segurança baseado em algoritmos de reconhecimento facial em busca de supostos terroristas. Entre as 96 pessoas identificadas como terroristas pelo algoritmo, somente uma poderia ser considerada uma ameaça à segurança da sociedade. Em um dos casos, uma mulher foi confundida com um homem. Se supormos que alguém poderia ter postado nas redes sociais as fotos dessas pessoas identificadas como possíveis terroristas, isso poderia causar danos irreparáveis a tais pessoas ou mesmo a morte. (MORONI, 2018, p. 137).

Desse modo, ela esclarece que nessas supostas relações entre eventos que estão envolvidas *fake news*, como informação falsa compartilhada de forma propositadamente ou sem objetivo de causar danos, não existe relação de dependência entre as variáveis que indiquem causalidade. Outros exemplos citados por Moroni de como as fake news acabam sendo favorecidas pela correlação, por meio do uso de tecnologias da informação e comunicação, são os casos de algumas mensagens divulgadas em redes sociais, como: “Coco quente mata câncer” ou “Suco de quiabo salva cachorro de cinomose e parvovirose”. A autora esclarece que para os cientistas não existe essa relação de causalidade. “Segundo cientistas, não há relação de causalidade entre a cura do câncer e a ingestão de coco quente ou a relação do suco de quiabo com a cura desses dois tipos de doenças que acometem cachorros” (MORONI, 2018, p. 137).

Segundo Moroni (2018) da mesma forma que explica Santaella (2018), as *fake news* não surgiram com o advento da *internet*, na verdade são tão antigas quanto à civilização, no entanto com o desenvolvimento das tecnologias, elas ganharam uma amplitude para sua disseminação. Ela ainda esclarece que inicialmente as *fake news* eram propagadas pelas mídias tradicionais, após o advento da *internet*, ocorreu o aumento considerável desse campo de disseminação.

> Inicialmente a tecnologia incipiente possibilitou que *fake news* fossem disseminadas através das mídias tradicionais como jornais impressos, rádios e emissoras de TVs que, muitas vezes, utilizaram-se e ainda se utilizam de *fake news* para manipulação da opinião pública e direcionamento da ação coletiva. Posteriormente, com o advento da internet, o campo de abrangência de *fake news* aumentou drasticamente, além de proporcionar a popularização do termo, que ocorreu durante a eleição presidencial norte americana, em 2016. (MORONI, 2018, p. 139).

De acordo com Moroni (2018), a manipulação e a disseminação de *fake news* atualmente estão quase atingindo outro patamar, das chamadas *deep fake news* (falsificação profunda), que são falsificações manipuladas com a ajuda da inteligência artificial. (ALMEIDA; DONEDA; LEMOS, 2018). Como exemplo de *deep fake news*, a autora cita o vídeo da ex-primeira dama dos EUA, Michelle Obama. No vídeo Michelle Obama estaria despindo-se em frente à uma câmera. O vídeo tinha surgido em fórum *online* – *Reddit* – e segundo Moroni (2018) o vídeo na verdade foi produzido por um programa de inteligência artificial chamado *FakeApp*, sobrepondo o rosto da Michelle Obama ao corpo de uma atriz de filmes pornográficos. (ROOSE, 2018, tradução de Claudia Bozzo). Ela ainda explica que se fossemos levar em consideração que o impacto emocional de vídeos em relação a imagens ou linguagens escritas pode ser muito maior, então as consequências de *deep fake news* são ainda mais devastadoras que das *fake news*, seja para reputação individual quanto para a sociedade que está em pilares democráticos. E pontua o pensamento de Almeida, Doneda e Lemos (2018), onde explicam que vídeos falsos de policiais atirando em civis ou de supostos bandidos assaltando pessoas em uma comunidade podem causar uma convulsão social. Partindo dessa linha de pensamento, é possível compreender a reação que os moradores principalmente dos bairros que eram citados nas *fake news* onde ocorreriam as supostas cachinas tiveram ao receberem as fotos com morto que variavam de 35 a cerca de 100, causando pânico nos moradores. O tempo de denúncia e da apuração dos vídeos para verificar sua autenticidade seria um problema para conter o caos gerado, pois durante esse período de tempo entre a divulgação do dos vídeos e sua verificação, muitas mortes poderiam ocorrer, assim como linchamentos de inocentes ou conflitos entre policiais e civis ocasionadas pela divulgação da *deep fake news* em maiores escalas em comparação ao que já ocorreu, porém em outros contextos.

Após breve apresentação sobre o uso dos *big data, fake news*, Moroni (2018), salienta que o principal objetivo será de investigar a influência que *fake news*, por meio das mídias sociais, exercem na percepção-ação coletiva, partindo do suporte teórico do

paradigma da complexidade, posteriormente analisando os impactos das *fake news* nos campos da percepção-ação, seja da prospectividade, flexibilidade e coordenação emergente.

De acordo com Moroni (2018), o paradigma da complexidade é formado por várias características, entre elas estão: o principio hologramático, a emergência enquanto formação não linear de padrões, a transdisciplinaridade na investigação dos fenômenos, etc. (MORIN, 1995; 2005). No entanto, é a emergência, enquanto formação não linear de padrões, que será destacada segundo a autora para a investigação entre a relação das *fake news* e a percepção-ação coletiva. A emergência explica Moroni, classificada como um processo de formação de padrões, que são originados por meio de uma interação sinergética (diferenciação + integração = sinergia) e auto-organizada por elementos diferentes que constituem um sistema. Por meio dessa relação sinergética e auto-organizada, padrões distintos, segundo Moroni (2018), formarão níveis integrativos de organização, que são direcionados pela evolução dinâmica do sistema. Partindo deste sentido, a emergência envolve a criação de algo novo que não pode ser reduzido às propriedades individuais das partes. Assim, esclarece a autora, as propriedades emergentes só podem ser observadas como uma estrutura global. E pontua que por meio do processo de emergência que ocorre no plano micro, a partir da interação e cooperação entre os elementos, surge o plano macro de organização. Dessa maneira, seguindo este contexto da relação entre o plano micro e macro se encontra a fase de transição entre ordem e desordem, que está caracterizada pela relação entre os elementos de um sistema complexo. Exemplificando tal dinâmica, Moroni (2018) traz as sociedades onde existe a transição de um sistema escravocrata para outro no qual há direitos civis, assim também como no espaço de transição entre Estados considerados democráticos e Estados com regimes autoritários ou na transição entre períodos de paz e guerras entre nações, etc.

Desse modo, por meio do processo de emergência surgem parâmetros de ordem e de controle. A autora esclarece que segundo Gonzalez (2007) os parâmetros de ordem e de controle surgem a partir de padrões informacionais que são intrínsecos e oriundos da interação e inter-relação entre elementos diferentes que compõem sistema dinâmico e auto-organizado. Moroni (2018) ainda esclarece que para Gonzalez (2007) a relação dinâmica entre organismo e meio ambiente pode ser explicada filosoficamente da seguinte forma: os organismos pertencem a um sistema dinâmico, fazendo parte de um universo complexo, formado por inúmeras naturezas “distintas” que se auto-organizam.

A partir do fluxo informacional intrínseco e oriundo da inter-relação dinâmica entre essas naturezas surgem parâmetros de controle, caracterizados pela implementação de hábitos que, por sua vez, darão origem aos parâmetros de ordem constitutivos de organizações coletivas.

De acordo com Moroni (2018) a quebra de hábitos de ação é capaz de criar novos fluxos informacionais e, concomitantemente, novos parâmetros de ordem responsáveis pelo redirecionamento do comportamento de agente inseridos no ambiente. Moroni (2018) ainda ressalta que segundo Haken (1988, p.45) parâmetros de ordem podem ser caraterizados como: "propriedades emergentes da interação dinâmica entre elementos no micro-nível. Quando os parâmetros de ordem emergem, eles escravizam o comportamento de elementos individuais, produzindo novas características na escala macroscópica".

Após análise, Moroni (2018) retoma para o problema direcionador da investigação, afinal qual a influência da disseminação de *fake news*, disponíveis nos meios digitais, na percepção-ação coletiva?

Segundo Moroni (2018), considerando que a implementação de hábitos coletivos, por meio da emergência de padrões de ordem e controle, que são oriundos da disseminação e manipulação de *fake news*, podem causar impactos negativos nas propriedades de flexibilidade, prospectividade e coordenação emergente da percepção-ação humana. Para exemplificar a implementação de hábitos e na emergência de possíveis padrões coletivos de ação através da disseminação de *fake news*, Moroni (2018) utiliza o contexto das disputas eleitorais. Tratando sobre as influências que *fake news* tiveram na eleição norte-americana de 2016. De acordo com Moroni (2018) durante a eleição norte-americana, a empresa britânica *Cambridge Analytica*, como já dito anteriormente, usou dados de usuários do *facebook* baseado em gênero raça e idade para consegui traçar o perfil dos eleitores americanos, potências alvos de métodos desenvolvidos pela empresa (baseados na correlação e combinação de dados pessoais) para influenciar e conseguir votos para o então candidato Donald Trump, por meio de *fake news*. Segundo Moroni (2018), por meio dos serviços da *Cambridge Analytica* a campanha eleitoral de Donal Trump conseguiu coletar mais de 50 milhões de dados de usuários do *facebook* com o intuito de influenciá-los com propaganda política direcionada. Um aplicativo que realizava teste de personalidade foi um dos principais meios de coleta de dados no caso da *Cambridge Analytica*. Segundo Moroni (2018)

alguns estudos indicam que entre 85% a 95% das análises que foram realizadas através dos *likes* no *facebook* obtêm resultados precisos em fazer a distinção entre os usuários negros ou brancos, homens ou mulheres, homossexuais ou heterossexuais, republicanos ou democratas, etc (HINDMAN, 2018). Ainda sobre o uso dos dados de usuários do *facebook*, Moroni (2018) cita que de acordo com Martí (2018), os dados dos usuários do *facebook* foram repassados sem a autorização da empresa de Mark Zuckerberg. Desse modo, ao tomar conhecimento de que o aplicativo coletava dados para fins espúrios, sem se tratar de pesquisa de cunho acadêmico, o *facebook* excluiu o aplicativo e ainda exigiu que a *Cambridge Analytica* apagasse os dados que tinham sido coletados indevidamente. No entanto, os dados não foram deletados, foram repassados, influenciando a campanha de Donald Trump.

Para Moroni (2018) mesmo que não tenha um consenso sobre a influência de *fake news* no comportamento do leitorado norte-americano e no resultado das eleições de 2016, entende-se, por meio dos estudos realizados, que a disseminação de *fake news* pode ter sido um dos fatores que contribuíram para a vitória de Donald Trump.

Ainda segunda a autora por meio da disseminação de *fake news* envolvendo as eleições presidências de 2016, é possível realizar uma breve análise contextualizada em 3 pontos centrais que se interconectam:

> (1) *Fake news* proporcionam contágio emocional que se propaga através de redes sociais.
> (2) A emergência de padrões coletivos de ação, fundamentados no contágio emocional, têm impactos nas propriedades de prospectividade, flexibilidade e coordenação emergente da percepção-ação.
> (3) A emergência de padrões coletivos de ação oriundos da não presencialidade nas redes sociais virtuais podem dificultar a percepção de *affordances*. (MORONI, 2018, p. 143).

Sobre o primeiro item, Moroni (2018) explica que o experimento de contágio emocional realizado pelo *facebook*, em 2014, mostrou que as redes sociais são capazes de manipular informações e também as emoções dos usuários. E ainda diz que segundo Kramer, Guillory e Hancock (2014), o experimento demonstrou que padrões emocionais dos usuários do *facebook* mudavam conforme os padrões emocionais de outros usuários que estavam expostos através de postagens. Sendo essa mudança ocorrendo sem a necessidade da presença corporal e da comunicação não verbal. Evidenciando assim, a possibilidade de contágio emocional em ampla escala, via redes sociais. De acordo com Moroni (2018) a ausência da interação corporal e não verbal traz como consequência para

os usuários de redes sociais, determinado controle e manipulação de suas emoções e ações. Como no caso das eleições norte americanas, onde o contágio emocional foi direcionado por crenças infundadas (*fake news*) que confundem e desconfirmam evidências empíricas, causando a emergência de padrões e hábitos coletivos, que acabam por direcionar ações, assim possivelmente, influenciaram no resultado das eleições.

Para Moroni (2018), os padrões coletivos de ações, impactam nas propriedades de prospectividade, retrospectividade e coordenação emergente da percepção-ação, como pontuado no item dois. Levando-se em consideração o exemplo das eleições norte americanas é possível supor que a disseminação de *fake news* de que o papa apoiava Donald Trump ou de que Clinton tinha sintomas da doença de Parkinson pode ter contribuído para alterar padrões coletivos da percepção-ação dos eleitores. De acordo com Moroni (2018) essa mudança ocorre por meio da emergência de padrões de controle no micro-nível, que são capazes de alterar padrões no plano macro.

> A alteração no plano micro de ação dos eleitores, possivelmente podem alterar os padrões de ordem do plano macro, possibilitando a emergência de novos padrões. A emergência desses padrões de controle criam hábitos sociais, possibilitando mudanças nas propriedades de prospectividade, flexibilidade e na coordenação emergente da percepção-ação coletiva. (MORONI, 2018, p. 144).

O conceito de ação coletiva, esclarece Moroni (2018), está relacionada à capacidade que os organismos possuem de agir conjuntamente, preservando certo grau de autonomia individual. Tendo como base os trabalhos de Eleonor Gibson (1993) e Pacharie (2007; 2014), Moroni (2018) explica que hábitos coletivos que surgem da disseminação de *fake news* são capazes de diminuir a autonomia, assim alteram propriedades de prospectividade, flexibilidade e de coordenação emergente da ação coletiva. Segundo Moroni (2018), Eleonor Gibson (1993) caracteriza a prospectividade como propriedade que antecede a ação. “A antecipação direciona a ação e a atenção para as características emergentes de diversas situações” (MORONI, 2018, p. 144). A flexibilidade possui como característica a capacidade que os organismos têm de finalizar uma ação, quando as circunstâncias surgem desfavoráveis. Sobre a coordenação emergente ocorre entre os indivíduos, que não tem planos para agirem conjuntamente. A coordenação emergente está relacionada à percepção-ação, à ação simulada e à ação sincronizada involuntariamente. (MORONI, 2018, p. 144). Na coordenação emergente, o

comportamento coordenado ocorre devido à percepção que realiza ações individuais múltiplas de modo similar esclarece Moroni (2018). Ainda segundo a autora, a ação sincronizada pode ser realizada entre dois indivíduos involuntariamente e mesmo na ausência de um acoplamento mecânico. (PACHARIE, 2014).

Sobre o terceiro ponto, Moroni (2018) parte da hipótese de que, a propriedade de flexibilidade de ação coletiva, por não haver interação corporal direta nas redes sociais como *facebook*, novos hábitos coletivos são criados, o que dificulta a percepção de *affordances* oriundas de trocas informacionais presenciais. De acordo com Moroni (2018) o conceito de *affordance* é caracterizado por Gibson (1986) como possibilidades de ação que o ambiente oferece ao agente situado e incorporado. Ainda nas palavras de Gibson (1986, p.12, tradução nossa), *affordance* "envolve a complementaridade do animal e do meio ambiente". Ainda sobre *affordance*, Moroni (2018) esclarece que através da complementaridade organismo-ambiente, perceber *affordances* é perceber diretamente a informação significativa para a ação. Ou seja, perceber *affordances* é detectar a informação disponível no ambiente de um modo específico, direto, não inferencial. (LARGE, 2003).

Assim, *affordance* caracterizam "o modo como o organismo vive, constituindo o seu nicho, que por sua vez, expressa o processo co-evolutivo organismo-ambiente" (MORONI, 2018, p. 145). Assim como ao paradigma da complexidade, estudos sobre *affordences* buscam explicar uma visão de mundo não fragmentada, onde os organismos não são considerados partes isoladas do ambiente que habitam, porém são seres capazes de compartilhar padrões informacionais coletivos que especificam e direcionam os seus comportamentos em nichos sistêmicos.

Dessa maneira, Moroni (2018) explica que partindo deste sentido a flexibilidade é prejudicada por que no ambiente virtual não existe possibilidade de controle e nem de escolha da ação por meio da percepção direta de diferentes tipos de *offordances* sedimentadas na relação presencial corpo-ambiente.

Sobre a prospectividade, que é a propriedade antecipatória da ação, que de acordo com a autora pode ser também prejudicada e diminuída no ambiente virtual. E isso pode ocorrer porque a manipulação de *fake news* pode comprometer a antecipação da ação no que tange à percepção da informação, assim como ao direcionamento da ação e à atenção para características emergentes das diversas situações de experiências dos usuários de redes sociais. Quanto à coordenação emergente, Moroni (2018) parte da

hipótese de que a manipulação da informação oriunda dos *Big Data*, veiculada de *fake news*, pode ocasionar maior controle das ações individuais e coletivas, múltiplas e coordenadas. “Isso porque a manipulação da informação poderia prejudicar a ação sincronizada espontaneamente e involuntariamente entre indivíduos”. (MORONI, 2018, p. 145). Propiciando aos manipuladores de *fake news* à possibilidade de minimizar a individualidade de cada agente, dando espaço para que as singularidades sejam diluídas em uma coletividade que segundo Moroni (2018) é cega e controlada virtualmente. Após realizar a investigação da relação entre *fake news*, padrões informacionais e percepção-ação coletiva, a partir do paradigma da complexidade, Moroni (2018) conclui que as *fake news* ao serem manipuladas e propagadas em nichos virtuais, podem alterar a percepção-ação dos seres humanos e concomitantemente as relações coletivas nos seus nichos ecológicos. Sendo que essa alteração pode ocorrer porque *fake news*, enquanto informações que conectam agentes aos seus nichos, acabam por propiciar o estabelecimento de padrões de ação coletiva, os quais afetam o sistema, criando de acordo com Moroni (2018) pontos de instabilidade. Essa mudança de padrões de ação coletivos e hábitos sociais estão relacionados, de acordo com Moroni (2018), à possível influência que a manipulação de *fake news* desempenha nas propriedades de prospectividade, flexibilidade e coordenação emergente da percepção-ação. Como exemplo, o papel que *fake news* teve principalmente via redes sociais com o *facebook*, nas eleições norte-americanas de 2016. Que apesar de não ter sido o motivo principal da eleição de Trump nos EUA, acabou influenciando consideravelmente segundo Moroni (2018) “na opinião pública, por meio do contágio emocional e da emergência de padrões informacionais, direcionadores da ação coletiva”. (MORONI, 2018, p. 146).

Moroni (2018) ainda esclarece que o surgimento de padrões informacionais no âmbito coletivo, oportuniza a alteração de hábitos sociais ancorados em nichos ecológicos, como exemplo:

> Hábitos sociais como a prática da solidariedade, a cooperação, o diálogo presencial estabelecido entre pessoas conhecidas e desconhecidas nas atividades do cotidiano ou em contextos relacionados às atividades pontuais, como debates entre candidatos em épocas de eleições, etc. (MORONI, 2018, p. 146).

E ainda explica que a alteração de hábitos sociais gerados pela propagação de *fake news* em nichos virtuais pode ser expressa por meio de aspectos negativos, tais como: 1

– inibição da prática de solidariedade e a agressividade em relação ao outro; 2 – desvalorização do diálogo presencial; 3 – Alteração do hábito de votar provocada pela polarização política propiciada por grupos hiperpartidários. Segundo Moroni (2018) a disseminação de *fake news* por hiperpartidários, favorece a polarização política, sendo capaz de alterar o hábito social comumente associado ao ato de votar, gerando eleitores propícios a votarem com raiva, medo ou até mesmo sem estímulo para votarem. Desse modo, a disseminação de *fake news* de acordo com Moroni (2018) é capaz de alterar hábitos coletivos na medida em que, através da manipulação da opinião que favorece o "comportamento de manada", propiciando assim o surgimento de padrões informacionais capazes de inibir a prática da solidariedade, da cooperação, além de desvalorizar o diálogo presencial, prejudicando assim, de acordo com Moroni (2018) as propriedades de coordenação emergente, prospectividade e flexibilidade. Pois a solidariedade, a cooperação e o diálogo entre indivíduos estão ancorados em relações sincronizadas que emergem espontaneamente e involuntariamente, bem como segundo Moroni (2018) "a capacidade de encerrar uma ação considerada desfavorável e a antecipação de determinada ação a fim de que haja um direcionamento adequado do comportamento coletivo". (MORONI, 2018, p.148).

3.5 As origens das fake news no fundamentalismo cristão

Alguns teóricos vêm estudando as origens das *fake news* no fundamentalismo cristão[19]. Assim, buscam analisar como grupos fundamentalistas são capazes de criar "sistemas de verdade" fundada em notícias falsas, "fatos alternativos", teorias de conspiração e pseudociência. Em fevereiro de 2017, o escrito e contribuidor do jornal *The New York Times,* Frank Shaeffer, publicou no portal de notícias, *Huffington Post,*o artigo escrito pelo professor Cristopher Douglas, chamado *The Religious Origins of Fake News and "Alternative Facts"* que trata a respeito das origens no fundamentalismo cristão das chamadas *fake news.* Christopher Douglas é especialista em literatura anglófona e tem estudos que relacionam escritos fundamentalistas com o crescimento de uma nova direita.

Segundo Rocha (2019) mestre e doutorando em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, no dia da publicação do artigo o campo progressista passava

[19] Ver: <https://br.noticias.yahoo.com/origens-das-fake-news-no-fundamentalismo-cristao-144900663.html>. Acesso em 14/05/2019.

pelo que ele chamou de “ressaca eleitoral” pós-eleição de Donald Trump. E um fator muito interessante durante as eleições dos EUA em 2016 chamou atenção, que dos 81% dos brancos evangélicos que votaram escolheram Trump, e o fizeram impulsionados pelas *fake news.* Rocha (2019) explica que algo muito parecido ocorreu no Brasil, uma matéria da revista época[20], apontava um conhecido site voltado para o público evangélico, o Gospel Prime, como um dos grandes divulgadores de notícias com falsas informações. Em outra reportagem de 2018, da BBC Brasil[21], tratava sobre a relação entre as notícias falsas e a decisão de voto no meio evangélico.

Rocha (2019) esclarece que a indagação existente no artigo de Christopher Douglas (2017) é justamente de investigar qual é o tipo de vínculo entre a maneira que grupos fundamentalistas religiosos enxergam e representam a realidade com as teorias conspiratórias e notícias evidentemente falsas ("fatos alternativos", como chama Christopher Douglas). E para tal investigação foi realizado uma exploração de forma panorâmica, no contexto da América do Norte, acerca das raízes teológicas desse tipo de uso da informação, que segundo Douglas (2017), está ligada à própria gênese do fundamentalismo cristão, datada do início do século 20.

Após análise sobre o artigo, Rocha (2019) resumiu em quatro pontos o que Douglas (2017) propõe em seu artigo para tratar sobre essa forma de uso da informação.

No primeiro ponto ele traz a rejeição à modernidade. Explica que o fundamentalismo cristão surgiu organizando-se em torno da rejeição à modernidade. Sendo algo já conhecido de pesquisadores desse tema, como o filósofo, teólogo e especialista em religiões Scott Randall Paine, que explica que o fundamentalismo, do lado protestante, teve um marco importante após publicação do *The Fundamentals: A Testimony to the Truth*, que foi feita em vários volumes no período de 1909 a 1915, e definem quais pontos devem ser resguardados a qualquer tentativa de análise crítica sobre a bíblia. E pontua que a Igreja Presbiteriana, durante sua assembleia geral em 1910, reduziu esses elementos aos "cinco fundamentos", que teriam três artigos de fé sobre Jesus. São eles: nascimento vaginal; ressureição corpórea; segunda vinda iminente e dois itens de cunho mais teórico a redenção vicária e a inerrância da bíblia, no sentido literalista. Segundo Paine (2010), a Igreja Batista, em particular, aderiu a esses

[20] Ver: <https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2018/04/o-exercito-de-pinoquios.html>. Acesso em 16/05/2019.
[21] Ver: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45829796>. Acesso em 16/05/2019.

"fundamentos" e algo parecido ocorreu entre os fins do século XIX até os anos 1960, no contexto católico. Voltando para o artigo, Rocha (2019) esclarece que esses fundamentos sustentam do ponto de vista teórico rejeições voltadas para outros temas ligados a modernidades também como, a teoria da evolução das espécies, de Darwin, por conseguinte, a universidade e ciências acadêmicas, bem como a imprensa profissional secular e todas as demais instâncias de legitimação de verdade dentro de uma opinião pública liberal são sumamente rejeitadas.

No segundo ponto, Rocha (2019) fala sobre a criação dos "regimes de verdade". Segundo ele os grupos fundamentalistas criam comunidades de verdade, similares ao que sistematiza Michel Foucault como "regimes de verdade", que seriam instâncias, instituições e protocolos socialmente organizados que produzem e validam o que pode ser considerado como verdade, da mesma forma que rejeitam o que não é considerado verdadeiro. E para fazer isso, criam e enraízam verdadeiros ecossistemas de informação, que se vale de igrejas, da imprensa fundamentalista e agora no século 21, da internet (em sites como o breibart, 4chan, infowars, e canais como *youtube* e grupos do *whatsapp* cabem também nessa lógica). Para o fundamentalista não basta apenas negar a universidade, ciência, é importante grupos que legitimem tais negações como verdades literais e integrais. E assim, o mundo se divide entre os esclarecidos e portadores da verdade contra os outros dominados e doutrinados por forças demoníacas, comunistas, etc.

Já o terceiro ponto ele intitula de "Degradação do debate público". Esclarece que todo esse processo produz a degradação do debate público. O uso da razão, o debate de ideias e apontamento de evidências e contradições para se chegar à verdade por via de método crítico se reduz a uma busca pela confirmação de crenças prévias e/ou desqualificação do outro. Evidências e argumentos acabam perdendo valor na medida em que a realidade acaba por ser torcida para se confirmar as tais verdades escondidas pelos outros, parte das conspirações do mundo moderno.

O quarto e último ponto tratam justamente das *fake news*, onde segundo Rocha (2019), no artigo, Douglas (2017) explica que todo esse processo é bem anterior à internet. As f*ake news* não teriam começado nas eleições e nem com as redes sociais, no entanto é parte constituinte de um sistema sólido de ser observar a realidade. Douglas (2017) fala sobre o início do século 20, no entanto existem pesquisas que apontam questões um pouco parecidas em períodos ainda mais distantes.

Após resumir em quatro pontos o artigo de Douglas (2017), Rocha (2019) retorna à análise feita por Paine para esclarecer os aspectos enumerados chamados de "anatomia fundamentalista". Ele explica que Paine apontou quatro traços típicos dele ao longo de sua história. Um psicológico, cujo traço marcante é o subjetivismo fechado, e tem como característica a resistência à correção, não inclinação ao diálogo e nem à simpatia a quem tiver posições contrárias ou alheias ao fundamentalista; um epistemológico, relacionando a fontes de conhecimento, marcado pelo fideísmo[22] radical ou submissão a autoridade como fonte exclusiva ou predominante de certeza; um hermenêutico, relacionado à interpretação de seus fundamentos, possui atitude literalista, no caso realiza interpretações literais de suas fontes de verdade e certeza e por último o pragmático que este já relacionado a tendências de ação referentes a essa visão de mundo, onde fundamentalista tende à radicalidade, assim se opõem a valores democráticos liberais, como acomodação e negociação.

Segundo Rocha (2019), tanto os aspectos presentes no artigo de Douglas (2017) sobre as eleições nos EUA, quanto no de Peine sobre o fundamentalismo são facilmente identificados em agentes públicos no Brasil, figuras que vão de *youtubers* a lideranças político-religiosas que se apresentam a seus públicos como fonte de verdade quase que inquestionáveis e sempre deslegitimando o conhecimento acadêmico-científico e da imprensa que não seja voltada para campo católico ou evangélico fundamentalista, combinado a atitudes hostis em relação à divergência de ideias. No Brasil, Rocha (2019) cita como exemplos de agentes que se apresentam como fonte de verdades personalidades como Olavo de Carvalho, a ministra Damares Alves e até o atual ministro das relações exteriores Ernesto de Araújo. Ele também ressalta o cuidado que se deve ter sobre as atitudes dos grupos de direitas, religiosos ou não, pois possui em suas narrativas, uma cosmovisão complexa, que envolve diversos aspectos da realidade e que não assume, de jeito algum, à falta de conhecimento sobre os mais diversos temas e assuntos. E o mais grave, é que dificilmente pode ser enfrentada apenas por meio da argumentação ou demonstração da falsidade das notícias falsas ou teorias conspiratórias.

Voltando para o tema central do artigo de Douglas (2017) sobre a decisão de voto de fundamentalistas de ser tomada dentro de uma cosmovisão da qual as *fake news*

[22] Fideísmo é uma doutrina religiosa que prega que as verdades metafísicas, morais e religiosas, como a existência de Deus, a justiça divina após a morte e a imortalidade, são inalcançáveis através da razão e só serão compreendidas por intermédio da fé.

são parte importante, Rocha (2019) diz que a partir de uma reflexão semelhante à de Douglas (2017), seria possível alcançar conclusões parecidas também no Brasil e que iriam além da decisão eleitoral. Basta que seja feita uma rápida rede de memórias sobre teorias e boatos semelhantes, com ampla circulação e que teve origem e formulação em grupos cristãos fundamentalistas, como alguns casos em que se atribui pactos com o demônio a celebridades, como o caso da apresentadora Xuxa Meneghel, assim como já circulou boatos a respeito de supostos rituais que seriam realizados por atores da Rede Glogo para alcançar sucesso em novelas e outras produções.

Pseudociência, moralismo, fundamentalismo religioso, conservadorismo, para Rocha (2019), todos esses aspectos se misturam nas narrativas dos "fatos alternativos" com objetivo de desqualificar meios tradicionais de informação. E cita como exemplo, o site Terça Livre, e seu dono Alan Santos, que atribui uma falsa declaração à jornalista Constança Rezende, do Estado de São Paulo, para criticar a cobertura que a jornalista realizava sobre as acusações de corrupção contra Flávio Bolsonaro. O histórico do site, que foi levantado pela revista Veja, aponta uma postura tanto do site quanto do seu autor bem subservientes ao atual governo e hostis à imprensa profissional, realizando ataques a veículos como a Folha de São Paulo, Globo e outros.

Segundo Rocha (2019) ao relacionar os casos citados com anatomia do fundamentalismo analisada por Paine e as reflexões de Douglas (2017), é possível observar que esses tais "fatos alternativos" compõem narrativas que sustentam sistemas muito coesos de visão do mundo, pois seu subjetivismo fechado reforça a certeza, colocando tais pontos acima de qualquer tipo de crítica. Já seu fideísmo radical sobre determinados ideólogos e a fontes alternativas garante ao sistema as fontes de tais certezas, desse modo que quem os contradiz são considerados da parte do mundo do qual se consideram livres, que são aqueles que são vistos como "doutrinados" e controlados por objetivos atrelados a conspirações globais. Além disso, o espaço para o debate acaba se degradando, quase inexistindo, pois acaba que essas certezas absolutas que são passadas pelos conspiracionismo afirmados de forma definitiva, acabam escondendo as dúvidas e incertezas que são fundamentais ao debate, como a possibilidade de convencimento. E conclui esclarecendo que essa cosmovisão motiva ações concretas, se tornando vários casos atos de violência, e cita como exemplo o caso relatado pela

professora e blogueira Lola Aronovich [23], sobre *channers* que formaram grupos "masculinistas", que motivados por um radicalismo antifeminista, cometem e incentivam vários crimes.

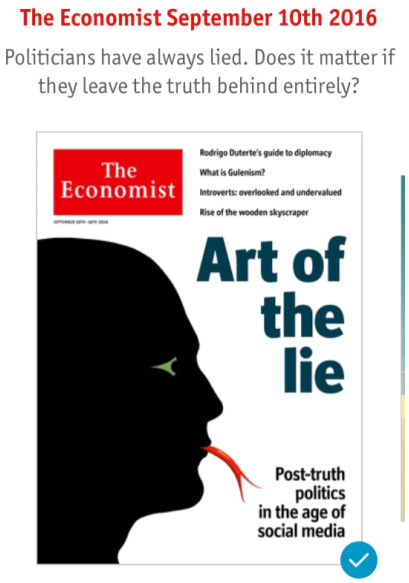
Diante da complexidade do problema, Rocha (2019) finaliza fazendo o seguinte questionamento, como combater tal problema? Para ele a resposta não cabe em sua reflexão dada complexidade do problema, no entanto um primeiro passado é entender dois pontos complementares. Para ele o primeiro é de compreender que boatos, notícias falsas, "fatos alternativos", teorias de conspiração e pseudociência não devem ser abordados e vistos como curiosidade ou piada, pois não são. Pois no fim tudo isso se conecta e acaba por se transformar em visões fechadas de mundo que conferem identidade e legitimidade para muitas ações na vida pública, com sérios riscos a democracia. E o segundo ponto para Rocha (2019) é que deve ser necessário pensar em táticas que envolvam desde cientistas, acadêmicos, jornalistas e setores moderados de igrejas e outros grupos religiosos, de forma articulada para se "furar a bolha" do fundamentalismo. E conclui que apenas desmentir ou mostrar os absurdos de algumas de suas premissas se mostra atualmente, algo ingênuo e inútil. Pois só atribuir à convicção em crenças a falta ou baixa qualidade da educação formal é igualmente de pouca utilidade, além de não ser totalmente verdadeiro, uma vez que se trada da fabricação de formas de se perceber o mundo, cosmovisões, refratárias, inclusive, à própria educação formal, atacada fortemente por tais setores de extrema direita, a partir daí segundo Rocha (2019) será possível atacar o tal problema de frente.

3.6 Pós-verdade

Para explicar o fenômeno social de considerarmos notícias falsas como verdade, foi criado o neologismo chamado pós-verdade. Em setembro de 2016, como título de uma matéria a revista The Economist trazia na capa a frase "Arte das mentiras: Política pós-verdade na era das mídias sociais".

[23] Ver: <https://theintercept.com/2018/12/21/prisao-do-misogino-marcelo-mello/>. Acesso em 19/05/2019.

Imagem 5: Capa da revista The Economist

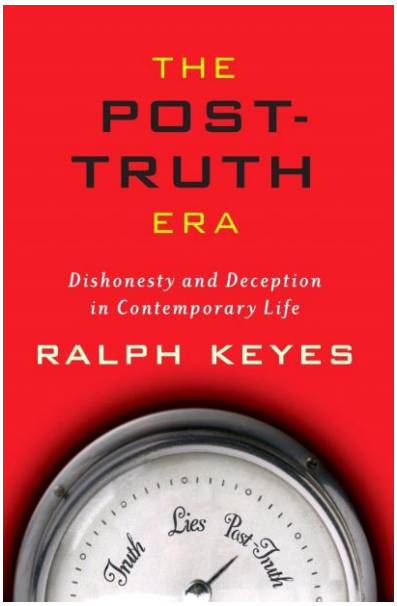


Fonte: Blog Demetrius Carvalho, 2019

A matéria tratava sobre a campanha do candidato Donald Trump e do plesbicito Brexit, ambos os casos envolvidos em notícias com falsas informações. O intuito da revista com o uso da palavra "pós-verdade", era de colocar em evidência o que existe de novo na política, onde a verdade já não é falseada ou contestada, tornou-se secundária. Para Santaella (2018), no passado, as mentiras políticas visavam criar "uma visão enganosa do mundo. As mentiras de homens como Trump não funcionam assim. Seu intuito não é convencer, e sim reforçar preconceitos". E esses preconceitos são propagados dentro das mídias sociais. Após a vitória do então candidato Donald Trump em 2016, o uso da palavra "pós-verdade", cresceu 2,000% em relação ao ano de 2015. Depois de vários estudos sobre eventos sociais, culturais, políticos e tecnológico de 2016, pós-verdade foi eleita palavra do ano. Considerada a Palavra do Ano em 2016, pelo dicionário Oxford. O adjetivo foi eleito por denotar “circunstâncias nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal”. (SANTAELLA, 2018, p.48), ou seja, preferimos acreditar que algo é verdade mesmo que não seja do que aquilo que realmente é verídico. O prefixo “pós” é usado para remeter *a noção de que o conceito de verdade já não tem o mesmo significado como no passado.*

O dicionário chamava atenção para o fato de que o conceito de pós-verdade não era algo novo, na verdade já havia sido utilizado por Steve Tesich na revista *The Nation* (1992) para tratar sobre o escândalo do Iran e da Guerra do Golfo, se lamentando que "como povos livres, livremente decidimos que queremos viver em algum mundo de "pós-verdade"". Já em 2004, Ralph Keyes publicou um livro sob o título de *The Post-Thurth* era.

Imagem 6: Capa do Livro de Ralph Keyes



Fonte: Site Know Your Meme, 2016

Para o dicionário, por sua vez, a "pós-verdade" deve ser compreendida em dois sentidos distintos: de um lado, o significado "depois que a verdade tenha se tornando conhecida", e pelo outro lado, o significado iniciado pelo artigo de Tesich, a saber, o fato de que a verdade se tornou irrelevante. Assim, no sentindo expandido, o prefixo "pós" já não significa apenas "depois de um evento ou situação específica" como, no caso da expressão "pós-guerra", mas também implica "um tempo em que um conceito se tornou irrelevante ou sem importância".

De acordo com Santaella (2018), essa diferenciação é fundamental quando se sabe quanta ambiguidade, com teor principalmente político, existe em relação ao prefixo "pós" envolvendo desde os debates sobre pós-moderno e pós-modernidade, especialmente no período de 1980 e atualmente em torno do pós-digital. Sobre a pós-

verdade, o presidente do Dicionário Oxford, Casper Grathwohl, considerou que a munição para o seu advento é dada pelas mídias sociais no seu papel de nova fonte de notícias e de crescente desconfiança nos fatos veiculados pelo *establishment*, completando com a afirmação "de que não ficaria surpreso se "pós-verdade" viesse a se tornar uma das palavras definidoras do nosso tempo, muito particularmente no seu sentido de pós-verdade política“ (ibid.) (SANTAELLA, 2018, p. 49).

Segundo Santaella (2018) em um extrato publicado do livro *21 Lessons for the 21st century* de Yuval Noah Harari, havia a seguinte declaração do escritor: "Não importa o lado em que nos colocamos, parece que de fato, estamos vivendo em uma terrificante era da pós-verdade, quando não apenas incidentes militares, mas histórias e nações inteiras podem ser falsas" (SANTAELLA, 2018, p. 50). No entanto, Santaella (2018) explica que Harari relativiza esse desastre ao destacar ao fato, de que nós humanos:

> Sempre vivemos em uma era da pós-verdade. O *Homo sapiens* é uma espécie da pós-verdade, cujo poder depende da criação e crença em ficções. Desde a era da pedra, mitos foram reforçados a serviço da união da coletividade humana. Realmente, o *Homo sapiens* conquistou este planeta graças, sobretudo, à habilidade humana única de criar e disseminar ficções. Somos os únicos mamíferos que podemos cooperar com inúmeros estranhos porque podemos inventar histórias ficcionais, espalhá-las e convencer milhões de outros a acreditar nelas. Na medida em que todos acreditam nas mesmas ficções, odebecemos às mesmas leis e podemos, então, colaborar efetivamente (ibid.) (SANTAELLA, 2018, p. 50).

Santaella (2018) pontua que o autor justifica seu argumento com afirmações sobre situações recentes em que cada nação acaba criando sua própria mitologia nacional, "enquanto movimentos como o comunismo, o fascismo e o liberalismo desenvolveram elaborados credos autorreforçadores" (SANTAELLA, 2018, p. 50). Assim, o autor cita como exemplo, segundo Santaella (2018), Joseph Goebbels, grande mago das mídias na era moderna e propagandista do nazismo, resumindo o método utilizado por ele na seguinte frase: "uma mentira dita uma única vez permanece como mentira, mas uma mentira repetida milhares de vezes torna-se verdade". A autora explica que essa lógica de fixação da ficção falsa opera no marketing e na publicidade, pois a confiabilidade em uma marca depende da repetição incansável da mesma história ficcional até que as pessoas em um determinado momento vão se convencer de que elas são verdadeiras. Santaella (2018) explica que Harari tem razão quanto à existência e disseminação da mentira como fruto do poder humano para criar hsitórias oportunistas, uma vez que a organização das massas

depende da crença em alguma mitologia. Contudo, ele não é o primeiro nem o único a considerar a anterioridade dos fenômenos da pós-verdade. Segundo Santaella (2018) Harari deixa de considerar, pelo menos nesse extrato que foi citado, é o diferencial que se instalou na disseminação da mentira depois das redes e dos aplicativos, "a partir da tsunami das redes e dos aplicativos da internet: mentiras repetidas, compartilhadas e comentadas milhões de vezes dissolvem todas as fronteiras que as separam de uma possível verdade". (SANTAELLA, 2018, p. 51). Assim, segundo Santaella (2018) a expressão "pós-verdade" merece antes de qualquer coisa, um escrutínio cuidadoso e prudente.

4. SEÇÃO 4: COMO OS MORADORES DO CANUDOS E DO MONTESE (TERRA FIRME) PERCEBEM AS *FAKE* NEWS

A pesquisa foi realizada envolvendo *fake news* com os moradores das regiões periféricas de Belém, mais especificamente dos bairros de Canudos e do Montese (Terra Firme). O *whasapp* foi escolhido como a rede social por onde os entrevistados supostamente receberiam as *fake news* para realização dessa pesquisa, por hoje, ser usada como uma comunicação de massa, além disso, o *whatsapp* não tem algoritmos que possam influenciar o que os usuários veem primeiro, ou seja, é o próprio usuário quem determina o que irá discutir, tendo papel principal na propagação de *fake news*.

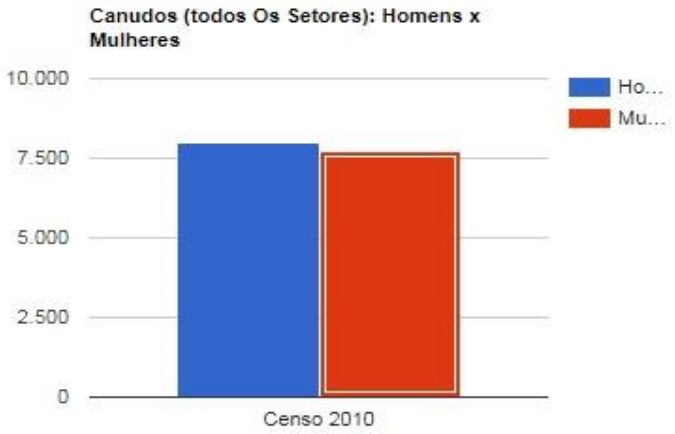
4.1 Bairro do Canudos

O bairro de Canudos, nome este recebido em homenagem à presença da força[24] policial do Pará na campanha de Canudos contra os cangaceiros. De acordo com a Lei 7.806, de 30 de Julho de 1996[25], o bairro abrange a área envolvida pela poligonal que tem o início na interseção da Trav. Nina Ribeiro com Av. Ceará, seguindo até o prolongamento da Pass Nazaré, flete à direita e segue até a Rua Roso Danin, flete à direita e segue por esta até a Trav. Juvenal Cordeiro, flete à esquerda e segue por esta até a Rua Silva Rosado, flete à esquerda e segue por esta até a Av. Celso Malcher, flete á direita e segue por esta até encontrar a Rua da Olaria, flete à direita e segue por esta até a Pass. N Sra. das Graças, flete à direita e segue por esta até a Trav. 2º de Queluz, flete à esquerda e segue por esta até a Av. Conselheiro Furtado, flete à direita e segue por esta até a Trav. Barão de Mamoré, flete à direita e segue por esta até a Av Gentil Bittencourt, flete à direita e segue por esta até a Pass. Moura Carvalho, dobra à esquerda e segue por esta até a Rua Dr. Américo Santa Rosa, flete à direita e segue por esta até encontrar a Trav. Nina Ribeiro, flete à esquerda e segue por esta até o início da poligonal. Segundo CENSO[26]

[24] Ver: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Canudos.htm>. Acesso em 28/08/2019.
[25] Ver: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/coletanea/PDF/n_urban_p/bairros.pdf>. Acesso em 28/08/2019.
[26] Constitui a principal fonte de referência para o conhecimento das condições de vida da população em todos os municípios do País e em seus recortes territoriais internos, tendo como unidade de coleta a pessoa residente, na data de referência, em domicílio do Território Nacional.

2010[27], a população do bairro de Canudos (todos os setores) é de 15.732 mil habitantes, sendo a população masculina de 7.997 habitantes e a feminina de 7.735 habitantes, conforme demonstração do gráfico abaixo:

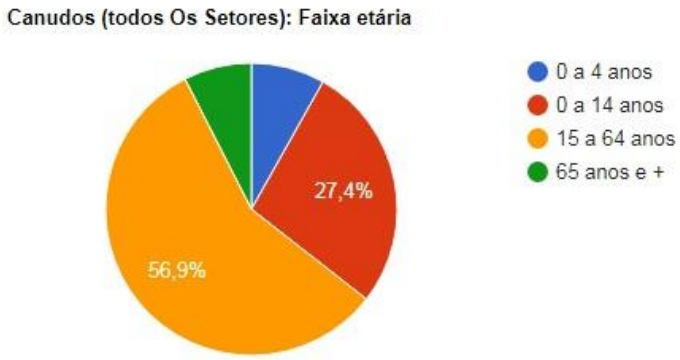
Imagem 7: Quantidade de homens e mulheres que moram no bairro do Canudos



Fonte: Site População, 2013.

Quanto à faixa etária da população do bairro de Canudos (todos os setores):

Imagem 8: Faixa etária da população do Canudos



Fonte: Site População, 2013.

[27] Ver: <http://populacao.net.br/populacao-canudos-todos-os-setores_canudos_ba.html#>. Acesso em 28/08/2019.

O gráfico demonstra a faixa etária, agrupando em grupos de 0 a 4 anos, 0 a 14 anos, 15 a 64 anos e 65 anos e +. Resultados:

Imagem 9: Faixa etária por grupos da população do bairro do Canudos

Faixa Hetária	População	Porcentagem
0 a 4 anos	1400	8.9%
0 a 14 anos	4688	29.8%
15 a 64 anos	9754	62%
65 anos e +	1290	8.2%

*Número aproximados devido cálculos de porcentagem

Fonte: Site População, 2013

Dados tabulados sobre a população do Canudos (todos os setores):

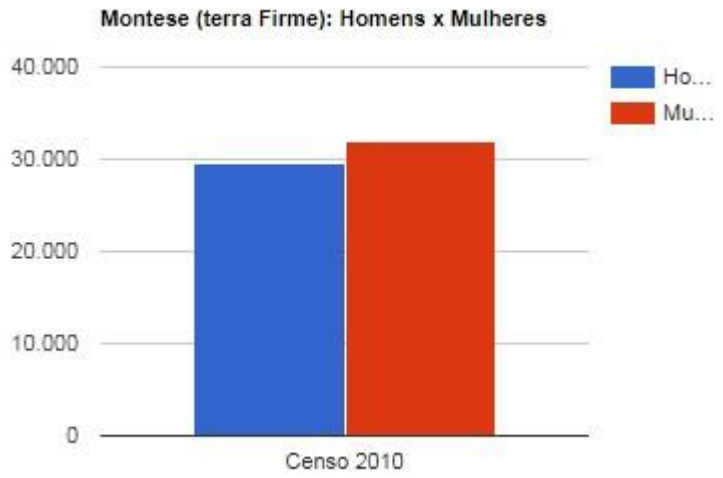
Imagem 10: Dados tabulados sobre a população do Canudos

Domicílios Particulares Permanentes	5.442
População Residente	15.732
População Homens	7.997
População Mulheres	7.735
Razão de Dependência Jovens	48%
Razão de Dependência Idosos	13.3%
Razão de Dependência Total	61.3%
Índice de Envelhecimento	27.7%
Razão de Masculino x Feminino	103.4%
Razão Crianças-Mulheres	39.7%
Média de moradores por Domicílios	3.7
Proporção de domicílios ocupados	78.6%
Proporção de domicílios não ocupados	21.4%

Fonte: Site População, 2013.

De acordo também com a Lei 7.806, de 30 de Julho de 1996, o bairro Montese (Terra Firme) [28] compreende a área envolvida pela poligonal que tem início na interseção da Av Eunice Weaver (Av. Perimetral) com as áreas da UFPA, segue contornando esse limite até a interseção com o Igarapé do Tucunduba, segue por este até encontrar a Pass. N. Sra. das Graças, flete à esquerda e segue por esta até a Rua da Olaria, flete à direita e segue por esta até a Rua Silva Rosado, flete à esquerda e segue por esta até a Trav. Juvenal Cordeiro, flete à direita e segue por esta até a Rua Roso Danin, dobra à direita e segue por esta até a Pass. Nazaré, dobra a esquerda e segue por esta e por seu prolongamento até a confluência da Av. Ceará com a Pass. Sem Denominação, dobra à direita e segue por esta até a Rua Jabatiteua, dobra à direita e segue por esta até o Canal Tucunduba, flete à esquerda e segue por este até a Pass Monte Alegre, flete à direita e segue por esta até a Av. Eunice Weaver (Av. Perimetral), flete a direita e segue por esta até o inicio da poligonal. O bairro Montese (Terra Firme) segundo CENSO 2010 a população do bairro é de 61.439 habitantes[29] sendo formada por 29.518 pela população masculina e 31.921 da população feminina. Conforme gráfico abaixo:

Imagem 11: Quantidade de homens e mulheres que moram no bairro do Montese



Fonte: Site Populacão, 2013

Quanto à faixa etária da população de Montese (Terra Firme)

[28] Ver: <http://www.belem.pa.gov.br/segep/download/mapas/bairros/Montese.htm>. Acesso em: 28/08/2019

[29] Ver: <http://populacao.net.br/populacao-montese-terra-firme_belem_pa.html>. Acesso em: 28/08/2019

Quanto à faixa etária da população do bairro do Montese (Terra Firme) (todos os setores):

Imagem 12: Faixa etária da população do Montese (Terra Firme)

Fonte: Site População, 2013

O Gráfico abaixo demonstra a faixa etária, agrupando em grupos de 0 a 4 anos, 0 a 14 anos, 15 a 64 anos e 65 anos e +:

Imagem 13: Faixa etária por grupos da população do bairro do Montese (Terra Firme)

Faixa Hetária	População	Porcentagem
0 a 4 anos	4977	8.1%
0 a 14 anos	15851	25.8%
15 a 64 anos	42884	69.8%
65 anos e +	2703	4.4%

*Número aproximados devido cálculos de porcentagem

Fonte: Site População, 2013

Dados tabulados sobre a População do Montese (Terra Firme)

Imagem 14: Dados tabulados sobre a população do Montese (Terre Firme)

Domicílios Particulares Permanentes	16.759
População Residente	61.439
População Homens	29.518
População Mulheres	31.921
Razão de Dependência Jovens	37%
Razão de Dependência Idosos	6.2%
Razão de Dependência Total	43.2%
Índice de Envelhecimento	16.9%
Razão de Masculino x Feminino	92.5%
Razão Crianças-Mulheres	29%
Média de moradores por Domicílios	4
Proporção de domicílios ocupados	92.4%
Proporção de domicílios não ocupados	7.6%

Fonte: Site População, 2013

4.3 Fake news utilizadas na pesquisa

Para realização da pesquisa, inicialmente foram escolhidas algumas *fake* news para composição do formulário utilizado com os entrevistados. As *fake news* foram separadas por temas.

4.4 Fake news – Sexualidade e Gênero

As três primeiras *fake news*, tratam sobre os temas sexualidade e gênero. Duas da *fake news* utilizadas na pesquisa tomaram grandes repercussões durante a disputa presidencial em 2018. Uma das *fakes news* escolhidas ocorreu nas eleições no Brasil em 2018, e que gerou incansáveis debates em nossos ciclos de convívio, o "kit gay" [30] para

[30] Ver: <https://aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>. Acesso em 14/04/2019.

crianças de seis anos que supostamente teria sido criado pelo então candidato do PT à Presidência da República Fernando Haddad. O "kit gay" que foi criado em 2011, na verdade, é um projeto chamado Escola Sem Homofobia produzida por organizações de defesa da população LGBT junto a FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), que é uma autarquia do Ministério da Educação, que na época estava sob gestão de Fernando Haddad. Para criação do projeto foi disponibilizado por meio de uma ementa parlamentar nº 5034005 da Comissão de Participação Legislativa da Câmara dos Deputados uma verba de R$ 1.915.884,69. O material do projeto que era composto de três vídeos, seis boletins e um caderno contendo orientações para educadores, tinha como principal objetivo promover a aceitação e a inclusão da população LGBT, e não a sexualização e muito menos era destinado para as crianças de seis anos como era divulgado por meio das *fake news*. O material era para estudantes do ensino médio, adolescentes e pré-adolescentes.

O projeto continha duas peças audiovisuais que tinham classificação indicativa a partir de 11 anos de idade e uma livre, além disso, no caderno havia recomendações aos educadores para que ouvissem e assistissem ao material para verificarem se era adequado ao seu público e se o tema permitia a reflexão do assunto, além do mais as atividades eram sugestões e não obrigatórias dentro de uma disciplina.

Em consequência da coerção da Frente Parlamentar Evangélica na Câmara dos Deputados, o projeto acabou sendo vetado pela então presidente Dilma Roussef (PT), não chegando às escolas públicas do País.

No *facebook* uma imagem era divulgada com as frases "se você defende as crianças, não vote nele. Haddad é o criador do kit gay para crianças de seis anos".

Imagem 15: Publicação feita no *Facebook* sobre o "Kit Gay"

Fonte: Site Aos fatos, 2018.

Além de um vídeo que reproduzia uma reportagem da TV Record de 2011 sobre a polêmica que gerou o projeto Escola Sem Homofobia.

Imagem 16: Vídeo sobre a reportagem da TV Record de 2011

Fonte: Site Aos Fatos, 2018

Já no *whatsapp* o vídeo sobre a reportagem circulava com a frase "Achei!!! eu sabia que tinha isso guardado em algum lugar. Aqui está a prova cabal. Veja o JN em 2010!!! Haddad implanta o kit gay nas Escolas e Bolsonaro luta contra isso.

Ajudem a compartilhar muito esse vídeo".

Imagem 17: Mensagem que era disseminada via *whatsApp* sobre o Kit Gay

Fonte: Site aos fatos, 2018

No dia 28 de Agosto [31] de 2018, durante uma entrevista ao Jornal Nacional da Tv Globo, o atual presidente da república Jair Messias Bolsonaro mostrou o livro Aparelho Sexual e Cia. vinculando o livro aos programas do Ministério da Educação enquanto Haddad estava à frente da pasta, a entrevista passou também a circular como uma suposta prova da distribuição de um conteúdo didático que incentivava a sexualidade precoce nas crianças.

[31] Ver: <https://www.brasildefato.com.br/2018/10/16/tse-confirma-que-kit-gay-nunca-existiu-e-proibe-fake-news-de-bolsonaro/>. Acesso em 15/04/2019.

Imagem 18: Entrevista de Jair Messias Bolsonaro ao Jornal Nacional em 2018

Fonte: Site Brasil de Fato, 2018.

O livro que foi escrito pelo autor suíço Philippe Chappuis, foi traduzido em português e traduzido em 2007 pela editora Cia das Letras, confirmou que o livro nunca foi comprado pelo MEC, e muito menos fez parte do suposto “kit gay”. O livro na verdade o Ministério da Cultura teria comprado cerca 28 exemplares em 2011 e distribuído a bibliotecas públicas.

Atendendo ao pedido de defesa do candidato Haddad, o ministro do Tribunal Superior Eleitoral, Carlos Horbach, em 16 de outubro de 2018 determinou a retirada dos links contendo vídeos e imagens que vinculavam o "kit gay" ao candidato Fernando Haddad, pois o vínculo gerava desinformação no período eleitoral. Mesmo depois de passado o período eleitoral no Brasil e a determinação do ministro do TSE, o "kit gay" ainda é um tema que gera intensos debates como se de fato tivesse sido distribuído e criado pelo então candidato Fernando Haddad contendo o discurso que a *fake news* propagava de um material didático que incentivada a sexualização infantil.

A segunda *fake news* escolhida e que teve grande repercussão nas eleições e ainda se mantém como alvo de debates até hoje é a proposta da discussão da “ideologia de gênero” nas escolas. O termo que surgiu em 2005[32], por um grupo chamado "Escola Sem Partido", no ambiente católico[33] e foi aceito também por grupos evangélicos, trata

[32] Ver: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/06/artigo-or-afinal-ideologia-de-genero-existe/>. Acesso em 16/04/2019.
[33] Ver: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/mentir-e-pecado-os-cristaos-e-a-propagacao-de-fake-news/>. Acesso em 22/04/2019.

de forma pejorativa a ideia de gênero e as lutas por igualdade, associando ao sentido de ideologia, dando uma ideia de manipulação, ilusão. Assim, a ideologia de gênero é apresentada como se fosse uma proposta "marxista" [34], de grupos da esquerda, com o intuito de destruir a "família tradicional".

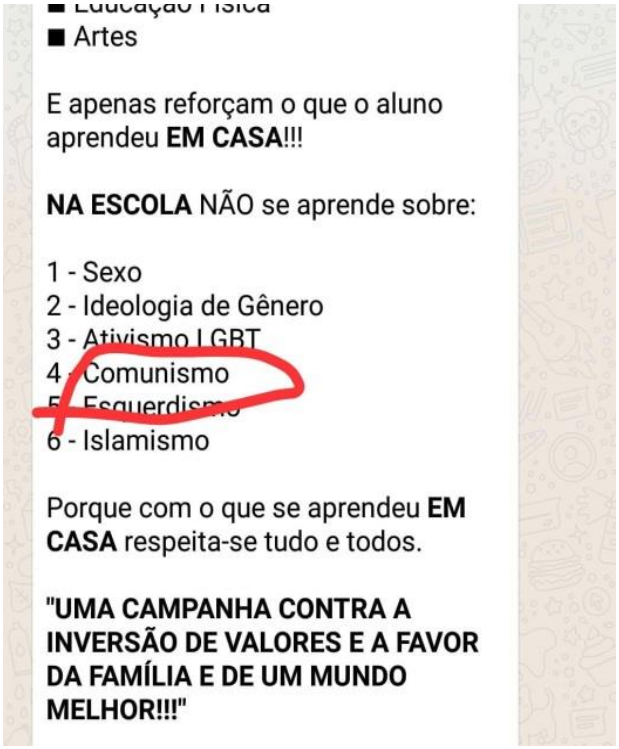
Imagem 19: Publicação feita no *twitter* sobre a ideologia de gênero nas escolas

Fonte: Página do Twitter @nadanovonofront, 2017

[34] Que ou aquele que é entusiasta ou seguidor do marxismo. O marxismo é um conjunto de concepções elaboradas por Karl Marx 1818-1883 e Friedrich Engels 1820-1895 que, baseadas na economia política inglesa do início do XIX, na filosofia idealista alemã (esp. Hegel) e na tradição do pensamento socialista inglês e francês (esp. o chamado *socialismo utópico*), influenciaram profundamente a filosofia e as ciências humanas da Modernidade, além de servir de doutrina ideológica para os países socialistas.

Mensagem que divulgava *fake news* sobre a ideologia de gênero

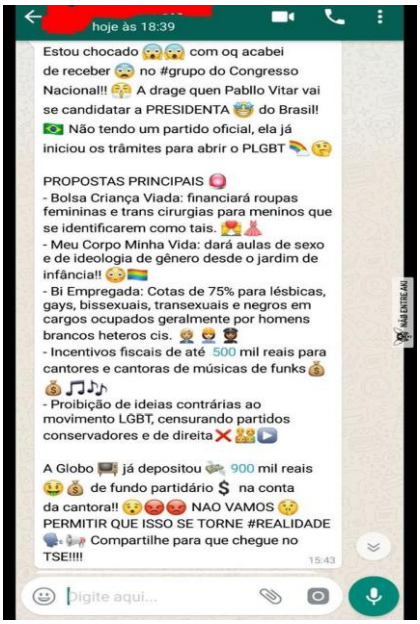
Imagem 20: Recorte de uma notícia sobre a ideologia de gênero



Fonte: Site Imgur, 2018

Mensagem compartilhada via *whatsapp* sobre a ideologia de gênero

Imagem 21: Mensagem que circulava no w*hatsApp* sobre propostas de discussão da ideologia de gênero



Fonte: Site Não Entre Aki, 2018.

propagarem as *fake news*, mesmo que eles constatem que é mentira, mas como está atrelado ao seu modo de pensar, acabam compartilhando esse tipo de notícia.

Uma das formas para se compreender esse processo dentro do ethos[35] religioso, seria por meio da psicologia social. Quando um indivíduo tem a necessidade de estabelecer sentido entre seus conhecimentos, suas opiniões, que acreditam ser o certo em relação ao que se apresenta como opções de comportamento ou de pensamentos, na psicologia social é conhecido como "dissonância[36] cognitiva". Para que o indivíduo chegue ao processo de consonância[37], existem duas atitudes: a de aceitar o que é oferecido e refletir no que deve ser mudado ou rejeitar a opção em nome do que pensa ser o "certo". É nesse dinamismo que se situa a perspectiva da religião, principalmente no caso dos grupos religiosos conservadores, para propagar a "evangelização" e converter mais pessoas aos seus ideais, acabam se tornando mais propensos a caírem em *fake news*, pois, assimilam as notícias com falsas informações as suas crenças.

É importante pontuar que não são somente os ditos conservadores que propagam mentiras[38], a disseminação de *fake news* ocorre dentre diversos grupos ideológicos, no entanto, são os grupos de cristãos religiosos que estão mais sujeitos a divulgarem *fake news*, já que estão mais expostos à dissonância cognitiva. Os grupos religiosos são constantemente questionados por conta das mudanças políticas e sociais, que acabam colocando em questão suas crenças e convicções que são alimentadas por uma leitura descontextualizada da fé, ou seja, do mundo. A ideologia de gênero pode ser considerada uma das mais bem-sucedidas concepções falsas criadas no campo religioso.

Segundo a mestra em estudo de gênero e militante da marcha internacional das mulheres Heloisa de Sousa[39] a ideologia de gênero, na verdade, não existe, e foi criado com intuito de confundir a população e assim diminuir seus direitos como trabalhadores. Heloisa de Souza ainda reitera que ninguém pode mudar o sexo do outro, o que existe, na verdade por trás da ideologia de gênero é o ensino à distância, diminuição das políticas públicas, a reforma trabalhista e da previdência, etc. Dessa forma se consegue retirar o

---

[35] Conjunto dos costumes e hábitos fundamentais, no âmbito do comportamento (instituições, afazeres etc.) e da cultura (valores, ideias ou crenças), característicos de uma determinada coletividade, época ou região.
[36] Falta de harmonia, discordância (entre duas ou mais coisas).
[37] Concordância, acordo, conformidade.
[38] Ver: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/mentir-e-pecado-os-cristaos-e-a-propagacao-de-fake-news/>. Acesso em 16/04/2019.
[39] Ver: <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/06/artigo-or-afinal-ideologia-de-genero-existe/>. Acesso em 22/04/2019.

conhecimento e consequentemente o direito do povo. Além disso, a ideia de ideologia de gênero seria uma artimanha também para esconder as desigualdades entre homens e mulheres. Para ela falar sobre a desigualdade entre homens e mulheres é entender que mulheres ganham menos que homens exercendo as mesmas funções, que elas sofrem mais desempregos que eles. E pontua sobre a importância de se falar sobre diversidade nas escolas, que segundo Heloisa de Souza, falar sobre diversidade é explicar que a sociedade é composta por vários grupos, e que o respeito deve ser para todas as pessoas que formam estes grupos, independentemente de sua orientação sexual, identidade ou da comunidade que fazem parte. Assim, falando sobre diversidade para às crianças em escolas, é ensinar a não terem preconceitos, respeitando as diferenças, que o projeto "Escola Sem Partido" busca de alguma forma omitir, resumindo os indivíduos a humanos, não considerando as diferentes necessidades de cada grupo. É fundamental que essas diferenças sejam reconhecidas para que o governo possa trabalhar para todos, pois, mesmo que na lei esteja escrito que todos temos os mesmos direitos, sabemos que as coisas não ocorrem dessa maneira. A terceira *fake news* trata sobre a criação de cotas[40] para homossexuais em concursos públicos. De acordo com o texto o projeto seria do deputado Marquinhos Freire (PT-BA), e teria a chamada Federação Brasileira de Bissexuais, descontente pela exclusão das pessoas com essa orientação sexual do projeto. Segundo Roney Domingo, do site G1, o projeto de lei não existe. Não há nenhum projeto parecido tramitando no Congresso, além disso, o deputado não existe de acordo com a liderança do PT na Câmara, e não há nenhuma referência a uma entidade brasileira com o nome Federação Brasileira dos Bissexuais no país.

[40] Ver: <https://g1.globo.com/e-ou-nao-e/noticia/projeto-cria-cota-para-homossexuais-em-concursos-publicos-nao-e-verdade.ghtml>. Acesso em 27/11/2019.

Imagem 22: Texto compartilhados nas redes sociais sobre o projeto

Sexualidade

Homossexuais terão cota em concursos públicos

Por **Josias Oliveira** - 7 de abril de 2017 411

Compartilhar no Facebook | Tweet no Twitter

Projeto de lei estabelece cota de 15% das vagas dos concursos públicos federais para homossexuais e transexuais. Bissexuais continuam na luta pelo benefício mas ainda não foram contemplados no texto base do projeto.

Mais um projeto de lei do Congresso Nacional está causando polêmica na comunidade evangélica brasileira. O projeto que prevê cotas de 15% para homossexuais e transexuais em concursos públicos federais é alvo de severas críticas da bancada evangélica, mas dificilmente será barrado antes da aprovação. Depois de ser aprovado pela CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) seguirá para votação em abril e já conta com o apoio de 254 deputados federais.

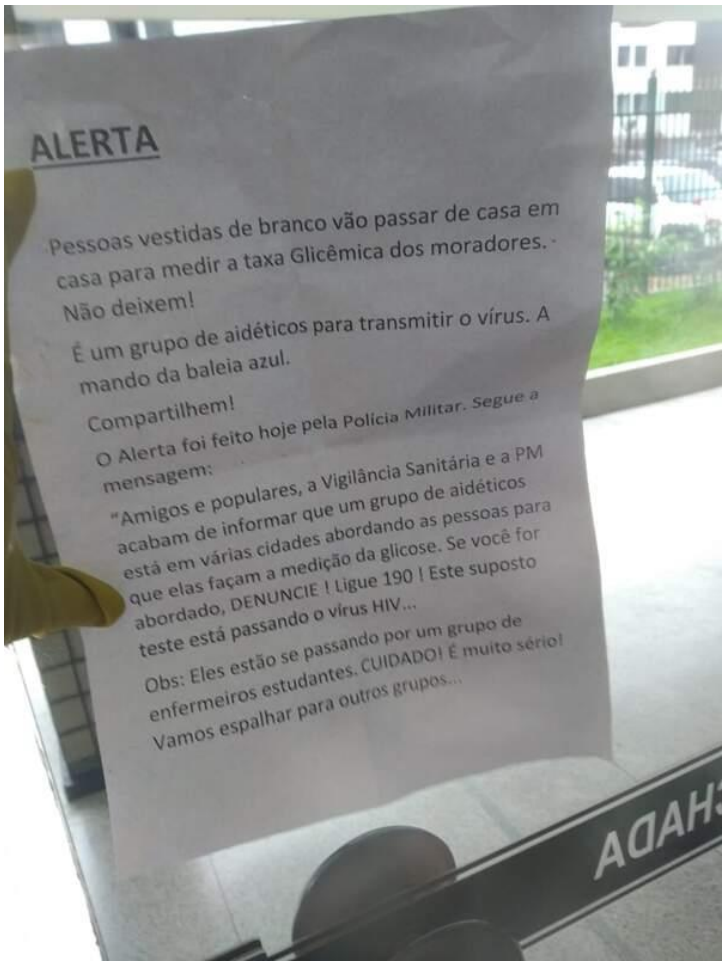
Fonte: Site Globo.com, 2017.

4.5 *Fake news* – Segurança

Das *fake news* que tratam sobre o tema segurança utilizadas na pesquisa três foram criadas envolvendo situações semelhantes as que ocorreram em 2014 após a morte

do cabo Pet. A quarta pergunta também criada na mesma perspectiva, porém voltada a situações de linchamento e a quinta pergunta sobre situações que são bem corriqueiras envolvendo supostos grupos que possuem sempre alguma finalidade de causar algum tipo de violência, neste caso, foi escolhida a *fake news* que circulou no *whatsapp* no Distrito Federal sobre um suposto caso de pessoas vestidas de branco[41] que estariam passando de casa em casa para medir a taxa glicêmica, no entanto, trata-se de um grupo de aidéticos para transmitir o vírus.

Imagem 23: mensagem falsa divulgada em grupos do *whatsapp*



Fonte: Site metrópoles, 2019.

[41] Ver: <https://www.metropoles.com/distrito-federal/alerta-sobre-pessoas-de-branco-que-transmitem-hiv-em-aguas-claras-e-fake-news>. Acesso em 27/11/2019.

De acordo com Rebeca Borges do site metrópoles tanto a Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF) quanto a vigilância sanitária informaram não ter recebido nenhuma denúncia relacionada ao assunto, negaram a emissão da mensagem e alertaram e a população sobre os riscos do compartilhamento de *fake news*.

4.6 *Fake news* – Saúde

Sabemos que as *fake news* que possuem rápida percussão ainda são as de cunho político, no entanto, elas não trazem riscos apenas ao cenário eleitoral, notícias com falsas informações sobre os processos de vacinação no Brasil [42] estão se tornando uma verdadeira ameaça para o Ministério da Saúde no processo de imunização de crianças e adultos. Por este motivo, este tema foi escolhido para composição das *fake news* apresentadas no formulário, com objetivo de compreender como *fake news* dessa temática podem afetar esses moradores, assim, foi criada uma *fake news* para ser utilizada no questionário.

Para o Ministério da Saúde, as *fake news* estão sendo um dos motivos da queda dos números relacionados à imunização no Brasil. Segundo a coordenadora de mídias sociais do MS, Ana Miguel[43], 89% das notícias falsas sobre o tema saúde atacam a credibilidade das vacinas. Ela ainda explica que desde março de 2018 sua equipe de trabalho iniciou um monitoramento diário de todas as redes sociais e já foram encontradas mais de 418 *fake news* sobre o tema saúde.

De nove vacinas prioritárias do calendário infantil em 2017[44], nenhuma atingiu a meta de 95% de imunização, a maioria ficando entre os 70%, já as vacinas que protegem contra o sarampo tiveram queda. A tríplice que tinha 96% de cobertura da população em 2015, caiu para 83,87%. Já a tetra viral saiu de 77,37% para 70,6% no mesmo período. Assim aconteceu também com a retra viral, poliomielite, BCG, Rotavírus humano, Meningocócica C,Pentavelente e Pneumocócica.

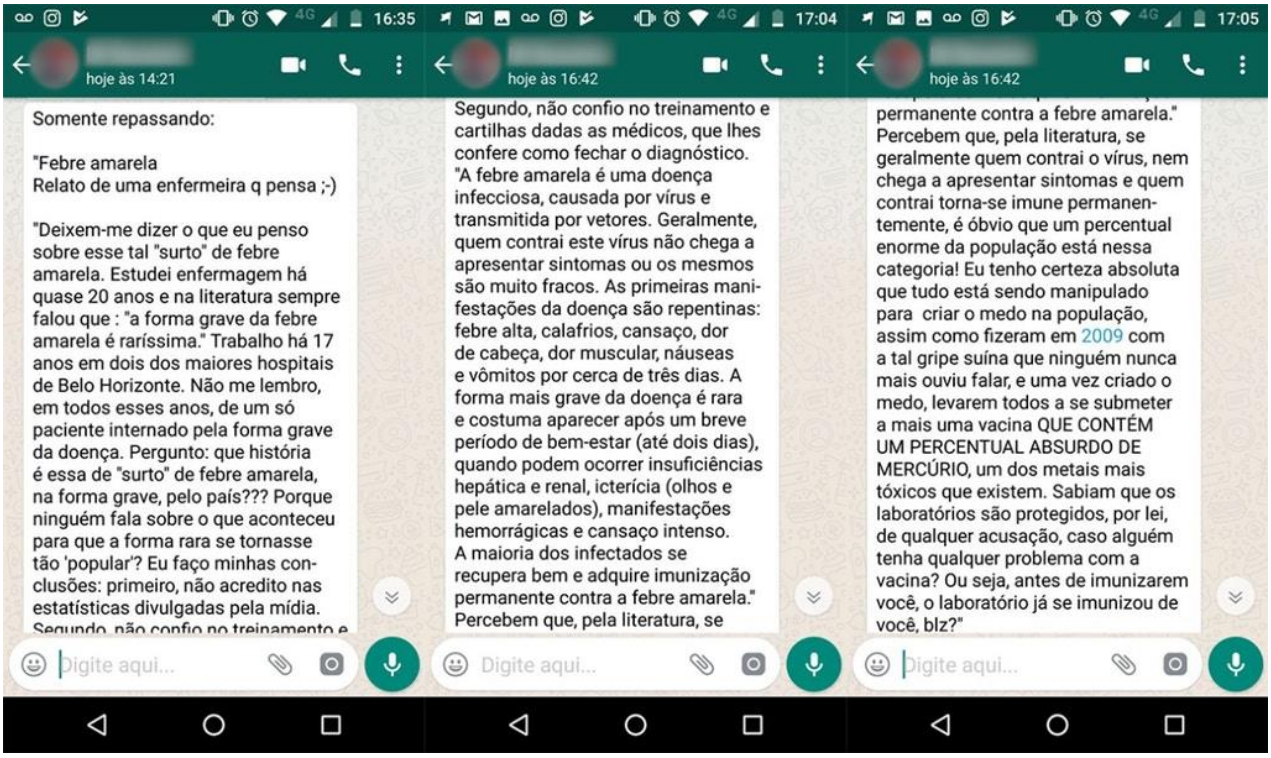
---

[42] Ver: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/07/30/interna_politica,698273/fake-news-ameacam-a-vacinacao-no-brasil-e-ressuscitam-doencas.shtml>. Acesso em 05/05/2019

[43] Ver: <https://www.conasems.org.br/fake-news-agravam-surtos-de-doencas-no-pais/>. Acesso em 05/05/2019.

[44] Ver: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/07/30/interna_politica,698273/fake-news-ameacam-a-vacinacao-no-brasil-e-ressuscitam-doencas.shtml>. Acesso em 05/05/2019.

Imagem 24: Mensagem via *whatsApp* sobre a vacina contra febre amarela



Fonte: Site The Intercept Brasil, 2018

Em novembro de 1904[45], entre os dias 10 e 16, a população tornou o Rio de Janeiro um campo de batalha. O motivo que levou a população a esse alvoroço, foi à determinação do então presidente Rodrigues Alves (1848−1919) de tornar a vacinação contra varíola obrigatória. Passado os anos, se percebe como a Revolta da Vacina foi ocasionada pela falta de informação. Atualmente muitas doenças estão sob controle por conta do avanço da medicina no desenvolvimento de vacinas. No entanto, um crescente movimento antivacina vem surgindo no mundo todo e também no Brasil. Famílias de classes média e alta estão negligenciando a vacinação dos seus filhos, e um dos principais motivos é o excesso de informação, ou melhor, de informação correta. Agora combinado com as *fakes news* nas redes sociais e em aplicativos de mensagens instantâneas essas informações estão trazendo resultados alarmantes para as campanhas de vacinação. Segundo Michele Gravina [46] Aluna do Mestrado Profissional em Ensino de Biologia em Rede Nacional (ProfBio), uma das formas para se combater as *fakes news*

[45] Ver: <http://cienciahoje.org.br/artigo/educacao-uma-vacina-contra-as-fake-news/>. Acesso em 02/05/2019
[46] Ver: <http://cienciahoje.org.br/artigo/educacao-uma-vacina-contra-as-fake-news/>. Acesso em 02/05/2019.

que alimentam os movimentos antivacinas é investir na divulgação científica tornando-a mais ampla e acessível. Além disso, ela também fala sobre a importância de usar o ambiente escolar para se propagar as informações corretas sobre as ações protetoras das vacinas. Assim, a participação de professores seria importante nesse processo, possibilitando junto aos alunos uma análise crítica das notícias sobre o tema saúde, para que os alunos pudessem verificar as fontes dessas informações que surgem nessas plataformas.

Para a pesquisadora do Instituo de Biofísica Carlos Chagas Filho, Clarissa Damaso[47], a chance de uma pessoa morrer por causa de uma doença é infinitamente muito maior do que ela morrer por causa da vacina criada para combater a própria doença. Ela explica que as vacinas podem ser produzidas de diversas formas, mas geralmente envolvem o uso de partículas virais que estão inativadas (caso da vacina contra a gripe) ou usam o vírus atenuado, que no caso é uma forma pouco virulenta como no caso das vacinas contra sarampo, rubéola, caxumba e varíola.

É importante compreender que a decisão de não se vacinar ou não permitir a vacinação de uma criança, é prejudicial para toda uma população, pois, essa atitude compromete toda uma cobertura vacinal de uma determinada região. Quando muitas pessoas estão vacinadas, aquelas que por algum motivo não podem se vacinar (seja por questões de idade, alergia, gravidez), ficam de protegidas, pois, com o alto índice de pessoas imunizadas, não tem como o microrganismo circular naquela população, agora, caso a cobertura vacinal for baixa, as pessoas não vacinadas estão mais sujeitas a contraírem alguma doença, e esse é um dos principais riscos do movimento antivacina.

Na luta contra as *fake news* o Ministério da Saúde [48] disponibilizou um número de *Whats App* (61) 99289-4640 para que a população possa enviar mensagens. É importante ressaltar que o contato não será usado como um sac ou para tirar dúvidas, e sim um espaço exclusivo para receber informações virais, que estarão sendo apuradas por técnicos e respondidas de forma oficial se são verdades ou mentira. Qualquer cidadão poderá enviar de forma gratuita mensagens com imagens ou textos que tenham recebido nas redes sociais para confirmar se a informação é verdadeira antes de compartilhar. No

[47] Ver: <http://cienciahoje.org.br/artigo/educacao-uma-vacina-contra-as-fake-news/>. Acesso em 02/05/2019.
[48] Ver: <http://portalms.saude.gov.br/fakenews>. Acesso em 05/05/2019.

site também do Ministério da Saúde algumas publicações falando sobre imagens e notícias que circulam nas redes sociais, e informando se são *fane news* ou não.

Imagem 25: Notícia sobre campanha de vacinação contra o sarampo

O Ministério da Saúde adverte que a imagem que circula nas redes sociais anunciando um Dia D Nacional de vacinação no dia 16 de fevereiro é falsa! Não compartilhe!

O cartaz se refere à vacinação apenas no município de Timóteo (MG). As vacinas contra sarampo (tríplice viral e tetraviral) são oferecidas durante todo o ano nos postos, na rotina da imunização para as faixas etárias indicadas no Calendário Nacional de Vacinação.

Fonte: Site Ministério da Saúde, 2019

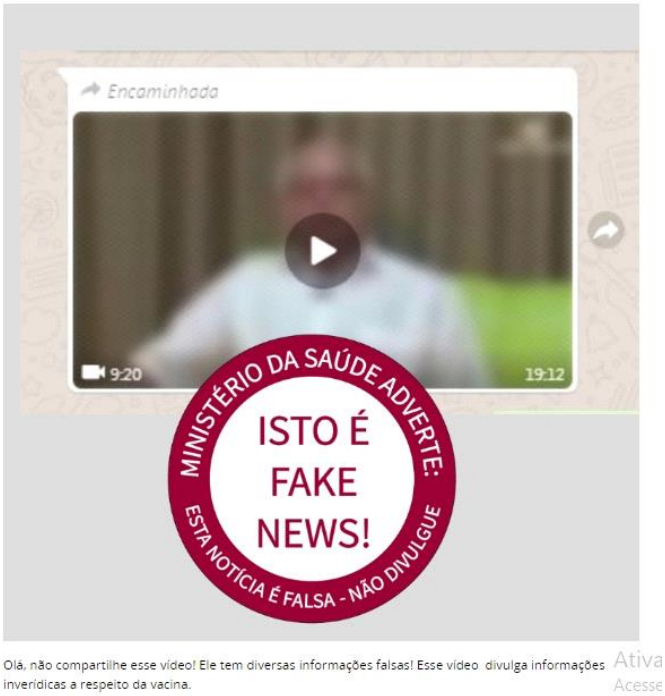
Postagem feita na página do Ministério da Saúde sobre uma notícia que estava circulando no *WhatsApp*.

Imagem 26: Mensagem contato sobre 10 razões pelas quais não deveria vacina seu filho (a)

Fonte: Site Ministério da Saúde, 2019

Vídeo que circulava com informações falsas sobre o processo de vacinação

Imagem 27: Vídeo falso sobre o processo de vacinação que estava circulando via *whatsApp*.



Fonte: Site Ministério da Saúde, 2019

4.7 *Fake news* – Artistas

A última *fake* news escolhida envolvem a situação de nome de artistas. Depois que surgiu na mídia a cantora Pabllo Vittar já teve seu nome envolvido em diversas *fake* news. Por este motivo, a *fake news* escolhida envolvendo este tema surgiu em 2017, e ainda é alvo de debates até hoje. Um *print* de uma notícia[49] do jornal A Folha de S Paulo informava que a cantora Pabllo Vittar teria conseguido obter do governo federal R$ 5 milhões por meio da Lei Rouanet[50], o print começou a circular durante o mês de dezembro, no entanto se trata de uma montagem. A notícia não foi publicada pela Folha de S. Paulo, durante o período de circulação do print também não havia nada sobre o assunto no Diário Oficial da União nem no *site* do Ministério da Cultura.

Imagem 28: Print da notícia do Jornal A Folha de S Paulo.

Fonte: Site GaúchaZH, 2017

[49] Ver: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2017/12/pabllo-vittar-beneficiada-pela-lei-rouanet-veja-essa-e-outras-5-noticias-falsas-sobre-a-cantora-cjboyn1dh03f301p91whjzix1.html>. Acesso em 08/10/2019.

[50] Lei de Incentivo à Cultura contribui para que milhares de projetos culturais aconteçam, todos os anos, em todas as regiões do país. Por meio dela, empresas e pessoas físicas podem patrocinar espetáculos – exposições, shows, livros, museus, galerias e várias outras formas de expressão cultural – e abater o valor total ou parcial do apoio do Imposto de Renda.

4.8 Entrevistas

Os 25 entrevistados inicialmente responderam às perguntas relacionadas à idade, profissão, renda mensal, nível de escolaridade, estado civil e se possuem descendentes. Foram obtidos os seguintes resultados:

- Idade

A maior parte dos entrevistados está na faixa etária de 23 a 27 anos (44%). Logo após, estão os da faixa etária de 18 a 22 anos (28%), de 28 a 32 anos (16%). Por último estão os entrevistados da faixa etária de 33 a 37 anos (4%), 49 a 55 anos (4%) e de 60 a 65 anos (4%).

Tabela 1 – Faixa etária dos entrevistados

Faixa Etária	Quantidade
60 a 65 anos	1
49 a 55 anos	1
33 a 37 anos	1
28 a 32 anos	4
23 a 27 anos	11
18 a 22 anos	7
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

- Ocupação Profissional

As ocupações dos entrevistados estão subdivididas da seguinte forma: um militar (4%), um recepcionista (4%), dois autônomos (8%), um atendente (4%), três estagiários (12%), um decorador de pratos (4%), uma aposentada (4%), um artista visual (4%), um protético (4%), dois cabelereiros (8%), dois professores (8%), um gerente comercial (4%), uma secretária (4%), um eletricista (4%), uma manicure (4%), um porteiro de condomínio (4%), uma agente de relacionamento com cliente (4%), uma

assistente administrativo (4%). Entre os entrevistados foram registrados apenas dois (8%) participantes que não tinham ocupações profissionais.

Tabela 2 – Ocupação profissional dos entrevistados

Ocupação profissional	Quantidade
Desempregado	2
Assistente Administrativo	1
Agente de relacionamento com cliente	1
Porteiro de condomínio	1
Manicure	1
Eletricista	1
Secretária	1
Gerente comercial	1
Professor	2
Cabelereira	2
Protético	1
Artista Visual	1
Aposentada	1
Decorador de pratos	1
Estagiário	3
Atendente	1
Autônomo	2
Recepcionista	1
Militar	1
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

- Renda Mensal

A renda mensal dos entrevistados fica entre um salário mínimo até a quatro salários mínimos. Com a pesquisa sendo realizada no ano de 2019, leva-se em consideração para essa pesquisa o valor do salário mínimo atual de R$ 998,00. Entre os entrevistados, dois (8%) recebem mensalmente de 3 a 4 salários mínimos, seis (24%) recebem de 2 a 3 salários mínimos, nove (36%) recebem de 1 a 2 salários mínimos, seis (24%) recebem. Dois (8%) dos entrevistados declararam não ter renda mensal.

Tabela 3 – Renda mensal dos entrevistados

Salário Mínimo	Quantidade
Sem renda	**2**
Até 1	6
1 a 2	9
2 a 3	6
3 a 4	2
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

- Escolaridade

Entre os entrevistados três (12%) tem o ensino superior incompleto, seis (24%) tem o ensino superior completo, quatro (16%) estão cursando o ensino superior, um (4%) tem o ensino médio incompleto, dez (40%) tem o ensino médio completo e um (4%) tem o ensino fundamental incompleto.

Tabela 4 – Escolaridade dos entrevistados

Escolaridade	Quantidade
Ensino Funda. Incomp.	1
Ensino Médio Comp.	10
Ensino Médio Incomp.	1
Ensino Sup. Cursan.	4
Ensino Sup. Comp.	6
Ensino Sup. Incomp.	3
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

- Estado Civil

A maioria dos entrevistados (52%), ou seja, treze afirmaram que estão solteiros, seis (24%) declararam estar namorando e seis (24%) afirmaram que estão casados.

Tabela 5 – Estado civil dos entrevistados

Estado Civil	Quantidade
Casado (a)	6
Namorando	6
Solteiro (a)	13
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019

- Descendentes

Entre os entrevistados, um (4%) declarou ter três (a) filhos, assim como, um (4%) declarou ter dois (a) filhos, quatro disseram ter um (a) filho e dezenove (76%) disseram não ter descendentes.

Tabela 6 – Número de descendentes dos entrevistados

Descendentes	Quantidade
Nenhum	19
1	4
2	1
3	1
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na segunda parte da pesquisa os entrevistados responderam às perguntas relacionadas ao uso redes sociais. Todos os entrevistados declararam fazer uso de pelo menos uma rede social. Abaixo segue os resultados obtidos:

- Utilizam o *facebook*

Dos entrevistados, quase todos utilizam o *facebook*, ou seja, vinte e três (92%), apenas dois (8%) não utilizam o *facebook*.

Tabela 7 – Entrevistados que utilizam o *facebook*

Utilizam Facebook	Quantidade
Sim	23
Não	2
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

- Utilizam o *Instagram*

Entre os entrevistados, vinte e um (84%) declararam utilizar o *Instagram* e quatro (16%) não utilizam.

Tabela 8 – Entrevistados que utilizam o *Instagram*

Utilizam o Instagram	Quantidade
Sim	21
Não	4
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

- Utilizam o WhatsApp

Todos os vinte e cinco (100%) entrevistados declararam utilizar o *WhatsApp*.

Tabela 9 – Entrevistados que utilizam o *Whatsapp*

Utilizam o WhatsApp	Quantidade
Sim	25
Não	0
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

- Utilizam o *twitter*

Dos entrevistados a maior parte, ou seja, treze (52%) declararam não utilizar o *twitter*, e doze (48%) disseram utilizar.

Tabela 10 – Entrevistados que utilizam o *twitter*

Utilizam o Twitter	Quantidade
Sim	12
Não	13
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

- Outras redes sociais

Dos entrevistados apenas cinco (20%) declararam utilizar outras redes sociais além das citadas na pesquisa e vinte (80%) utilizam apenas as que foram citadas. As outras redes sociais citadas pelos entrevistados foram: s*napchat*, *linkedin*, *tumbl*r, *tinder*, *pinterest*.

Tabela 11 – Entrevistados que utilizam outras redes sociais.

Outras redes sociais	Quantidade
Sim	5
Não	20
Total	25

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Na primeira parte da análise os resultados obtidos por meio dos dados da parte socioeconômica demonstram uma grande variedade de informações, não possibilitando uma sistematização dos perfis nesse quesito. A faixa etária dos entrevistados foi importante para investigar qual faixa etária poderia ter maior hábito de compartilhar *fake news*, no entanto, não foi possível detectar uma faixa etária específica com o hábito de compartilhar *fake news*.

Quanto à ocupação profissional o critério tinha como objetivo verificar se profissão poderia ter alguma relação com a prática do compartilhamento de *fake news*. Várias profissões foram encontradas: militar, recepcionista, autônomo, atendente,

estagiário, decorador de pratos, artista visual, protético, cabelereira, gerente comercial, secretária, eletricista, manicure, porteiro de condomínio, agente de relacionamento com cliente, assistente administrativo e professor.

Sobre a renda mensal foi importante para indicar a média de salário mensal dos entrevistados que é estimada de 1 salário até 4 salários mínimos mensais. Alguns entrevistados também declararam não ter renda.

No que diz respeito à escolaridade os entrevistados tinham desde o ensino fundamental incompleto até o ensino superior. Indicando, assim, que o grau de escolaridade talvez não seja um diferencial entre pessoas que compartilham *fake news.*

Quanto ao estado civil a variável é importante para verificar se a relação conjugal seria uma condição de contribuição para o compartilhamento de *fake news.* A maioria dos entrevistados respondeu solteiro (a) e os demais casados (a) ou namorando, o que sinaliza que a relação conjugal com outra pessoa não seria uma condição de contribuição para o compartilhamento de *fake news.* A princípio, a pessoa que estivesse em uma relação conjugal poderia sofrer influência de seu companheiro (a) e compartilhar *fake news*. Assim como, a variável dos descentes, pois neste caso há preocupação com certos assuntos que podem chega aos filhos (as), o que poderia influenciar no compartilhamento de *fake news* com a ideia de proteger a família.

- Uso de redes sociais

A segunda parte da análise tinha como objetivo identificar quais redes sociais os entrevistados mais costumam utilizar, assim, seria possível verificar o quão próximo estão das redes sociais que geralmente são utilizadas para a disseminação de *fake news*. A maior parte dos entrevistados declarou utilizar pelo menos duas das redes sociais que estavam sendo citadas na pesquisa, além disso, foram citadas outras redes sociais pelos entrevistados como *tinder*, s*napchat*, *linkedin*, *tumblr* e o *pinterest*. Dentre todas as redes sociais citadas como exemplo para pesquisa a única que é utilizada por todos os entrevistados é *whatsapp.*

- Como costumam se comportar ao receberam notícias por meio do *whatsapp*

Na terceira parte da pesquisa o objetivo era verificar como os entrevistados costumam se comportar ao receberem notícias por meio do *whatsapp*, desse modo, seria possível identificar o quanto estão suscetíveis as *fake news.* A pergunta selecionada no formulário para realização dessa etapa da pesquisa foi: "Você recebe uma informação pelo *whatsapp*. O que você faria? ". Para preservar a identidade dos entrevistados, em virtude de que muitos demonstraram receio ao participarem da pesquisa e grande resistência para realizarem, nos casos necessários, a vídeo chamada, nesta etapa da análise eles são identificados por nome de cores.

Quanto a primeira pergunta realizada aos entrevistados, cerca de 36%, ou seja, nove entrevistados declararam que compartilhariam a notícia.

Dos nove que declararam compartilhar notícias, 66,6%, ou seja, seis informaram que antes de compartilharem, iriam verificar a fonte para saber veracidade da notícia.

> "Costumo verificar se [a notícia] é verdadeira ou fake news, compartilho se [Eu] acho interessante, acho importante que as pessoas saibam". (Roxo, morador do Montese, 22 anos).
>
> "Verifico a veracidade [da notícia], se for verdade compartilho com outras pessoas pelo whatsapp". (Marron, moradora do Canudos, 26 anos).
>
> "Dependendo da notícia procuro a veracidade, se for verdade e dependendo da notícia [Eu] compartilho com alguns amigos, questão ética buscar veracidade". (Violeta, morador do Montese, 28 anos).
>
> "Leio, as vezes pesquiso [a notícia] em sites para verificar se é fake news, para poder compartilhar". (Vinho, morador do Canudos, 24 anos).
>
> "Eu compartilharia [a notícia] se eu acho que é de utilidade pública, mas antes eu verifico em outras redes sociais para saber se é verdade". (Purpura, moradora do Canudos, 28 anos).
>
> "Se for uma informação de impacto, eu verifico se é verdade, se é verídico, se for eu compartilho, até por que nem tudo que é compartilhado é verdade". (Pêssego, moradora do Montese, 18 anos).

Os outros 33,3%, no caso, três entrevistados não declararam buscar a fonte da notícia antes de compartilhar.

> "Quando [a notícia] é importante leio e compartilho. Não [busco a fonte], às vezes, por ser algo automático". (Laranja, moradora do Canudos, 49 anos).

> "Eu compartilhava muito, mas hoje não muito, esse negócio de fake news". (Turquesa, moradora do Canudos, 65 anos).
>
> "Leio, as vezes compartilho dependendo da notícia". (Ciano, morador do Montese, 23 anos).

Dos demais 64% dos entrevistados, ou seja, dezesseis se dividiram entre os que costumam ler as notícias, procuram a fonte, mas não costumam compartilhar, os que apenas visualizam a notícia e aqueles que geralmente ignoram as notícias que recebem. Há também os que fazem a leitura das notícias, mas não verificam a fonte, nem compartilham.

> "Ia pesquisar sobre a informação para verificar se é verdadeira, pesquiso em sites e jornais confiáveis". (Preto, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> "Leio e não compartilho nada, é muito difícil compartilhar" (Branco, morador do Canudos, 29 anos).
>
> "Dependendo da pessoa que me mande eu posso ignorar ou verificar se é verdade ou mentira, quando são de parentes eu ignoro, se eu vejo que é irrelevante". (Rosa, moradora do Montese, 27 anos).
>
> "Nem sempre [Eu] acredito, mas não procuro a fonte. Leio e geralmente não compartilho". (Amarelo, moradora do Canudos, 30 anos).
>
> "Mostro para mamãe e a gente fica comentando sobre, principalmente quando é aqui por perto". (Sépia, moradora do Montese, 19 anos).
>
> "Visualizo e não respondo, principalmente se for bolsominion". (Azul, morador do Montese, 26 anos).
>
> "De imediato [Eu] apago e não respondo, geralmente é meu pai quem me manda isso e como ele não vê se é verdade ou mentira eu não gosto". (Cinza, morador do Montese, 23 anos).

Na terceira parte da análise é possível observar que em alguns casos os entrevistados realizam um processo de "hierarquia das notícias" e dependendo da importância do conteúdo para eles, é o que determina com que verifiquem a fonte de determinada notícia ou compartilhem, assim como, é possível perceber que o emissor da notícia também parece ser fator um determinante.

4.9 *Fake news* – Sexualidade e Gênero

A quarta parte da pesquisa consiste em verificar a percepção dos entrevistados com *fake news* envolvendo temas como sexualidade e gênero. Das 18 perguntas do formulário, três tratam sobre *fake news* envolvendo discussões de sexualidade e gênero.

São elas: “Supondo que você recebesse uma notícia sobre a distribuição do kitgay nas escolas para crianças de seis anos. Por que você compartilharia tal notícia? ”; “Uma pessoa próxima, como um amigo de trabalho, vizinho ou parente, encaminha uma notícia sobre a proposta de discussão da ideologia de gênero nas escolas. Ele pede para que você passe em frente como forma de conscientização. O que você faria?; “Um parente encaminha para você uma notícia sobre o novo projeto de lei do deputado Marquinhos Freire (PT-BA) que estabelece cota de 15% das vagas dos concursos públicos federais para homossexuais e transexuais. Ele solicita que você encaminhe para os seus amigos por não concordar com o projeto de lei. O que você faria? ”. Na quarta parte da análise, nas respostas obtidas, é possível traçar três perfis. O primeiro perfil seria o que compartilharia a favor no caso das duas primeiras *fake news* e não compartilharia a terceira, o segundo perfil não compartilharia as duas primeiras *fake news* por não concordarem, mas compartilhariam a terceira e o terceiro perfil que também não iria realizar o compartilhamento, mas, sabiam ou desconfiavam que as notícias se tratavam de *fake news*.

> “Compartilharia, por que hoje em dia a gente fala desde agora com as crianças, é importante mostrar desde criança a realidade”. (Laranja, moradora do Canudos, 49 anos).
>
> “Compartilharia. Para as pessoas saberem diferenciar, se manterem informados”. (Roxo, morador do Montese, 22 anos).
>
> **“**Compartilharia, acho importante esse tipo de conscientização”. (Branco, morador do Canudos, 29 anos).
>
> **“**[Eu] ia compartilhar, acho que é importante”. (Rosa, moradora do Montese, 27 anos).
>
> **“**Por que ela tem caráter informativo”. (Ciano, morador do Montese, 23 anos).
>
> **“**Tipo assim, eu acharia algo normal tenho amigas trans, homens trans, eu compartilharia”. (Rubro, morador do Montese, 21 anos).
>
> **“**Compartilharia até por que isso acontece muito nas escolas e se fosse interessante também divulgaria em outras redes sociais”. (Oliva, morador do Montese, 19 anos).
>
> **“**Eu compartilharia”. (Caramelo, moradora do Canudos, 20 anos).
>
> “Eu tentaria passar da melhor forma sobre isso baseado na minha experiência, para passar de forma positiva”. (Bege, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> **“**Compartilharia, acho viável discutirem isso [ideologia de gênero] na escola”. (Vinho, morador do Canudos, 24 anos).

No primeiro perfil foi possível observar que em alguns casos foi levado em consideração suas relações afetivas ou até suas histórias pessoais como motivo para o compartilhamento das *fake news*. O que poderia sinalizar o motivo pelo qual quase todos que compartilhariam as notícias, não informaram se iriam verificar o conteúdo ou a fonte antes de realizar o compartilhamento. É interessante ressaltar que entre os entrevistados que disseram que compartilhariam as notícias, durante as entrevistas não demonstraram ter um conhecimento muito profundo sobre as propostas que estavam sendo discutidas nas *fake news*.

O segundo perfil identificado, os que não compartilhariam as notícias, possuem uma característica semelhante ao primeiro perfil encontrado na análise. Foi possível observar que alguns casos fatores também pessoais os motivam a não compartilhar as notícias.

> **“**Não compartilharia! Eu ia atrás do diretor para expulsar ele por ter aceito isso”. (Verde, morador do Canudos, 34 anos).
>
> **“**[Eu] ia ignorar, fingir que nem recebi essa notícia”. (Vermelho, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> “Essa [cotas para homossexuais e transexuais] eu ia divulgar, se tiver que fazer assinatura faço, compartilho mesmo”. (Turquesa, moradora do Canudos, 65 anos).
>
> **“**É a mesma linha que te respondi da outra vez, porque, a criança não sabe distinguir o que é certo ou errado, isso é quase crueldade, como se tivesse induzindo a criança”. (Gelo, morador do Montese, 26 anos).

Além disso, eles também não declararam se antes de não compartilhar, iriam lê o conteúdo das notícias ou verificar a fonte das informações. O terceiro perfil encontrado na análise, demonstrou estar mais ciente ou suspeitou que as notícias se tratavam de *fake news*.

> “Não compartilharia e mandaria meu parente procurar o que fazer, como procurar informações ou fontes confiáveis”. (Azul, morador do Montese, 26 anos).
>
> **“**Não compartilharia, acho um absurdo o nome já até parece falso, eu descartaria”. (Preto, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> “Primeiro explicaria para ele que não existe ideologia de gênero, diria para ele pesquisar sobre e dizer que não fez sentido ele disseminar isso”. (Marron, morador do Canudos, 26 anos).
>
> **“**Já aconteceu essa situação semelhante e eu divulguei dizendo que não é verdade”. (Violeta, morador do Montese, 28 anos).

> **“**Não compartilharia, é ilógico, não tem como acreditar, iria pesquisar, mas não compartilharia, sei que não é verdade”. (Lilás, moradora do Canudos, 27 anos).

> **“**Não compartilharia, não sei se isso poderia sair como algo ruim, até por que não é verídico, não é um Kit Gay”. (Pêssego, moradora do Montese, 18 anos).

Durante o processo da entrevista, foi possível notar que as *fake news* relacionados ao tema sexualidade e gênero, chegaram em alguns casos a gerar um certo desconforto em alguns entrevistados, chegando até se tornarem monossilábicos. Quanto as *fake news* relacionadas ao tema sexualidade e gênero, através das análises foi possível verificar que com exceção do terceiro perfil encontrado que sabia ou desconfiava que se tratava de *fake news*, o primeiro e segundo apesar de possuírem atitudes dicotómicas, ambos perfis demonstraram que suas atitudes eram motivadas por fatores como suas experiências pessoais, relações afetivas ou ideológicas. E por isso, estes perfis encontrados podem se tornar mais vulneráveis as *fake news*. Pois, ao que parece, são influenciados por motivos pessoais, e assim, acabam por não verificar a fonte ou veracidade da notícia.

4.10 *Fake news* – Segurança

A quinta parte da pesquisa tinha como objetivo verificar a percepção dos entrevistados com *fake news* relacionadas ao tema segurança. Foram selecionadas do formulário cinco perguntas envolvendo este tema. “Suponhamos que você faça parte de um grupo de *whatsapp* da sua comunidade, no entanto neste grupo não tem os mesmos membros que você tem como seguidores no *facebook*. Uma informação é colocada neste grupo sobre um suposto crime que ocorreu no seu bairro. O que você faz diante disso? ”; “Você está se preparando para fazer um passeio ao centro da cidade. Uma pessoa próxima encaminha uma notícia sobre um suposto assassinato próximo de sua casa. Em seguida, você recebe novas notícias sobre uma série de mortes ocasionadas por este assassinato. O que você faria? ”; “Uma pessoa próxima encaminha para você uma informação sobre um suposto policial dizendo que a partir das 22h00min ocorrerá toque de recolher no bairro que você mora. O que você faria? ”; “Um familiar seu encaminha para você uma notícia sobre um grupo de pessoas vestidas de branco que estão indo de casa em casa para contaminar as pessoas com o vírus HIV. Dias depois um agente da vigilância sanitária

pede para entrar na sua casa para vistoria. O que você faria? ”; “Suponhamos que no grupo de *whatsapp* do seu bairro que você faz parte é colocada uma informação sobre um suposto caso de violência sexual e o acusado por tal crime seria um morador do bairro. Os integrantes do grupo começam a planejar uma invasão na casa desse morador com intenção de realizar um linchamento. O que você faria? ”;

Na primeira pergunta “Suponhamos que você faça parte de um grupo de *whatsapp* da sua comunidade, no entanto neste grupo não tem os mesmos membros que você tem como seguidores no *facebook*. Uma informação é colocada neste grupo sobre um suposto crime que ocorreu no seu bairro. O que você faz diante disso? ”. O objetivo nesta pergunta era verificar se o fato do grupo ser formado por pessoas distintas da outra rede social poderia influenciar para o não compartilhamento ou não das *fake news* do tema segurança. Na quinta etapa da análise foram encontrados três perfis, o primeiro perfil iria lê e buscaria formas de verificar a veracidade, no segundo perfil eles iriam lê até comentariam, mas não compartilhariam e o terceiro perfil declarou que compartilharia a notícia.

> “Como é um grupo do bairro, iria verificar se é verdade ou não”. (Amarelo, moradora do Canudos, 30 anos).
>
> “Eu ia verificar para saber se é verdade”. (Rosa, moradora do Montese, 27 anos).
>
> “Verificaria a veracidade, um caso recente aconteceu na gentil onde uma moça, não aceitando o fim do namoro acusou o ex namorado de estuprador e no final ele não era, é importante verificar a veracidade”. (Marrom, moradora do Canudos, 26 anos).
>
> “Iria ler, mas não compartilharia”. (Azul, morador do Montese, 26 anos).
>
> “Só iria ler” (Laranja, moradora do Canudos, 49 anos).
>
> “Iria ler e comentar a respeito” (Vermelho, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> “Eu compartilharia para falar não sobre o crime em si, mas sobre a insegurança, falta de polícia nas ruas”. (Gelo, morador do Montese, 26 anos).
>
> “Compartilharia para as pessoas tomarem consciência da violência que tá acontecendo no bairro”. (Roxo, morador do Montese, 22 anos).
>
> “Eu vejo a notícia, leio e compartilho com pessoas mais próximas para que elas saibam e que ocorreu (Pêssego, moradora do Montese, 19 anos).

Por meio da análise realizada foi identificado que o fato do grupo ser formado por pessoas que não fazem parte da outra rede social, não seria um determinante para o compartilhamento ou não das *fake news*. No entanto, foi observado uma preocupação em

buscar a veracidade das notícias e em alguns casos motivados por já terem presenciado notícias semelhantes que pôr fim não eram verdadeiras.

A segunda, terceira e a quarta pergunta tinham como objetivo verificar se os entrevistados ao receberem as *fake news* que tratam sobre segurança, mudariam seus hábitos ou rotinas.

> "Não saia de casa, se já aconteceu lá, não sei o que me esperaria lá na frente, cancelaria na hora". (Verde, morador do Canudos, 34 anos).
>
> "Deixaria de sair". (Roxo, morador do Montese, 22 anos).
>
> "Como se trata de um bairro com olhar de criminalidade eu provavelmente deixaria de sair". (Bege, morador do Canudos, 24 anos).
>
> "Eu não ia mais". (Cinza, morador do Montese, 23 anos).
>
> "Eu me recolheria. Até por que tem lá na rua tem isso [toque de recolher]". (Amarelo, moradora do Canudos, 30 anos).
>
> "Já aconteceu [toque de recolher] aonde moro, como não sou de ficar até tarde na rua, eu acataria como os outros, igual como aconteceu em 2014, 2015 com a morte daquele cabo pet que aconteceu de ter chegado do serviço e me recolhi. Deus me livre". (Verde, morador do Canudos 34 anos).
>
> "É o que mais tem aqui, eu ia me recolher, sempre rola isso aqui na Terra Firme e todo mundo se recolhe quando falam que é 10 horas, 11 horas". (Rosa, moradora do Montese, 27 anos).
>
> "Isso [Toque de recolher] já aconteceu um tempo atrás naquela morte do policial do cabo pet, por matarem ele". (Marron, moradora do Canudos, 26 anos).
>
> "Sempre recebo essas coisas, mas acho que preferia ficar em casa". (Vinho, morador do Canudos, 24 anos).
>
> "Já passei muito por isso [toque de recolher], venho logo para casa, quando eu estudava, era de noite, eu saia mais cedo, não procuro saber se é verdade ou não, penso na minha segurança e compartilharia". (Oliva, morador do Montese, 19 anos).
>
> "Não deixaria entrar nunca. Mesmo que ache que é mentira, até por que vi um caso desse acontecer dentro do shopping". (Vermelho, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> "Nem fodendo, ninguém vai entrar na minha casa, principalmente se eu estiver sozinha". (Marron, moradora do Canudos, 26 anos).
>
> "Não deixaria entrar" (Ciano, morador do Montese, 23 anos).
>
> "Tipo assim se eu soubesse, claro que não iria deixar iria logo denunciar também". (Rubro, morador do Montese, 21 anos).

> "Se eu estivesse sozinho, eu não deixaria, como já saiu notícia assim, a gente fica com medo sem saber se é verdade ou mentira". (Oliva, morador do Montese, 19 anos).

Nesta etapa da análise foram obtidos dois perfis. No primeiro perfil, os entrevistados relataram que provavelmente deixariam de sair, iriam acatar ao toque de recolher e não deixariam o agente entrar na sua casa. Foi observado que entre as três perguntas propostas, a que mais causou aflição entre os entrevistados foi a notícias que fala sobre a contaminação. Neste grupo também foi possível perceber que não há preocupação em verificar se as notícias são verdadeiras ou sua fonte, em alguns casos suas experiências pessoais novamente são levadas como o determinante para que acreditem nas notícias, cabe ressaltar que neste caso suas experiências pessoais estão relacionadas ao espaço que moram. Na análise também foi observado que em outros momentos o bairro que os entrevistados moram, foi colocado com variável para acreditarem nas notícias, no caso, da segunda e terceira pergunta. Para os entrevistados por se tratar de bairros vistos por eles como perigosos, é difícil querer ainda verificar se as notícias são verdadeiras ou não, apenas pensam na sua segurança e preferem acreditar no que as notícias informam.

No segundo perfil, eles não acreditariam nas notícias ou não mudariam seus hábitos, apenas ficam mais alertas. Neste perfil também não há preocupação em verificar as fontes das notícias, apenas não acreditariam, por que, costumam receber notícias semelhantes e a maioria não são verdadeiras.

> "Eu não ia acreditar, ligaria para casa e verificaria como estavam as coisas, até por que toda vez que isso aconteceu, era mentira". (Lilás, moradora do Canudos, 27 anos).

> "Eu ia continuar com o passeio de Uber, não de ônibus". (Lilás, moradora do Canudos, 27 anos).

> "Se eu estivesse em casa, eu não acreditaria nessa notícia não, até por que eles costumam estar identificados e tal". (Lilás, moradora Canudos, 27 anos).

> "Ficaria mais cuidadoso com essa entrada". (Branco, morador do Canudos, 29 anos).

> "Eu ia desconsiderar, *fake news*, vive tendo esse toque de recolher. (Branco, morador". (Branco, morador do Canudos, 29 anos).

> "[Eu] me manteria mais alerta". (Branco, morador do Canudos, 29 anos).

> "Eu saio normal, não fico refém de que eles querem, da violência e do medo pego a bike e saio mesmo ". (Violeta, morador do Montese, 28 anos).

> "Continuaria o passeio já fiz isso, entendo que essas informações que muitas vezes são falsas, querem nos tornar refém, não tenho medo, saia mesmo. (Violeta, morador do Montese, 28 anos).
>
> "Peço identificação e verifico se o uniforme é o usado pela SESMA e é isso, deixaria a peixeira perto da porta". (Violeta, morador do Montese, 28 anos).
>
> "Eu ia ficar com medo, mas se eu estivesse com alguém, deixaria entrar, como ocorre muita notícia falsa eu ia pesquisar sobre. (Sépia, moradora do Montese, 19 anos).

Nesta etapa da pesquisa, é possível perceber como as *fake news* podem ser prejudicais, principalmente se tratando sobre alertar os moradores sobre possíveis situações de risco, pois, como os próprios entrevistados informaram, no caso do segundo perfil, por essas notícias serem corriqueiras e na maioria das vezes não são verdadeiras, em situações contrárias, ou seja, caso as notícias sejam verdadeiras, eles podem não dar credibilidade as informações e assim ficam expostos a situações de risco, principalmente por não terem o costume de verificar as fontes das notícias.

Na quinta pergunta "Suponhamos que no grupo de *whatsapp* do seu bairro que você faz parte é colocada uma informação sobre um suposto caso de violência sexual e o acusado por tal crime seria um morador do bairro. Os integrantes do grupo começam a planejar uma invasão na casa desse morador com intenção de realizar um linchamento. O que você faria? ", o intuito é verificar se os moradores do bairro do Canudos e do Montese seriam capazes de participar de um ato de linchamento, após receberem uma notícia envolvendo uma situação de violência dentro dos bairros que moram.

Depois de realizada análise foram obtidos dois perfis. O primeiro perfil declarou que provavelmente participaria ou concordava o ato de linchamento.

> "Eu particularmente sou a favor, passou a ser esse negócio aí [violência sexual] sou a favor. (Verde, morador do Canudos 34 anos).
>
> "[Eu] ia lamentar, mas também não acharia tão errado só não participaria". (Vermelho, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> "Eu acho que ia entrar na onda também" (Rosa, moradora do Montese, 27 anos).
>
> "Eu ia junto, não sei, eu ficaria revoltada poderia não participar do linchamento, mas iria". (Púrpura, morador do Canudos, 28 anos).
>
> "Caso complexo, quando não é com a gente, tentamos levar pela forma correta, mas na hora da raiva, então, se fosse com uma filha minha tenho certeza que não deixaria impune, e eu como acredito em Deus, sei que ele não concordaria

> com o ato do acusado e também não ia querer que eu me sujasse, é muito complexo". (Gelo, morador do Montese, 26 anos).

Durante o processo de análise do primeiro perfil, é observado que durante a entrevista quando realizada essa pergunta, em momento algum, houve preocupação em verificar se poderia se tratar de uma *fake news,* apenas transmitiam uma situação de indignação pelo suposto caso de violência sexual, os levando a participarem do ato do linchamento. Além disso, dentre os que declaram que participariam ou concordavam com o ato, são entrevistados que possuem filhos ou são mulheres, desse modo, poderia sinalizar que este perfil estaria mais suscetível em acreditar em *fake news* deste tipo, pois, de alguma forma é como se no caso das mulheres se enxergassem passando pela violência sexual e no outro caso os filhos sendo vítimas da violência.

Por meio desse perfil, nota-se de como *fake news* podem ser destrutíveis, pois, são capazes de mexer com as emoções das pessoas os levando atitudes que racionalmente provavelmente não teriam. Neste caso sobre a suposta notícia sobre a violência sexual, trata-se de uma pesquisa, no entanto, hoje encontramos situações reais ocorrendo envolvendo atos de violência por *fake news*, como o caso ocorrido com Fabiane Maria de Jesus[51], que foi morta depois de ter sido agredida sob acusações de realizar magia negra com crianças.

O segundo perfil encontrado declarou que procuraria outras formas de "justiça" como ligar para polícia.

> "Eu denunciaria de outras formas, ligaria para 190 para tomarem a frente". (Laranja, moradora do Canudos, 49 anos).
>
> "Eu iria denunciar os moradores e o acusado para que tivesse as medidas certas". (Roxo, morador do Montese, 22 anos).
>
> "Medo, primeiramente muito medo e se eu percebesse que aquilo iria se concretizar chamaria a polícia". (Preto, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> "Eu chamaria a polícia". (Branco, morador do Canudos, 29 anos).
>
> "[Eu] chamava a polícia na hora, não deixaria moradores que são vítimas se tornarem criminosos, chamaria a polícia e deixaria ele preso". (Marron, moradora do Canudos, 26 anos).
>
> "Eu acredito que todos somos seres humanos e somos falhos e diante dessas situações de violência, mas não participaria, chamaria a polícia". (Bege, moradora do Canudos, 24 anos).

[51] Ver: https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/veja-o-passo-a-passo-da-noticia-falsa-que-acabou-em-tragedia-em-guaruja.shtml. Acesso em: 19/11/2019.

Este perfil também não demonstra preocupação em verificar se a notícia é verdadeira ou não, no entanto, buscam como forma de "justiça" ligar para polícia como forma de evitar que o corra o linchamento. De qualquer maneira, *fake news* envolvendo situações como o do exemplo utilizado na pesquisa ainda continuando sendo prejudiciais, acabam criando situações extremamente problemáticas ou até tirando vidas.

4.11 *Fake news* – Saúde

A sexta parte da pesquisa tinha como objetivo verificar a percepção dos moradores com *fake news* relacionadas ao tema saúde. No formulário foi utilizada a seguinte pergunta "Um familiar seu encaminha para você uma notícia sobre os altos índices de mortes relacionadas à vacinação no Brasil. O que você faria?". Após a realização da sexta análise foram detectados dois perfis. O primeiro descarta totalmente o informativo da notícia por entender que as vacinas não são prejudiciais para saúde, o segundo perfil declarou que iria verificar se a notícia é verdade.

> "[Eu] ia dizer que é *fake news*, tem que vacinar". (Branco, morador do Canudos, 29 anos).
>
> "Primeiro que eu iria responder dizendo que não é assim, pelo contrário, as faltas de vacinas que nos levam a mortes, pois, elas nos previnem de doenças". (Violeta, morador do Montese, 28 anos).
>
> "Eu mandaria ele estudar biologia". (Vinho, morador do Canudos, 24 anos).
>
> "Eu ia discutir com ele sobre, que não é isso, ia dizer para ele não compartilhar isso e conversar". (Sépia, moradora do Montese, 19 anos).
>
> "Eu iria dizer que isso não é verdade, a vacina é para prevenir, tentaria mostrar a verdade para essa pessoa". (Pêssego, moradora do Montese, 19 anos).

Entre todas as *fake news* que foram utilizadas para realização da pesquisa, a que tratava sobre o tema saúde, foi a que teve mais entrevistados "cientes" que muitas das notícias que circulam hoje nas redes sociais envolvendo este tema são *fake news*, no entanto, através da análise, apesar dessa ciência, no caso do primeiro perfil, mais uma vez é observado que não há preocupação em verificar a fonte ou veracidade das notícias.

No segundo perfil, os entrevistados demonstraram certa desconfiança em relação a notícia e informaram que verificariam a veracidade para poder formar alguma opinião.

> "[Eu] leria e buscaria dados científicos sobre a matéria". (Azul, morador do Montese, 26 anos).
>
> "Eu pesquisaria pare ver se é verdade e entender o que ocasiona essas mortes e formar minha opinião". (Preto, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> "Verificaria a veracidade da notícia o que necessariamente já sei que é bobagem e não disseminaria, sei que é uma pura falta de informação". (Marron, moradora do Canudos, 26 anos).
>
> "Eu leria a notícia e ia identificar se é verdade ou mentira para poder alertar os próximos". (Cinza, morador do Montese, 23 anos).
>
> " [Eu] ia procurar a fonte dessa informação para verificar se é verdade ou não para ficar informada". (Bege, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> "[Eu] mandaria ele ir pesquisar, vê se é verdade, se estava baseada em alguma pesquisa, estudo acadêmico, e caso ele não achasse mandaria ele voltar para escola. (Lilás, moradora do Canudos, 27 anos).
>
> "[Eu] ia pesquisar para verificar, se é verdade, caso fosse iria divulgar em todas as minhas redes sociais". (Oliva, morador do Montese, 19 anos).
>
> "Eu ia ler para saber o porquê, se eu visse que não tem fundamento eu não compartilharia e não deixaria de vacinar minha filha por isso". (Caramelo, moradora do Canudos, 20 anos).

4.12 *Fake news* – Artistas

A sétima e última etapa da pesquisa tinha como objetivo verificar a percepção dos moradores com *fake news* envolvendo artistas. Para realização da análise foi usada a pergunta "Um amigo encaminha para você uma notícia do jornal A Folha de S. Paulo informando que a cantora Pabllo Vittar teria obtido aprovação do governo federal para ganhar R$ 5 milhões por meio da Lei Rouanet. O que você pensa sobre esta notícia? ". Realizada a sétima análise, foram obtidos três perfis nessa etapa da pesquisa. O primeiro perfil identificado discorda totalmente do suposto benefícios.

> "Já aconteceu de receber isso aí e reprovei, pois, ele já ganha bastante dinheiro com o que ele faz e ainda vai ganhar mais coisa que é desnecessário para ele". (Verde, morador do Canudos 34 anos).
>
> "Tremenda sacanagem tendo a saúde comprometida". (Turquesa, moradora do Canudos, 65 anos).
>
> "Eu acredito que ficaria em questão, porquê desses 5 milhões poderia ser investido para áreas da saúde, educação, segurança, mesmo sabendo que ele é um profissional. (Bege, moradora do Canudos, 24 anos).
>
> "Acho um absurdo primeiro que nem era pra ter essa lei". (Púrpura, morador do Canudos, 28 anos).

> "Olha vou ser sincero não falaria nada, mas acho um absurdo, que o Brasil vive hoje em dia, um pais que se diz democrático, para mim é mais separatista, ficam separando por gênero, classes sociais". (Gelo, morador do Montese, 26 anos).
>
> "Sorte dela, particularmente acharia um absurdo por que [o dinheiro] poderia ser usado para outra coisa". (Caramelo, moradora do Canudos, 20 anos).

O segundo perfil declarou apoio.

> "Compartilharia por ser uma *drag* e é difícil alguém ganhar algo assim e eu defendo a comunidade e compartilharia. (Oliva, morador do Montese, 19 anos).
>
> "Acho ótimo não concordo com algumas questões da Lei Rouanet, mas por questões contábeis, mas quanto a questão de cultura acho ótimo. (Lilás, moradora do Canudos, 27 anos).
>
> "[Eu] acharia uma proposta boa". (Rubro, morador do Montese, 21 anos).
>
> "Acho que como artista, ela tem que ganhar mesmo do governo, para incentivar". (Vinho, morador do Canudos, 24 anos).
>
> "[Eu] acho que é boa tá envolvendo cultura". (Sépia, moradora do Montese, 19 anos).
>
> "Para mim tudo bem a Pabllo tem muita influência na vida de muitas pessoas e ela faria bom uso". (Sépia, moradora do Montese, 19 anos).
>
> "Acho que fala sobre homofobia, seria normal pra mim, como ele é um artista não me importaria dele receber o incentivo". (Amarelo, moradora do Canudos, 30 anos).

Na análise desenvolvida nesta etapa da pesquisa, é possível observar que em ambos os perfis, mesmo que na pergunta informe a fonte da notícia, não há preocupação em saber os motivos pelos quais ocorreria o suposto benefício. Outro ponto que deve ser sinalizado é que durante as entrevistas quase todos os entrevistados não sabiam sobre o que se trata a Lei Rouanet, no entanto, não se abstiveram de dar sua opinião, e talvez, seja nesse momento que pode ser notado os riscos das *fake news*, principalmente quando analisada as respostas do primeiro perfil, pois, *fake news* como essa e inúmeras outras que surgem quase que diariamente são tão prejudiciais para pessoas públicas. Como neste caso, envolvendo uma artista e dinheiro público, pode criar sentimentos negativos em relação ao artista chegando até prejudicar sua carreira.

Neste estudo foi observado como as *fake news* são capazes de mexer com os sentimentos dos usuários de redes sociais, conforme o conceito de Moroni (2018) já apresentando anteriormente neste trabalho, as *fake news* proporcionam contágio

emocional que se espalha por meio das redes sociais, pois, a ausência da interação corporal e não verbal traz como riscos determinado controle e manipulação de suas ações e emoções, assim, essas notícias são capazes de influenciar desde ações, crenças ou visões políticas, com o objetivo de atender as estimas de terceiros. As próprias análises iniciais conseguem demonstram essas alterações, pois, inicialmente apenas 36% dos entrevistados declaram que compartilhariam uma notícia, no entanto, ao longo da entrevista e de acordo com as mudanças de temas das *fake news*, a quantidade de declarações de compartilhamento também aumentava. Desse modo, entende-se a criação do neologismo "Pós-verdade" para que fosse possível denotar o atual momento onde "fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal". (SANTAELLA, 2018, p.48).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto teve como principal finalidade compreender o fenômeno das *fake news*. Este fenômeno que ganhou grande notoriedade no Brasil durante a disputa presidencial de 2018 entre os então candidatos Jair Messias Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT), tendo a plataforma digital w*hatsapp* como um dos principais meios de propagação de *fake news* nas eleições brasileiras. No entanto, antes mesmo deste período, casos envolvendo notícias falsas já tinham tomado grande projeções, como no caso ocorrido em Belém, no dia 04 de novembro de 2014 após a morte do cabo da Polícia Militar Antonio Marcos da Silva Figueiredo (Cabo Pet). Logo após a sua morte, algumas informações sobre uma possível chacina em alguns bairros periféricos de Belém começaram a ser divulgadas por redes sociais, causando pânico nos moradores, pela forma e como essas notícias que estavam sendo disseminadas.

Apesar dos estudos realizados acerca deste caso envolvendo *fake news* e observação dos que elas causaram no país durante o período eleitoral de 2018, isso não foi suficiente para compreensão deste fenômeno. E em consequência da sua complexidade viu-se a necessidade da realização de uma pesquisa com moradores dos bairros periféricos de Belém, mais especificamente dos bairros do Canudos e do Montese (Terra Firme), com o intuito de verificar como esses moradores percebem as fake *news*, sendo a rede social *whatsapp* escolhida por onde supostamente esses moradores receberiam essas *fake news*. A primeira parte da pesquisa, relacionados aos dados socioeconômicos demonstrou uma grande variedade de informações, não possibilitando uma sistematização dos perfis neste quesito. Desse modo, não foi possível traçar um perfil que seja suscetível as *fake news*.

Quanto ao uso de redes sociais foi observado que todos os entrevistados utilizam pelo menos duas redes sociais entre as que mais circulam *fake news*.

O estudo pode mostrar que em geral os entrevistados são os que possuem o papel principal no compartilhamento de *fake news* por meio do *whatsapp*. Pois, realizam um processo de "hierarquia das notícias" e dependendo da importância do conteúdo para eles, é o que determina com que verifiquem a fonte de determinada notícia ou compartilhem, assim como, é possível perceber que o emissor da notícia também parece ser fator um determinante.

Sobre as *fake news* escolhidas e criadas de acordo com seus temas, no primeiro tema que trata sobre sexualidade e gênero observar que com exceção do terceiro perfil encontrado que sabia ou desconfiava que se tratava de *fake news*, o primeiro e segundo apesar de possuírem atitudes dicotómicas, ambos perfis demonstraram que suas atitudes eram motivadas por fatores como suas experiências pessoais, relações afetivas e principalmente ideológicas. E por isso, estes perfis encontrados podem se tornar mais vulneráveis as *fake news*. Pois, ao que parece, são influenciados por motivos pessoais, e assim, acabam por não verificar a fonte ou veracidade das notícias. No caso das *fake news* que tratavam sobre o tema segurança, no primeiro momento foi identificado que os entrevistados ao participarem de grupo com pessoas diferentes e que não fazem parte de outra rede social que eles possam ter, não seria um determinante para o compartilhamento ou não das *fake news*. Também foi possível observar como *fake news* que tratam sobre este tema, são capazes de modificar a rotina e hábitos ou fazendo com que as pessoas se coloquem em situação de alerta, neste caso, motivados principalmente por enxergarem os bairros que moram locais perigosos. Outra percepção possível acerca deste tema é de compreender de como *fake news* podem ser destrutíveis, pois, são capazes de mexer com as emoções das pessoas os levando atitudes que racionalmente provavelmente não teriam.

Entre as *fake news* que foram utilizadas para realização da pesquisa, a que tratava sobre o tema saúde, foi a que teve mais entrevistados "cientes" que muitas das notícias que circulam hoje nas redes sociais envolvendo este tema são *fake news*, no entanto, através do estudo é observado que não há preocupação em verificar a fonte ou veracidade das notícias.

Quanto as *fake news* envolvendo artistas que mesmo a pergunta informasse a fonte da notícia não existe a preocupação em verificar a veracidade, e que mesmo que a grande maioria não soubesse do que se trata a Lei Rouanet, não se abstiveram de dar sua opinião, e talvez, seja nesse momento que pode ser notado os riscos das *fake news*, para pessoas públicas. Como neste caso, envolvendo uma artista e dinheiro público, pode criar sentimentos negativos em relação ao artista chegando até prejudicar sua carreira.

Ao fim, este estudo contribui para além dos levantamentos apresentados, a compreensão deste fenômeno em suas diversas facetas, expondo como estamos suscetíveis ao compartilhamento de *fake news*, e não somente ao compartilhamento, mas também a atitudes de violência, falta de empatia, a discursos preconceituosos com grupos

de minorias, mudanças de hábitos e tudo isso influenciado pelas nossas emoções ou motivos ideológicos, ou melhor dizendo, pela pós-verdade.

REFERÊNCIAS

APPOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência**: filosofia e prática de pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

GIL, Antônio Carlos, **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, Antônio Carlos, **1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antonio Carlos Gil**. -4. ed. – São Paulo: Atlas, 2002. ISBN 85-224-3169-8.

LEMOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura.** Sulina, Porto Alegre, 2003; pp. 11-23.

MAGRANI, Eduardo. M212 **Democracia conectada**: a internet como ferramenta de engajamento político-democrático./ Eduardo Magrani./Curitiba: Juruá, 2014.222p.

SANTAELLA, Lucia. **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018. 98 p., 13 cm x 18 cm. ISBN 978-85-68552-80-3.

TEIXEIRA, E. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. Belém: Grapel, 1999.

CORRÊA, R. L. **A periferia urbana**. Florianópolis: Geosul, vol 1, n 2, 1986. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/12551/11859>. Acesso em 29/08/2019.

MORONI, Juliana. **POSSÍVEIS IMPACTOS DE FAKE NEWS NA PERCEPÇÃO-AÇÃO COLETIVA**. Complexitas – Revista de Filosofia Temática, [S.l.], v. 3, n. 1, p. 130-160, fev. 2019. ISSN 2525-4154. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/complexitas/article/view/6625>. Acesso em: 27 mar. 2019. doi:http://dx.doi.org/10.18542/complexitas.v3i1.6625.

FRIAS FILHO, O. **O que é falso sobre fake news.** Revista USP, (116), 39-44. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146576>. Acesso em 25 de mar. de2019.

AS MENSAGENS falsas usadas no século 16 para tentar sabotar o reinado do espanhol Felipe 2º. **BBC News Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45863680>. Acesso em: 20 de mar. de 2019.

BATISTA, Rafael. Fake News. **Mundo Educação**, c2019. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>. Acesso em: 20 de mar. de 2019.

CRUZ, B. S; GOMES, H. S; PADRÃO, Márcio. Achar origem da fake news no WhatsApp é difícil, mas não impossível. **UOL – O melhor conteúdo**, 2018. Disponível

em: <https://noticias.uol.com.br/tecnologia/noticias/redacao/2018/10/19/investigar-fake-news-no-whatsapp-e-dificil-mas-nao-impossivel.htm>. Acesso em: 14 de Abr. de 2019.

GRAGNANI, Juliana. Um Brasil dividido e movido a notícias falsas: uma semana dentro de 272 grupos políticos no WhatsApp. **BBC News Brasil**, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45666742>. Acesso em: 11 de abr. de 2019.

RECUERO, Raquel. O que é Mídia Social?. **Raquel Recuero,** 2008. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/o_que_e_midia_social.html>. Acesso em: 19 de ago. de 2019.

ROCHA, Igor Tadeu Camilo. As origens das fake news no fundamentalismo cristão. **Yahoo Notícias**, 2019. Disponível em: <https://br.noticias.yahoo.com/origens-das-fake-news-no-fundamentalismo-cristao-144900663.html>. Acesso em: 14 de maio de 2019.

SIGNIFICADO de WhastApp. **Significados, Conceitos e Definições**, c2019. Disponível em: <https://www.significados.com.br/whatsapp/>. Acesso em: 11 de abr. de 2019.

VOCÊ sabe o que é fake news?: notícias falsas invadem a internet, confundem e provocam danos. **Vivo Dialogando**, 2018. Disponível em: <https://dialogando.com.br/seguranca/protecao-na-internet/voce-sabe-o-que-e-fake-news/?current_page=3>. Acesso em: 20 de mar. de 2019.

APÊNDICE A

SOCIOECONÔMICO

Qual sua idade?

Quais as suas atividades de trabalho que atualmente garantem seu sustento?

Diria que sua renda mensal é de quanto?

Você frequentou a escola? Se sim, estudou até que série?

Atualmente, você tem companheiro(a)? Há quanto tempo?

Tem filhos? Se sim, quantos? Qual a idade deles? Onde Moram?

REDES SOCIAIS

Utiliza redes sociais?

Facebook – sim ou não
Instagram – sim ou não
Whatsapp – sim ou não
Twitter – sim ou não
Outras – sim ou não
Qual_____

WHATSAPP

Você recebe uma informação pelo WhatsApp. O que você faria?

FAKE NEWS – SEXUALIDADE E GÊNERO

Supondo que você recebesse uma notícia sobre a distribuição do Kit Gay nas escolas para crianças de seis anos. Por que você compartilharia tal notícia?

Uma pessoa próxima, como um amigo de trabalho, vizinho ou parente, encaminha uma notícia sobre a proposta de discussão da ideologia de gênero nas escolas. Ele pede para que você passe em frente como forma de conscientização. O que você faria?

Um parente encaminha para você uma notícia sobre o novo projeto de lei do deputado Marquinhos Freire (PT-BA) que estabelece cota de 15% das vagas dos concursos públicos federais para homossexuais e transexuais. Ele solicita que você encaminhe para os seus amigos por não concordar com o projeto de lei. O que você faria?

FAKE NEWS - SEGURANÇA

Suponhamos que você faça parte de um grupo de WhatsApp da sua comunidade, no entanto neste grupo não tem os mesmos membros que você tem como seguidores no *facebook*. Uma informação é colocada neste grupo sobre um suposto crime que ocorreu no seu bairro. O que você faz diante disso?

Você está se preparando para fazer um passeio ao centro da cidade. Uma pessoa próxima encaminha uma notícia sobre um suposto assassinato próximo de sua casa. Em seguida, você recebe novas notícias sobre uma série de mortes ocasionadas por este assassinato. O que você faria?

Um familiar seu encaminha para você uma notícia sobre um grupo de pessoas vestidas de branco que estão indo de casa em casa para contaminar as pessoas com o vírus HIV. Dias depois um agente da vigilância sanitária pede para entrar na sua casa para vistoria. O que você faria?

Suponhamos que no grupo de *whatsapp* do seu bairro que você faz parte é colocada uma informação sobre um suposto caso de violência sexual e o acusado por tal crime seria um morador do bairro. Os integrantes do grupo começam a planejar uma invasão na casa desse morador com intenção de realizar um linchamento. O que você faria?

Uma pessoa próxima encaminha para você uma informação sobre um suposto policial dizendo que a partir das 22h00min ocorrerá toque de recolher no bairro que você mora. O que você faria?

FAKE NEWS – SAÚDE

Um familiar seu encaminha para você uma notícia sobre os altos índices de mortes relacionadas à vacinação no Brasil. O que você faria?

FAKE – ARTISTAS

Um amigo encaminha para você uma notícia do jornal A Folha de S. Paulo informando que a cantora Pabllo Vittar teria obtido aprovação do governo federal para ganhar R$ 5 milhões por meio da Lei Rouanet. O que você pensa sobre esta notícia?